

OLAVO ROMANO

Casos de Minas

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

OLAVO ROMANO

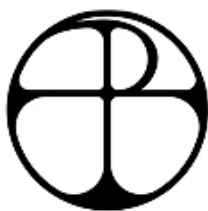
Casos de Minas


PAZ & TERRA

Olavo Romano

CASOS DE MINAS

9ª edição



PAZ & TERRA

© Olavo Romano

Produção gráfica: Katia Halbe

Imagem de capa: © StockBrazil

Diagramação da versão impressa: Join Bureau

Capa: Miriam Lerner

Revisão: Maria Clara Jerônimo

Direitos de edição da obra em língua portuguesa adquiridos pela Editora Argumento. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Texto revisto pelo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Respeitou-se nesta edição a vontade do autor, que procurou dar conta de um falar regional e popular, no uso de grafias e normas gramaticais em desacordo com o formulário vigente.

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R666c

Casos de Minas / Olavo Romano – Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2011.

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7753-231-5 (Recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. I. Título II. Série.

82-0320

CDD 869.93

CDU: 869.0(81)-3

EDITORIA PAZ E TERRA LTDA.

Rua do Paraíso, 139, 10º andar, conjunto 101 – Paraíso

São Paulo, SP – 04103-000

<http://www.record.com.br>

2013

Produzido no Brasil

Para

Kátia — esposa e companheira.

Paulo Sérgio e Ana Cláudia, nossos filhos.

Waldete, minha mãe.

Demosthenes, meu pai, saudade e lembrança.

Cláudio, Demóstenes, Paulo Afonso, Ronaldo, Vera

Lúcia, Raquel,

Alcéa, Homero, Leonardo, Waldete Emilia, Maria Ofélia,

Helena

Carmen, Túlio César e José Benevides, meus irmãos.

Aos amigos que me estimularam a escrever e publicar
este livro.

Sumário

- 1 Como vivem as pessoas
- 2 Êta eguinha boa!
- 3 Conversa de boteco
- 4 Medida de tempo
- 5 As compensações da vida e da morte
- 6 Conselho
- 7 A galinha de santa Luzia
- 8 Zé da Chica
- 9 Caçada
- 10 Revelações da história do Brasil
- 11 Pirraça
- 12 Questão de gosto
- 13 Hospitalidade
- 14 Aprendizado
- 15 Zizi do Palmital
- 16 Vó Raimunda
- 17 Eleição
- 18 O fim da vida
- 19 Segredo
- 20 Travessia
- 21 Vida de cachorro
- 22 Promessa

- 23Elogio
- 24Lucros e perdas
- 25Alma penada
- 26Avelino
- 27Sensibilidade política
- 28Herança
- 29Aula de religião
- 30Prescrição
- 31Visita pastoral
- 32Morrer em paz
- 33O bentinho do arreeiro
- 34Cigano
- 35Lição de arte
- 36Washington
- 37Kennedy
- 38Despedida
- 39O terço
- 40Lereia de preta velha
- 41Pressão baixa
- 42Dilema
- 43O mascate
- 44Andança
- 45Para mau entendedor
- 46Notícias
- 47As voltas que a vida dá
- 48Pesos e medidas
- 49O ninho
- 50Chiquito Lourenço

51Precaução

52Mudanças

53Paixão de toda a vida

54Como a gente negocia

Sobre o autor

Como vivem as pessoas

O velho jipe largou o asfalto e pegou a estrada de terra. Tudo correndo normal, com hora e meia entravam em Santa Maria. Os dois casais eram estrangeiros e iam apreciando a paisagem: região montanhosa, terra fraca, campo ralo e cerrado. De vez em quando uma fazenda com capineiras em volta, barracão quase afogado no capim verde. Aí o gado era melhor, holandês preto e branco ou branco e vermelho. Mas, no geral, eram vacas magras e compridas, orelhas grandes, lembrando a origem zebuada já meio perdida.

Passaram por três mulheres que balançavam as cadeiras e equilibravam na cabeça um feixe de lenha. Um bando de anus-pretos cruzou barulhento na frente do jipe. Um gavião carrapateiro voou para seu ninho. Estava quase anoitecendo.

Avistada de longe a serra do Cristal parecia um presépio. Lá teriam de abastecer. Daí a pouco estavam subindo a rua comprida, que chegava na praça da Matriz. Deram várias voltas sem encontrar uma bomba de gasolina. O menino sentado no passeio informou a casa, na esquina de baixo, onde podiam quebrar o galho. Foram até lá.

Um rapazinho os atendeu na porta, meio fascinado com o sotaque. Enquanto o tanque enchia, os homens quiseram saber sobre o fubá e as coisas que podiam ser preparadas com ele. O menino da gasolina pediu ajuda ao patrão. Muito calmo ele explicou como é que se fazia angu, farinha, broa comum e de fubá de canjica, sopa, mingau... A dona da casa convidou as duas mulheres para entrar, descansar um pouco, tomar um cafezinho.

— Aqui não tem indústria — disse uma delas.

— Tem não.

— O comércio também não é muito forte.

— Comerciozinho de lugar pequeno. Dá pra ir vivendo apertado.

— No caminho não vimos nenhuma fazenda grande, a terra parece fraca.

— É. Terra ruim. Nenhum fazendeiro muito forte.

— Em compensação não tem mendigo na rua.

— Tem mesmo não. A Conferência quase que só ajuda é o compadre Nicodemos, mesmo assim por questão de doença e bebedeira. No mais, todo mundo é mais ou menos remediado, nem muito rico nem muito pobre.

— A gente viu o povo na porta das casas, crianças brincando na rua. Todo mundo bem-vestido. Roupa simples mas limpa e de bom gosto. Pareciam bem alimentados e com saúde. Mais importante, tinham um jeito feliz.

— No comum, tirando alguma doença ou morte na família, que isto não tem jeito de não ter, o povo é feliz. Ou conformado.

— Mas, afinal, de que é que vocês vivem?

Apanhada de surpresa, ela pensou um minuto antes de responder. A única explicação foi esta:

— Ah, dona, acho que a gente vive é da misericórdia de Deus.

Êta eguinha boa!

Tio Tonico chegou da Boa Vista, quatro léguas batidas. Desarreou a Princesa, jogou-lhe água no lombo, que ela sacudiu com prazer. Botou milho no cocho, passou a raspadeira e tirou o cabresto. Enquanto a égua se refesteleava rolando no curral, colocou o enxergão pra secar, guardou o resto da arreata e foi caminhando em direção à porta da cozinha. Antes lavou as mãos, molhou o rosto e os braços na água fria da bica.

Tia Maria batia uma abobrinha, para afogar dali a pouco. Era de ver a esperteza dela, a faca indo e vindo na maior rapidez.

Ele foi entrando e cumprimentando, palavras poucas mas jeito amigo:

— Oi, Maria.

— Oi — respondeu ela, levantando as vistas sem parar com o serviço.

— Tudo bem por aqui?

— Tudo. E por lá?

— Sem novidade.

— Comadre tá boa?

— Mesma coisa. A irisipela, como sempre, coçando muito.

— E o compadre?

— Arrumou uma diversão: consertando porteira e trocando régua do curral. Diz-que passa o dia entretido com isso. É até bom pra ele, não tem sofrimento de ficar quieto.

— Ou sair por aí andando à toa — disse ela, caçoando.

— Ô, Maria. Bem que ocê podia esquentar uma água pra mim. Tou precisando de um bom banho, trocar essa roupa suada. Êta calorzinho danado!

Ela deixou a cuia com a abobrinha e a faca em cima da mesa. Pôs o tacho d'água numa trempe vazia e atçou o fogo.

Tio Tônico pegou uma canequinha esmaltada, encheu de café e foi bebendo devagar, um pé apoiado no rabo do fogão.

Outra vez picando abobrinha, ela perguntou:

— E a viagem? Alguma novidade?

— Correu bem. Novidade, teve uma. Quase vendi a Princesa.

— Não acredito. Só se fosse por muito dinheiro.

— Seis conto.

— Seis conto numa égua? Santo Deus! É dinheiro demais... Qual é o doido que te fez essa proposta?

— Vou te contar. Viagem grande, a gente sozinho. Olha uma criação, escuta o vento na folhagem, vê um passarinho voando, acompanha o movimento das nuvens. Quando é fé, o cristão já nem dá conta de nada. Vai sendo levado, anda um pedaço sem ver. A Princesa só indo, boa de boca, aquela marcha macia, mansa de poder passar debaixo. Fora o porte, que é difícil de encontrar: cabeça em pé, orelha sempre levantada, tala do pescoço bem formada, aquele pelo liso, sedoso.

— E o negócio?

— Pois é. Sentindo aquele galeio gostoso, aquela maciota, eu pensei: se não tivesse a Princesa, se precisasse de um animal de sela de toda confiança e alguém aparecesse querendo vender a égua pra mim, eu era bem capaz de oferecer seis conto...

Conversa de boteco

Zé Porfírio entrou na venda, saudou o pessoal. Mal sentou, João Tibúrcio foi dizendo:

— A gente conversava, ind'agorinha, sobre ocê.

— Sobre a minha fraca pessoa? — pergunta o outro com tingida surpresa.

— Deixa de papiata, Zé. Todo mundo sabe da sua vida, das voltinha que ocê dá por aí, cada dia pra uma banda...

— Boataria do povo. Não sei como tem gente que acredita nessa besteirada, baboseira à toa. Mas do que é mesmo que andavam falando? — indagou, fazendo de desentendido.

— Não é disto que ocê tá pensando não. É do padre, na Semana Santa, quando ocê foi pedir pra ser Santurião.

— E ele não deixou...

— Pois é. Disseram aqui que ocê não serve nem pra ser capeta na procissão.

— Também, pensando bem, o padre tem razão. Esse tanto de mulher que ocê tem por aí... — palpitou alguém, metendo a colher de pau.

— A gente tava discutindo era sobre as suas família.

Não houve modo de chegar num acordo — falou João Tibúrcio.

— E qual é a dúvida?

— A dúvida é que todo mundo teima que é quatro e eu aposto que é cinco.

— Cinco? É só quatro, falou Zé Porfírio com modéstia.

— Quatro nada, sô! É cinco mesmo.

— É quatro, João: tem a Isefa, que é minha mulher mesmo, legítima. Depois, a...

— ... a Joaquina, mais a Bia prima dela...

— E com a Mariquinha intera as quatro. Onde é que inventaram mais uma? — pergunta o conquistador do povoado.

João Tibúrcio olha em volta, encara Zé Porfírio e arremata a discussão:

— E a comadre Maria minha irmã?

Medida de tempo

Sebastião terminou o ginásio e mudou pra capital. Continuou a estudar, arrumou emprego, formou, foi tocando a carreira. Casado, família constituída, resolveu comprar um terreno, vizinho ao irmão que tinha ficado no interior. Dois espigões, campo ralo de um lado, um mato com cabeceira de gordura do outro, um ribeirão no meio. Na sede abandonada, quase virando tapera, os restos do barracão, madeirame do curral apodrecido. Muita gente achou aquilo uma loucura, alguns diziam que ele tinha levado a maior manta, outros falavam que devia estar ganhando dinheiro muito fácil na cidade, por isso podia pagar aquele preço por um pedaço de terra de terceira, ainda mais com tanto esbarrancado.

Sebastião deu um retoque na casa, botou nela o João da Ernestina com sua mulher e oito filhos. Arou o campo, meteu braquiária e napiê. Chamou carapina, construiu curral de régua aparada, moirão de aroeira com diamante na ponta. Levantou um barracão que era um despropósito, chão de cimento, cocheira, água correndo pra todo lado. Começou a trazer gado. O povo, acostumado com o pé duro do lugar, espantava de ver o tamanho das novilhas, bezerro de três meses parecendo

de ano. Mesmo na seca, João da Ernestina tirava leite de manhã e de tarde, trato dado até sobrar no cocho, o silo garantindo.

Os que tinham achado Sebastião louco, agora ficavam na dúvida. Uns ainda falavam, aquilo era pura exibição, com tanta despesa devia de ter o maior prejuízo, vai ver anda pendurado até o pescoço no Banco do Brasil. O povo cochichava, mas sempre aparecia um curioso, observando o movimento. Principalmente sábado, dia mais folgado para o pessoal do lugar. Tinha também a vantagem de poder ver o fazendeiro trabalhar. Costumava ir no fim de semana, ficava por ali fazendo pergunta, dando instrução, explicando.

Sebastião, entretido com João e os meninos maiores, cuidava do gado. Quando viram, um cavaleiro já abria a porteira do curral.

— Oi, Juca. Tudo bom?

— Graç'a Deus.

— Passeando?

— Vindo da comadre Luzia.

— Ela melhorou?

— Continua meio perrengue. Levei uns ovo de pato pra ela fazer gemada. Diz-qu'ê bom pra fraqueza.

— Apeia, Juca.

— Brigado. Tou com pressa.

— Pra que pressa? Hoje é sábado, dia de mamparra.

— Tenho negócio pra resolver ainda.

— Negócio de dinheiro ou de mulher?

Juca riu encabulado:

— Dinheiro a gente não tem mesmo. Mulher, quem dera!

— Se não é mulher nem dinheiro, o que pode ser tão

urgente?

— Preciso cortar a água do moinho. Daqui a pouco tá moendo pedra.

— O moinho pode esperar. Apeia, sô. Toma um café com a gente. Tá na hora.

João mandou um menino correndo pedir a mãe pra fazer café. Juca, ainda meio indeciso, acabou apeando. Amarrou o cavalo no esteio e ficou olhando os bezerros. Custou um pouco, acabou falando o que o olhar já tinha dito:

— Bezerrada boa a sua, né, Sebastião?

— Bem bonitos.

— Beleza! Cada patola!?

— Quanto vale um como este aqui?

— Sei não.

— Só um cálculo, assim por alto?

— Pra bezerro bom como esses, tou sem base.

— Mesmo um pouco pior, quanto vale?

— Ah, sô, é difícil falar.

— Não tem tido negócio por aí?

— Anda meio frio. Ostordia vendero uns por quatro conto.

— Tem muito tempo?

— Tem muito não — respondeu Juca de um jeito vago. Depois, pensando melhor, completou a informação, agora com toda certeza:

— Vou te contar que é um ostordia bem pequenininho, questão de dois mês.

As compensações da vida e da morte

O lugar não tinha padre fixo. Missa era de mês em mês, uma às sete e outra às dez. Para esta vinha o pessoal da roça, chegava já almoçado. Na festa da padroeira o arraial se animava. Celebravam todos os santos deixados para trás, cada noite uma fogueira, um mastro, leilões e foguetório. Todas as casas ocupadas, os fazendeiros vinham de mudança trazendo latas cheias de roscas, pão de queijo, doce de leite, goiabada.

Damasceno era festeiro de são José. Caprichava nas providências, não importava de gastar dinheiro do bolso. Sabia que só na base de esmola e leilão não dava nem para os foguetes. Andava atarefado de um lado para outro quando avisaram de um recado urgente em casa. João Rita, empregado da fazenda, tinha caído do cavalo. Bateu com a cabeça no chão, diz-que não dava mais fé de nada. O jeito era sair logo pra cidade, ver se trazia um médico, achar recurso depressa.

Damasceno pegou o jipe, saiu desembestado. Pensava no que havia de ser do João Rita, no tanto de coisa que ainda precisava providenciar para a festa de são José. Com muito movimento no caminho, um poeirão danado, tinha hora que nem enxergava a estrada direito.

No meio da tarde, o povo não falava de outra coisa: acharam o jipe despencado num barranco. Damasceno morreu na hora. Todo mundo embasbacado. Quem haveria de dizer que uma coisa daquelas estivesse pra acontecer? Fazia poucas horas ele estava todo animado, esmerando nos preparativos do dia seguinte. A festa perdeu a graça.

O velório foi dos mais concorridos do lugar. Primeiro, porque o morto era pessoa estimadíssima. Segundo, o arraial estava cheio de gente da roça que, normalmente, não poderia comparecer. João Rita tinha voltado a si, era o que mais chorava. Não parava de repetir: — “Coitado do compadre Damasceno. Morreu por conta de mim.” De vez em quando acrescentava, no meio dos soluços: — “E o pior é que acabou morrendo sem precisão nenhuma.”

Uma parenta, ao lado do caixão, perguntou à mãe do morto:

— Que horas Damasceno saiu daqui?

— Podia ser umas onze, mais ou menos.

— Ele tinha almoçado?

— Almoçou e saiu.

— Graças a Deus não morreu com fome, né, comadre?

Uma vizinha, ouvindo a conversa, interveio:

— Pior foi o compadre Zé Romeiro.

— Que que teve com ele?

— Levantou, pediu à comadre Carmelita pra esquentar um ovo e foi pro alpendre.

— E aí?

— Já andava muito patife, aquele incômodo dele, chegou no alpendre e caiu morto. Ainda bem que caiu pra dentro...

— Por quê?

— Já pensou se caísse pra fora? Aquela altura enorme, em tempo do pobre do compadre Zé Romeiro quebrar o pescoço!

Conselho

Doutor Ciro Ramalho, logo que se aposentou como engenheiro do Estado, resolveu voltar para sua terra. O prefeito, sabendo de seus planos, convidou-o para chefiar o Serviço de Obras da cidade. Foi a sopa no mel.

Desalugada a antiga casa, deram nela uma pintura, tiraram goteiras e mudaram em seguida. Dona Rosinha, passada a fase de visitas de boas-vindas, se entretinha na horta e no jardim. Doutor Ciro dava uma chegada na Prefeitura de manhã, assinava papéis, dava ordens ao encarregado e ia bater papo no bar até a hora do almoço. A sesta era sagrada. No meio da tarde costumava dar uma olhada nas obras, só para constar. O resto do tempo — que na verdade era a maior parte — gastava cuidando dos passarinhos, ouvindo música clássica, lendo algum romance ou simplesmente não fazendo nada. Os mais linguarudos diziam que doutor Ciro não queria nem saber quem tinha pintado o urubu de preto. Outros falavam que o prefeito tinha arrumado para ele uma nova aposentadoria, aquilo era uma verdadeira mamata.

Um dia o velho engenheiro fumava seu cigarrinho depois do almoço, amolecendo o corpo para a sesta,

quando bateram palmas com insistência na porta da rua. Era Sebastião, feitor do Serviço de Obras. Bufava esbaforido, como se tivesse visto alma do outro mundo. Doutor Ciro, sem perder a tranquilidade, perguntou com voz pausada:

— Algum desastre no serviço, Sebastião?

— Não senhor. Quer dizer, acho que não.

— Qual é o problema?

É eu mesmo, doutor. Tou em tempo de perder a cabeça.

— Puxa uma cadeira, senta e conta o que que há. Doença em casa?

— Antes fosse. Coisa pior, Deus me perdoe.

— Então conta logo, homem!

— É minha mulher. Aquela desgraçada.

— O que foi que sua mulher arranjou?

— Hoje é hoje, doutor. Uma besteira qualquer eu faço. Ou mato a cadela ou passo fogo no ouvido. Me ajude, doutor. Pelo amor que o senhor tem pelos seus filhos. Me ajude antes que eu faço um desatino.

— Posso até te ajudar, Sebastião. Mas, primeiro, senta — olha a cadeira aí — acalma e me explica o que aconteceu.

— O seguinte é este: desconfiar, eu já desconfiava há muito tempo. Hoje resolvi conferir, pra não viver na dúvida.

— E aí?

— Almocei e saí logo, com desculpa de serviço atrasado. Dei uma voltinha e subi despistado naquela mangueira que tem bem na frente da minha casa. É árvore de copa grande, muita folha, não tinha perigo de ninguém me descobrir. Eu podia ver a casa toda, qualquer novidade.

— E você viu o quê?

— Não gosto nem de lembrar, e garanto que o senhor nem vai acreditar. Ela deu um assobio, responderam com outro, de longe. Deu mais um, a resposta já vinha vindo meio de perto. Igual quando a gente caça com pio.

— E então?

— Então, doutor Ciro? Pio daqui, pio dali, eu lá em cima. Logo enxerguei um homem chegando pelo fundo da horta. E sabe quem era? Me dá vontade de matar os dois. O senhor não arrisca um palpite? Pois era o sem-vergonha do meu compadre Antenor, aquele canalha filho de uma mãe! Eu desconfiava de uma porção de gente, mas nunca tinha pensado naquele patife, me apunhalando pelas costas.

— Mas eles chegaram a fazer alguma coisa?

— Ora, doutor, fizeram de tudo. Primeiro abraços e beijinhos, cochichando safadezas, dando risinho de pouca-vergonha. Depois foram pro quarto, cerraram a janela. E eu lá em cima da mangueira, feito um macaco. Ainda bem que não tinha um revólver, senão arreventava os dois na bala. O que que eu faço, doutor Ciro? Me ajude pelo amor de Deus. Preciso demais de seu conselho, da sua experiência.

O velho engenheiro ficou em silêncio. Tinha pena daquele infeliz, mas não via como ajudá-lo. O marido, como diz o povo, é o último a saber. O empregado esperava aflito. Tão aflito que em seguida repetiu a pergunta, agoniado.

— O que que eu faço?

Doutor Ciro esfregou a barba, levantou, olhou a mangueira do quintal... O esperado conselho veio em frase curta:

— Corta a mangueira, meu filho! Corta a mangueira!

A galinha de santa Luzia

— Beleza de ovos, hein, dona Maria?

— Bonitos, minha filha. Mas tou com medo duma trapalhada.

— Trapalhada?

— Nas galinha. Já aconteceu uma vez.

— O que que aconteceu?

— Eu tava com uma ninhada nova, já ficando tudo criadinho, uma franguinha apresentou com boba. Aquilo, ocê sabe, é um desastre. Quando bate, acaba tudo. A franguinha — pra falar a verdade era ainda uma pintinha — foi ficando triste, não aceitava água nem comida, só cochilando. Logo apareceu aquela perebada em roda dos olho, daí a pouco tava tudo tampado. A coitadinha ia ficar cega, pensei. E o pior é que o mal pega, eu podia perder minha criação em pouco tempo. Aí me veio na ideia a história da promessa.

— Promessa?

— É, minha filha. Pois santa Luzia não é protetora das vista? E minha franguinha não tava ficando cega? Então?

— Que promessa a senhora fez?

— De dar a franguinha pra santa se ela sarasse. E

todo ovo que ela botasse em vida.

— Deu certo?

— Pois sarou naquela semana mesmo. Fiz a promessa na segunda, na sexta ela já tava lampeira, andando pra todo lado, comendo de tudo, ciscando, toda alegrinha.

— E a promessa, a senhora cumpriu?

— Havia de não cumprir? Com Deus e com santo da devoção a gente não brinca! Depois que ela começou a botar, toda manhã eu apalpava a Luzia — dei esse nome por causa da santa. Se tinha ovo eu separava, ia juntando tudo numa cuia. Aí eu vendia, anotava e dava o dinheiro pra santa Luzia.

— E deu muito?

— É bem capaz d'ocê não acreditar. Tenho tudo anotado lá em casa. Se quiser te mostro. Calcula quanto.

— Não faço ideia.

— Faz mesmo não. Pois juntando tudo deu seis conto, até ela ficar velha e parar de botar.

— E a senhora, vendeu a galinha?

— Vender não dava, tudo era muito barato. Pus no leilão.

— Quanto deu?

— Deixa eu contar. Uma galinha naquele tempo, ainda mais velha, podia valer quanto? Uns vinte e cinco cruzeiro, no máximo — estourando, estourando — trinta.

— E quanto rendeu?

— Calma, minha filha. Deixa eu acabar de contar. O pessoal foi dando lance. O leiloeiro apregoou cinco pra começar. Um daqui, outro dali, foi subindo: sete, oito, dez, quinze, vinte cruzeiro. Aí parou um tempão: — “Vinte na galinha! Vinte cruzeiro! É vinte! Quem dá mais?” Eu vi que era difícil subir. Então combinei com

uma comadre minha da gente repicar, pra ver se o povo entrava.

— Deu certo?

— Quando o leiloeiro já ia dizendo “Dou-lhe uma”, e o lance era meu, minha comadre gritou: “Vinte e cinco!”. Ficou naquilo, ninguém mais entrava no leilão, só nós duas. Aí puxei pra trinta. Ela logo pôs trinta e cinco, eu mandei quarenta.

O leiloeiro sabia da promessa, começou a atijar o povo: — “Cadê os homens desse lugar? Será que a galinha vai ficar com uma dessas senhoras? Cadê o povo de dinheiro? É quarenta pra dona Custódia não levar!” Aí ele piscou pra comadre, ela olhou pra mim aflita. O trato era levar o lance até uns trinta, na esperança do Elpídio, o leiloeiro, botar fogo no povo endinheirado, e a gente sair fora. Mais de trinta a galinha não valia de jeito nenhum. Eu, pra falar a verdade, comecei a ficar com medo, sempre fui pessoa de pouco recurso. Mas logo senti que aquele medo era uma fraqueza. Santa Luzia havia de ajudar pra render mais dinheiro. Afinal, a galinha era dela, tinha até o mesmo nome. Com isso eu animei, me deu uma coragem esquisita, fui logo fazendo um sinal de cabeça pra comadre Custódia. O Elpídio percebeu, entrou quente de novo: — “É quarenta pra dona Maria levar! É quarenta pra dona Custódia não levar! É quarenta cruzeiro! Dou-lhe uma! É quarenta! Dou-lhe duas!”

Comadre Custódia, firme no nosso trato, gritou bem alto: — “É quarenta e cinco pra comadre Maria não levar!” Virando pros fazendeiro, aquela homarada só olhando, completou inchando os peito: — “Esses home daqui não guenta as muié.”

Elpídio aproveitou a deixa: — “Ê, gente! Tamos

sendo desafiado. Será possível, sô Aniceto? Não vai falar nada, sô Chiquito?”

O Aniceto, pra salvar a honra, respondeu: — “Essas mulher tão é doida, Elpídio. Onde já se viu uma galinha, ainda mais velha como essa, passar de vinte cruzeiro?”

Elpídio explicou: — “O senhor é porque não sabe a história dessa galinha. Olha aqui o que que tá escrito nesse cartão. Podem examinar, cheguem mais perto pra ver.” Segurou a galinha com a mão esquerda e com a direita levantou o cartão preso na asa, contando todo o caso desde o dia da boba, a promessa, os seis conto de ovo que eu vendi e o compromisso de dar o dinheiro do leilão pra santa Luzia.

— Nessa hora o negócio esquentou.

— Esquentou, minha filha? Pegou fogo! Aniceto foi pondo cinquenta, Quinca Borge, que tinha um incômodo nas vista, subiu para cinquenta e cinco. O outro, pra não ficar por baixo, mandou sessenta, logo tava em cem. Aí eu mais a cumadre Custódia já tava de palanque vendo a porfia dos homem.

— E qual dos dois arrematou?

— Aniceto, quando viu a disposição do Quinca Borge, saiu fora nos cem cruzeiro. Aí entrou o Nico Barbosa. Ele tinha uma filha cega de nascença e deve ser por isso que animou tanto. Ficou o repique dos dois, de vinte em vinte, até chegar nos duzentos. Nessa altura o Quinca Borge saiu. Nico Barbosa ficou todo intimado quando Elpídio gritou: — “Duzentos cruzeiro na galinha de santa Luzia! Duzentos pro sô Nico Barbosa levar! Duzentos pro sô Quinca não levar! Dou-lhe uma! Dou-lhe duas...” Quando começou a levantar a galinha pro lado do Nico e já ia dizendo “Dou-lhe três” foi aquele espanto.

— Por quê?

— O Zico, um cego que vivia de esmola, gritou com a vizinha embaçada dele: — “Duzentos e trinta!” Na hora ninguém entendeu. Depois falaram que era coisa do Quinca Borge, diz-que só ele prometeu quase duzentos cruzeiros pro cego. Tinha lá uma malquerença antiga com o Nico Barbosa, era uma espécie de desforra. Mas isso foi contado depois. Na hora era só o espanto, o Zico, que vivia de esmola, enfrentando daquele jeito um dos fazendeiro mais forte do lugar.

— E o Nico Barbosa, desistiu nos duzentos e trinta?

— Que nada! Botou duzentos e cinquenta. Quase na hora de receber a galinha, Zico subiu pra duzentos e sessenta. Aí foram de dez em dez, também já tinha virado um despropósito. O último lance do Nico Barbosa foi duzentos e noventa. Aí o ceguinho botou trezentos, levou a galinha.

— Que coisa, hein? Trezentos cruzeiros!

— E foi uma festa danada. Saíram carregando o Zico, ele com a galinha na mão, o povo gritando, o Nico Barbosa com aquela cara trunfada. Agora vê bem se isso não é um verdadeiro prodígio. Outro milagre de santa Luzia. Foi o que eu depois falei com a comadre Custódia. E ainda tem gente por aí que não acredita, não é mesmo?

Zé da Chica

Viviam Zé da Chica e sua mãe, Chica do Pedro, numa casinha rebocada na saída do arraial. Zé era meio fraco da cabeça, de vez em quando sumia. Ai todo mundo já sabia: estava em Barbacena, para onde mandavam os doidos do lugar. Ao contrário dos outros, voltava sempre. Então cuidava das duas únicas coisas de seu gosto: a plantação de abacaxi no terreno areento perto do córrego e a criação de cabritos.

Os abacaxis, mesmo mirrados, mais coroa do que fruta, sempre rendiam alguma coisa em dinheiro ou trocados por sal, açúcar e querosene na venda do Bento Pereira. Os cabritos viviam na lei de Deus, criados sem trato, rapando tudo que apontasse no terreno carrasquento, fosse capim ou ramo.

Medo a gente não sentia do Zé. Só um pouco de cisma. Uma vez cheguei até a conversar com ele. Conversa pouca, só respondia aos arrancos, jeito desconfiado, olhar distante. Descobri que a cisma dele é que punha a gente cismado e perdi o medo de gente doida.

Um dia Zé da Chica subiu a rua mais calado do que nunca. Ia triste, os olhos inquietos, direto para a venda

do Bento Pereira. Gente que estava lá disse depois: — “Coitado! Tá aqui, tá em Barbacena de novo.” Explicaram que o infeliz andava numa nervosia de fazer dó. — “Tá uma pilha, vai estourar qualquer hora dessas” — falou um. — “É uma dúvida com os cabritos lá dele, é doido com os bichos”, disse outro. Bento Pereira contou depois, com seu jeito calmo, que tinha dado piolho nos cabritos, estava caindo o pelo todo, Zé não sabia como proceder. Falaram que bom pra matar piolho de animal era querosene.

Na boca da noite Zé da Chica chegou em casa e fechou os cabritos no curralzinho de pau roliço. Além de magros, tinham manchas sem pelo por todo o corpo. Mesmo no lusco-fusco, podia-se ver a pele viva e enrugada. Zé saiu andando no meio dos animais, alisando o lombo de um, passando a mão na cabeça de outro, chamando cada um pelo nome. Os cabritos lambiam sua mão, deixavam-se acariciar. A noite caía.

Depois de conversar com todos, Zé da Chica pegou o galão e começou a jogar querosene nos bichos. Os piolhos pulavam, ferviam, os cabritos se coçavam com o pé, relavam na cerca, chifravam uns aos outros. Zé foi falando com eles, alisando, empurrando cada um devagarinho até juntar todos num canto. Ninguém nunca ficou sabendo porque de repente ele riscou um fósforo e jogou nos animais amontoados no canto da cerca.

Quando Sá Chica do Pedro chegou — depois veio chegando mais gente, das pontas de rua — atraída pelo clarão e pelos berros agoniados, aquele cheiro de cabelo e carne, o ar carregado de fumaça de querosene, encontrou seu filho sentado na cerca de pau roliço, mãos no queixo, rosto alumiado pelas tochas dos cabritos

queimando. Nos olhos parados uma expressão que nunca tinha visto. Os lábios se moviam sem parar. Mais de perto ela ouviu uma ladainha que não acabava mais:

“Agora é ruim para vocês, depois vai ser bom para vocês.

Agora é ruim para vocês, depois vai ser bom para vocês.

Agora é ruim para vocês, depois vai ser bom para vocês...”

Caçada

Ramiro era mascate. Já de tardinha entrou no curral do fazendeiro José Anacleto Lopes, mais conhecido por Juca Ncreto, que logo mandou soltar a mula no pastinho e guardar a tralha.

Novato na região, não tinha intimidade com sô Juca. Resolveu pousar lá por duas razões: dona Chiquita não dispensava uma boa água de cheiro, além de ser freguesa certa de tira-bordada e ponto-russo. A segunda razão eram as moças da casa, olhos morteiros e cheiro de sabonete.

Pra chegar até ali o mascate tinha feito sete léguas em trote largo, parando só em lugar de freguesia certa, negócio garantido. Agora, sentado no banco do alpendre, sentia um oco na barriga e escutava o ronco do estômago.

Juca Ncreto falava descansado, fazia muita pergunta, queria saber tudo quanto era notícia, boato e lorota naquela sesmaria por onde Ramiro rodava mascateando.

Ramiro sabia que, pelas regras do mascateio, cama e comida se paga com casos e novidades. Fazia sua parte mesmo com a barriga nas costas. Esperava, paciente, a

hora de pegar uma deixa, um ponto, como se diz na roça. Numa pausa de conversa, viu uma trela de cachorro pendurada no caibro do alpendre. Aí entrou jeitoso:

— Tô vendo essa trela, sô Juca, parece que o senhor gosta duma caçadinha.

— É, sô Ramiro, apriceio.

— O que o senhor prefere caçar?

— De tudo. Bicho de pena, bicho de couro... conforme.

— O povo fala que cachorro, pra caçar bonito mesmo, tem de ficar sem comer de véspera. Isto é certo, sô Juca?

— Eles falam.

— E o senhor usa fazer isso? — perguntou Ramiro olhando a trela.

— Uso, sim senhor.

— E dá resultado, sô Juca?

— Tem dado.

O mascate, barriga roncando, as tripas vazias, os olhos vidrados na trela, falou, uivando de fome, quase gemendo:

— Ah, sô Juca Necreto, o senhor me desculpe lhe falar desse jeito, mas se eu fosse cachorro ninguém me ganhava hoje numa caçada.

Revelações da história do Brasil

Adiante do antigo arraial, no ponto onde terminava a estradinha de terra, já perto do ribeirão, um preto velho arrancava pedras com a picareta e fazia pequeno monte.

Parei para um dedo de prosa.

— Bom dia.

— Bom dia.

— Muita pedra?

— Tinha mais. Agora anda vasqueira.

— Vende pra onde?

— Pra Saramenha. Lá bota no forno, faz alumínio, não sei se ferro, essas porcarias.

— Pagam bem?

— Cem cruzeiro a tonelada.

— Vale a pena?

— Quer dizer, vale e não vale. Aqui não tem outra coisa pra fazer, sempre cai um dinheirinho.

— Quantos anos o senhor tem?

— Cento e dez já passou longe.

— Cento e dez? E o senhor sempre viveu aqui?

— Nasci em Catas Alta da Noruega. Conhece? Pois é. Lá plantei cana, fazia cachaça e vendia. Uma vez combinei uma partida de pinga por sete mil-réis, era

metade minha, metade do patrão. Entregamo a mercadoria em confiança, o home sumiu sem pagar. Era um prejuízo naquele tempo.

— Fazia só cachaça ou mexia com outras coisas?

— A gente negociava gado também. Uma vez meu patrão vendeu uma boiada a cinco mil-réis a cabeça. Levamo tocado até Lafaiete. Cinco mil-réis, imagina. Hoje, com cinco mil-réis, a gente não compra nem cinquenta grama de carne...

— De Catas Altas o senhor veio pr'aqui?

— De lá fui morar em Ouro Preto, o senhor já viu falar? Antigamente era Vila Rica. A capital. A princesa Isabel morava lá.

— Em Vila Rica?

— O senhor não sabia? E o Tiradente era o secretário dela.

— É mesmo? Já li sobre isto há muito tempo, não lembrava direito.

— Viveno em cidade, a cabeça esquentada, a pessoa fica esquecida. Mas, conforme eu ia contano, o Tiradente era secretário da princesa Isabel. Um dia ela teve que viajar, ia passar uns tempo fora, ele ficou tomano conta dos negócio.

— E aí?

— Aí? Escuta só. Tinha lá um meninote, um escravo, que era o xodó da princesa. Mas, longe dela, era um capeta em figura de gente. Não sei o que que ele arrumou com o Tiradente, fez alguma arte muito séria, quando o secretário da princesa foi chamar a atenção — afinal ele ficou no lugar de chefe — o menino faltou com o respeito. Discutiro, foi aquele tendepá. Resultado: na confusão, Tiradente acabou matano o rapazinho. Terminou de matar e foi logo gritando a liberdade.

— E quando a princesa chegou?

— Contaro pra ela as duas coisa: a morte do menino e que o Tiradente tinha gritado a liberdade antes da hora.

— Aí a coisa ficou feia.

— Se ficou. A princesa foi logo chamano o Tiradente e, pela cara dela, ele viu que o trem andava preto. Ela falou que pior do que matar o escravo tinha sido gritar a liberdade antes da hora. Isso ela não podia tolerar de jeito nenhum. Pegou um livro grande e leu o crime de gritar a liberdade. Lá tava escrito também que ele tinha de morrer e que a palavra da princesa não podia voltar atrás. E de fato não voltou. Pouco depois a princesa mandou matar o Tiradente. Dizem que até chorou, mas o que que ela podia fazer?

Terminado o caso, o velho joga uma pedra no monte, meio distraído. Virando-se para mim com um ar maroto, diz: — “Mas este povo era danado de sabido. O negócio já tava todo combinado lá entre eles.”

Pirraça

Na fazenda da Cachoeira, João Rufino e dona Glória criaram família, casaram os filhos, viram crescer os netos. Já passando dos setenta, tinham a companhia de Rosa, solteira e quarentona, filha de criação.

Os dois nunca foram de muita conversa entre si. Antigamente costumavam entrar no assunto dos meninos, conversavam por tabela. Casada a última filha, quase já não usavam este recurso: Rosa era ainda mais seca do que os velhos.

Quando chegava algum estranho dava gosto ver João Rufino contando caso de quando veio para a Cachoeira ou do negócio dos filhos, cada um prosperando mais. Dona Glória entretinha as visitas falando da criação de peru, angola, pato e pavão. Era como se fosse pra enfeite ou distração. Daqueles bichos ninguém nunca comia a carne. Aproveitavam só os ovos, às vezes as penas que caíam. Se tinha criança na casa, dona Glória puxava pela mão e sumia na horta até pegar o pavão abrindo roda. Ele costumava assustar, aí encarapitava numa árvore, só dava pra escutar a gritaria. Assim mesmo era um divertimento.

Dona Glória gostava também de colcha tecida. Abria

uma canastra antiga, ia tirando um punhado, cada qual mais bonita, aquela variedade de desenho e colorido. As filhas levaram as suas quando casaram. Essas ficaram para as netas, uma já quase noiva.

Além de pouco falarem entre si, os velhos ultimamente tinham dado pra implicar um com o outro. Na hora de maior azedume, um puxava antigas rusgas, defeitos da família do outro lado, coisa forte, de melindrar e ofender. Passavam dias sem trocar palavra. Depois, quando abriam a boca, era pra dar novas estocadas, remexer a ferida ainda aberta.

Um dia, por qualquer dê cá essa palha, ferraram briga feia. Palavrões, ofensas, a situação ficou preta. Rosa pelejando pra jogar água na fogueira, a coisa só esquentando. João Rufino saiu pisando duro e jurou: — “Não boto mais os pés dentro de casa enquanto esta caninana viver.” A filha de criação foi atrás, conversaram um tempão na casinha de creme. De noite ele foi dormir no paiol.

Os enxergões duros fediam a suor de cavalo; o coxinil, que enrolou para servir de travesseiro, esquentava; os ratos passaram a noite andando e chiando no monte de milho. Mas João Rufino sentia um secreto conforto em cumprir sua palavra. Se não fosse pela Rosa, tinha mesmo era sumido daquele maldito lugar.

Dona Glória, lá dentro de casa, espojava na cama, “sem ter que encostar, por algum descuido, no corpo nojento daquele velho sem consideração”, como disse pra Rosa de manhã cedo.

O velho foi direto do paiol para o barracão. Rosa levou o bule de café e a bandeja de quitandas. Tirado o leite, arreou o Príncipe, foi correr a invernoada: levar sal

para o gado solteiro, curar bicheira de duas novilhas. Empurrava o tempo longe de casa.

Na volta, soltou o cavalo, subiu pro paiol. Ficou remexendo no milho, quando deu fé o caixote do debulhador estava cheio. Pura inventação de moda, refrescava a cabeça, acalmava os nervos. Daí a pouco chegou Rosa chamando para almoçar. Estava sem fome, respondeu. Ela falou que então ia buscar o almoço, ele ficou calado. Logo voltava com o prato cheio de quiabo com angu, arroz, feijão e um molho de ovo com tomatinho de cerca. — “Preparei o quiabo como o senhor gosta, bem refogadinho, sem baba nenhuma.”

Acabou de almoçar, pegou enxó, formão, martelo, plaina e prego, saiu pelo fundo da horta. Passou a parte da tarde consertando as pás do moinho, fazendo uma grade nova para a boca da setia — na velha faltavam uns dentes, vivia passando folha e ramo, tirando a força da água. Só voltou quando viu o moinho rodar macio, as pás quase voando, água espirrando pra todo lado, até parecia que cantava.

No paiol, guardou as ferramentas e teve a primeira surpresa: Rosa tinha varrido o lugar e, num canto mais protegido, longe do monte de milho, estava um catre com colchão de crina e roupa de cama cheirosa. Do lado, uma mesinha com jarra, bacia e caneca de alumínio. Debaixo da cama o urinol.

A outra surpresa veio daí a pouco. Rufininho, avisado da briga, acabava de chegar. Primeiro foi conversar com a mãe. Por lá ficou quase meia hora. Aí subiu pro paiol. Sabia como o velho era arreminado, por qualquer coisinha dava um estrilo. Entrou devagar:

— Bença, pai.

— Deus te abençoe, meu filho. Comé que anda o

peçoal por lá?

— Tudo bem, graças a Deus. Mandaram lembrança.

— Brigado.

Olhou a cama, viu a mesinha do lado, disse meio brincalhão: — “Quartinho ajeitado, hein?”, João Rufino não respondeu, mas os olhos brilharam levemente.

Rufininho olhou o teto, correu a vista pela parede, observou os buracos deixados pra arejar o milho.

— O defeito que tem é o frio de noite. Ainda mais nesse tempo.

— A gente deita cansado, nem vê frio — respondeu o velho.

— Que trapalhada esse negócio, hein pai? Como é que vai ficar?

— Pergunta sua mãe. Por mim, é melhor assim.

— Mas cada um tem de ceder um pouco. E o senhor — cá pra nós — sempre foi meio turrão, não é, pai?

— Turrão, eu? Tá enganado, meu filho. Eu ando é cansado. Não sei como aguentei esse tempo todo. Acho que foi por causa d’ocês, pelas suas irmãs. Por mim, eu já tinha era sumido daqui. Fico pensando é na Rosa, coitada.

— Precisa acalmar, deixar de bobagem. De cabeça quente, um ofende o outro até sem querer. O senhor reclama da mãe, mas ela também anda muito queixosa. Nem pôr os pés dentro de casa o senhor pôs...

— E já falei que não boto enquanto aquela cobra viver.

Resultado: Rufininho foi embora deixando para trás a mesma situação.

Cidinha, mais chegada à mãe, era a caçula das filhas, veio do Barreiro Grande com o marido. Escutou, conversou, pelejou... Acabou voltando sem conseguir

nada. Os vizinhos mais próximos tentaram ajudar. Tudo sem valia. Cada qual jogava a culpa no outro, lamuriava, ninguém arredava pé.

Era meados de junho, tempo danado de frio naquelas paragens. Rosa botou mais um cobertor no paiol, de noite João Rufino tinha se enrolado na capa Ideal. Dona Glória soube e falou com a filha adotiva, como se fizesse uma pergunta trivial: — “Será que não convém levar mais uma colcha pro paiol não?”. No modo dela falar, Rosa sentiu falta do antigo ódio. Desconfiou que tinha até notado um leve cuidado. Então arriscou responder com outra pergunta, feita dum jeito casual:

— Quem sabe já não é hora do pai voltar?

— Quem saiu de casa fui eu, por acaso?

Rosa foi levar café pro velho, que consertava uma porteira perto da manga de porco. No caminho foi pensando no tanto de coisas feitas naquele mais de mês que já durava a briga. Sacos e mais sacos de milho debulhado, coisa pouco comum; o serviço era feito a cada dia, trefinha leve guardada pra depois da janta. Nunca as porteiras estiveram tão boas: as mais velhas foram trocadas, as outras todas consertadas. As cercas com arame repregado, moirões novos em muitos lugares, tinham de tão esticadas.

Dona Glória juntava balaies e balaies de fiado de várias cores, resultado de horas sem conta limpando e descaroçando o algodão. O trabalho de fazer as pastas — as cardas, ásperas, passando uma na outra, o algodão tomando forma. Aí vinha a roca, sonolenta, o fuso girando, o pé no pedal de madeira, as mãos atentas esticando o fio, dando a espessura certa, testando a resistência. Depois, na dobadoura, os fios virando meada. Em seguida a tintura, o tear, a tecedeira.

Já quase chegando à porteira, Rosa pensou: “Com esse tanto de fiado, mais a lã que põe junto, é capaz de ter um dilúvio de colcha um dia desses.”

Enquanto João Rufino bebia café, Rosa aproveitou para dar um toque, jeitoso:

— Tá esfriando, né pai?

— Tá no tempo, minha filha...

Rosa, olhando o poente avermelhado, emendou:

— Parece que vai gear esta noite.

— Parece — respondeu seco, o pai.

— Quem sabe o senhor não voltava pra casa. Com esse frio... É até perigoso dormir no paiol.

— Palavra de homem não volta atrás, minha filha — cortou ele, decidido.

Rosa voltou sem esperança.

De noite geou forte. João Rufino calçou meia de lã e cobriu a cabeça com a capa Ideal. O vento assobiava. Achou a cama dura.

Na cama larga, dona Glória custou a esquentar. Quase chamou Rosa pra dormir com ela. Depois, achou que não podia dar o braço a torcer.

De manhã cedo, quando foi levar café no barracão, Rosa comentou sobre a noite mal dormida da mãe, atacada de bronquite.

— Bronquite? — perguntou o velho.

— Diz ela — respondeu a filha, sem muita convicção. Do barracão João Rufino deu uma passada pela cozinha, coisa que não fazia há quase dois meses. Apoiou um pé no rabo do fogão, botou o café pra esquentar.

Dona Glória lavava arroz na pia perto do fogão. Deu uma tossida e olhou de lado. João Rufino tinha acabado de voltar o rosto para o lado dela. Ela virou para a pia, ele ficou alisando o gato enroscado no rabo do fogão. A

mulher tossiu de novo, agora mais forte. O marido falou:

— Bronquite, com este frio, agrava. Precisa agasalhar mais.

— Tem perigo não.

João Rufino continuou dormindo no paiol, mesmo com o frio. Mas já vinha tomar café, de manhã cedo, dentro de casa. Dona Glória tinha mandado Rosa falar que, com aquele tempo, esfriava só de levar no barracão.

Três dias depois, quase na hora do almoço, chegou um cavaleiro. Era Teodoro, o juiz de paz da cidade. Entra ano, sai ano, sempre reeleito no tempo da política. Muito estimado, o povo apreciava principalmente seu jeito decidido de resolver as questões.

Foi chegando e avisando que precisava falar com os dois. Logo chamaram para almoçar. João Rufino não teve escolha: acabou sentando, meio constrangido, ao lado da mulher. Enquanto comia foi direto no assunto: — “Olha, seu João e dona Glória. Não vou fazer rodeio. Soube do acontecido e achei que já passava da hora da gente ter uma conversa.”

Os velhos olhavam um para o outro, muito sem jeito. Ficaram calados. Quem falou foi Rosa:

— Pois é, seu Teodoro, a gente já cansou de pedir mas não adianta... Quem sabe o senhor não põe um paradeiro nesta situação?

— Eu vim foi para isto mesmo. É um absurdo. Então criam uma família que serve de exemplo pra todo mundo, quando chega a hora de descansar em paz, começa esse tipo de coisa? Deixa de ser sistemático, seu João, e volta hoje mesmo pra dentro de casa! Em tempo de pegar uma pneumonia naquele paiol gelado! Como se já não bastasse a bronquite da dona Glória...

Virando-se para a dona da casa, continuou o sermão:

— E a senhora, entenda: a volta de seu marido não é nenhuma fraqueza. A partir de hoje ele fica dispensado da palavra que deu. Faça o favor de não ficar esquentando a ideia dele depois que eu for embora.

Comeu mais umas duas garfadas, olhou para os dois, ainda calados, e concluiu:

— Preciso viajar logo depois do almoço e quero ter certeza da solução definitiva. Vamos acabar imediatamente com esta bobagem, isso já durou demais da conta.

Os dois nada tinham dito. Entreolharam-se. A resposta, como nascida de um secreto entendimento, veio de uma vez só:

— Palavra do senhor pra nós é lei!

Domingo, na missa, levaram um frango para o juiz de paz...

Questão de gosto

Tinham acabado de lançar a água sanitária Super Globo, o rádio toda hora fazendo propaganda no intervalo das modas de viola. Altino Limeira era ouvinte cativo dos programas caipiras e, de tanto escutar a tal propaganda, foi ficando curioso. Um dia firmou o propósito de conhecer o novo produto na sua primeira ida à cidade.

Por isso, mal acabava de chegar a Lagoa Grande naquele domingo, foi direto ao Bar Polar, com vista pra lagoa. Entrou, sentou no lugar de costume, de onde podia apreciar o movimento: os patos nadando, o povo andando de canoa, os namorados conversando no jardim. Refestelado na cadeira, Altino tirou uma tragada do seu fumo goiano — reservado só para ocasião de mais cortesia — deu um suspiro e pensou: “Êta vidinha boa!”

Pra completar faltava pouca coisa. Então gritou Mariano, que sempre o atendia:

— Ô meu filho! Vê aí pra mim uma Super Globo bem gelada. Ligeiro, que eu ando doido pra provar esse negócio!

O rapaz não sabia o que fazer. Limpou o balcão, ajeitou uns cascos, vendeu um maço de Saratoga,

espantou uns mosquitos com o pano, foi enrolando. Aí teve que atender um pessoal na mesa perto do fazendeiro. Este o chamou, enérgico:

— Tá brincando comigo, seu miserável? Cadê minha sanitária? Apertado, Mariano respondeu:

— Já vai, sô Altino. Peraí. Só um momentinho... Mas o velho não estava pra brincadeira. Puxou um maço de notas do bolso, jogou na mesa e esbravejou ofendido:

— O que o cobre dos outro compra, o meu compra também! Quero essa merda dessa Super Globo agorinha, mesmo sem gelar direito.

Mariano viu que a coisa andava séria. Correu até a venda do lado, pegou a garrafa, abriu e colocou em cima da mesa, sem coragem de derramar no copo ou de dar qualquer explicação. O velho não ia entender àquela altura de sua nervosia.

Altino Limeira encheu o copo e virou na boca, com vontade. Engoliu, fez uma careta horrorosa e exclamou decepcionado:

— Quá! Tanta propaganda, e nem por isso... Passou seis meses a leite e biscoito de polvilho. Perdeu o gosto por moda de viola e a fé em qualquer novidade.

Hospitalidade

Antenor — Nonô para os íntimos — era representante comercial. O povo, avesso a certas novidades, dizia que ele não passava de um simples viajante. Mas esse diz que diz não vem ao caso.

Em Repouso, ficava sempre no hotel Ideal, o único de melhor trato na cidade. Ia chegando, dona Camila vinha recebê-lo pessoalmente, como só fazia com os verdadeiros amigos do estabelecimento, pequeno grupo que ela considerava “gente da casa”.

De tardinha, quando apeou da jardineira, Nonô só pensava em um bom banho para tirar a poeira, roupa limpa e, logo mais, a janta succulenta. Canja de galinha seguida de tutu de feijão com lombo de porco, couve picadinha e linguiça. De sobremesa, doce de figo caseiro com queijo da fazenda. Depois, uma volta pela pracinha, a prosa vagarosa com velhos conhecidos e o sono reconfortante no quarto de sempre, o perfume de dama-da-noite entrando pela janela.

A mala na portaria, a pasta de amostras ao lado, já quase recebendo a chave das mãos da proprietária, Nonô, que tinha lá sua veia brincalhona, acabou tocando na única ferida daquela dama gentil e hospitaleira.

— Tem tremido muito por aqui ultimamente, dona Camila?

Que Repouso tremia, era sentido num raio de muitas léguas. As louças tilintavam nos armários e até alguma vidraça costumava trincar. Era de ver os olhos arregalados do pessoal, todo mundo rezando para o tremor passar logo. Só não se podia tocar no assunto.

Diante da pergunta infeliz, dona Camila, ofendida, se fechou em copas. Recolheu a mão que ia entregando a chave e paralisou com um gesto o menino que já pegava a mala. Dirigiu-se ao hóspede desnorteado:

— Olha, senhor Antenor...

— Pois não — disse o viajante, a quem ela sempre chamava de “seu Nonô”.

— Ali na praça da Estação existe uma pensãozinha. Talvez lá o senhor encontre um lugar para passar a noite. Não é grande coisa mas para gente como o senhor deve servir.

Nonô passou uma noite de cachorro. Menos pelo desconforto da pensão do que pelo arrependimento de ter feito aquela pergunta desnecessária.

Quando chegou de volta em Belo Horizonte, estava danado de raiva daquela velha desaforada.

Ao abrir o jornal deu com uma notícia que levava o seguinte título: “Repouso volta a tremer”. Pensou em dona Camila, no seu topete, na noite mal dormida. Recortou a notícia, botou num envelope endereçado à

“Ilma.

Sra. Dona Camila Palhares Leitão

DD. Gerente do Hotel Ideal

Repouso — E.F.L. — Minas Gerais”.

Junto com o recorte este bilhete:

“Como é, dona Camila, afinal esta merda treme ou

não treme?”

Aprendizado

Eu aprendi música com mestre Rufino, lá em Mariana. Inda outro dia vi um quadro de Nossa Senhora de Nazaré com uma banda de anjo. Aquele anjinho preto que fica lá na frente, tocando flauta, sou eu.

Cê sabe, meu filho, a vida toda fui analfabeta. Por isto, sentava sempre na frente, prestando atenção. O mestre ia falando e eu lá, de olho arregalado: — “O bemol abaixa meio tom”. Escrevia no quadro. — “O sustenido eleva meio tom”, e dava exemplo na pauta. E eu ali, de olho arregalado, nem piscar podia.

Aí eu ia pra casa, a cabeça cheia, tanta palavra, o desenho de tudo nos olho. Então ficava pensando, pelejando pra compreender, tanta coisa que nunca tinha ouvido falar... Até eu saber o que era “eleva”...

Depois fui ficando taludinha, minha mãe, que era mais prática que gramática, achou que mulher, ainda mais filha de gente pobre, tem que aprender é a cozinhar, costurar, essas coisa que dona de casa precisa saber pra casar e criar família. Aí tive que parar. Estudei só até a síncope, que é uma lição antes das três quiálteras.

Zizi do Palmital

Em cidade grande ele nunca ia passar de mendigo ou maluco. Quem sabe chegasse a marginal, como dizem nos jornais. Aquela era uma vantagem de viver no interior: em qualquer cidade da região, Zizi estava em casa. Todos — a criançada, os velhos, o zé-povinho, os graúdos — faziam festa quando ele chegava. Sempre do mesmo jeito. Roupas velhas, quase aos molambos, um capote enebado, fizesse frio ou calor, um chapéu de palha puído, sapatos cambetas, às vezes soltando a sola.

Nascido em Palmital, gostava de contar que tinha sido criado no mundo. No caso, umas poucas cidades vizinhas: Vargem Grande, a mais importante da redondeza, Vereda Nova e Buriti. Desde pequeno vivia de um lugar para outro atrás de circo, acompanhando embaixada de futebol, procurando festa.

Profissão, não chegou a aprender. Começou no ramo por acaso: um dia, de brincadeira, o pessoal do circo propôs que ele saísse fazendo propaganda com o palhaço, que ia de perna de pau e megafone. Ele achou muito importante, aceitou a tarefa e sumiu. Na hora marcada, lá estava ele, transformado em homem-sanduíche, um cartaz na frente e outro nas costas,

convidando o distinto público para o sensacional espetáculo de estreia do monumental circo Pan-americano. Mesmo estando todos os enes e esses escritos ao contrário e apesar de terem sido usadas todas as cores do arco-íris, ninguém na cidade nunca tinha visto uma coisa daquelas. E o melhor foi quando, palhaço cambaleando na frente, meninada e cachorro juntando atrás, Zizi começou a anunciar, no meio de piruetas, cambalhotas e caretas, o emocionante drama em dois atos intitulado “A força do Destino”, com a maravilhosa vedete Zora Rubim, que tinha acabado de chegar do Rio de Janeiro, especialmente para a importante peça.

Ninguém ligava para o palhaço, que tentava prender a atenção do seletto auditório à custa de falsos tropeços e incríveis cambaleios. Todo mundo só queria saber era de acompanhar as evoluções e o fraseado do Zizi do Palmital.

Tão consagrada foi sua tarde de estreia em Vargem Grande que logo apareceu outro serviço: anunciar a brancura do sal e o poder de fogo do querosene que só o “Armazém Dois Irmãos” vendia. Quando os dois irmãos, logo depois, conseguiram a concessão da Gasolina Energina, pediram ao Zizi para acrescentar este item nos seus reclames. Aconteceu que, primeiro, ele não gravou direito o nome do produto; segundo, parece que não acreditou na sua pureza. Por isto, depois de elogiar as qualidades do sal e do querosene, falar do sabão e da farinha de trigo, arrematou com esta: — “Tem também uma tal de gasolina Minervina. Mas não aconselho ninguém a comprar não, que é água pura.”. O povo ria, os dois irmãos diziam “falem mal, mas falem de mim”, todo mundo acabou foi achando muita graça e tudo acabou bem.

Pior foi quando um médico de Vargem Grande contratou o comunicólogo, que nesta altura já era famoso, para divulgar na região suas habilidades de operador.

Zizi foi descendo do caminhão (sempre andava de carona para economizar), esperou juntar gente e foi lascando:

— Povo de Vereda Nova: hoje tenho uma importante novidade. Uma novidade de maior interesse para todos os meus distintos amigos desta progressista cidade. Acaba de chegar lá na Vargem Grande um competente doutor. E não é médico comum, só de examinar e dar receita não. Pensam que é brincadeira? Pois não é não. Alguém sabe o que ele faz?

— Nããão!

— Pois ele examina, receita, mas além de tudo, é um competente cirurgião.

— Competente o quê?

— Ci-rur-gi-ão! Eu explico: ele faz operação. Operação de qualquer tipo que a gente pensar. Querem um exemplo?

— Queremos.

— Pois vou dar. Faz mais ou menos um mês, ele operou uma mulher. Sabem o que aconteceu? A mulher bateu com o rabo na cerca.

— A mulher o quê?

— Bateu com o rabo na cerca, quer dizer: morreu!

— Nossa mãe! — gritaram os meninos, horrorizados.

— Esperem. É preciso ter paciência. Duas semanas depois ele operou um velho e o velho morreu.

— Êta carnicheiro! — gritou um gaiato.

Zizi não se deu por achado:

— Calma pessoal. Eu já disse que é preciso ter calma.

Agora vou contar a última: semana passada o doutor operou uma negra e a negra não morreu.

Antes que os meninos comessem a gritar “ôôooba!”, Zizi fez o elogio final:

— Êta nega dura!

Vó Raimunda

A idade dela, certa, ninguém sabia. Passava dos noventa, calculavam os mais antigos. Ela mesma não dava notícia, era como se não fizesse diferença. Há mais tempo, costumava sair depois da janta, aproveitava a fresca para fazer alguma visita. Voltava sempre antes do pôr do sol. “A boca da noite é traiçoeira”, vivia repetindo. Ultimamente quase não saía de casa. Passava um tempão de cócoras, cada hora num canto, as duas mãos cruzadas no alto da cabeça. Pouco falava e só respondia com um resmungo. De tanto ficar assim parada, o olhar perdido, muitas vezes cochilava escorada na parede, as mãos sempre cruzadas no alto da cabeça.

Um dia morreu dona Maria do Tito, a última amiga de Vó Raimunda, sua comadre e companheira de infância. O pessoal da casa combinou de esconder a notícia, poupando-lhe o desgosto. Quando perguntava pela amiga, diziam que estava sem novidade, só o reumatismo de sempre. Ela se contentava com a informação e mergulhava num silêncio impenetrável ou voltava a cochilar.

Geraldo, seu bisneto mais velho, era um capeta em

figura de gente. Observava aquilo, olhava para a sonolenta bisavó, começou a maquinar um plano. Se escondiam a notícia dela, pensou, é porque com certeza não ia aguentar a verdade. Afinal de contas, ela e dona Maria do Tito eram como irmãs, desde pequenas viviam feito unha e carne. Além do mais, se a morte tinha levado a amiga, Vó Raimunda devia saber que sua hora não demorava.

Um dia, aproveitando que a velha estava sozinha, foi chegando e dizendo:

— Sabe, Vó? O pessoal aí anda tapeando a senhora.

— É, meu filho?

— É sim. Lembra da dona Maria do Tito?

— E eu havia de não lembrar? O que tem a comadre Maria?

— Morreu, Vó!

De olho na bisavó, esperando que tivesse um troço ali mesmo, candongou:

— Já tem três meses que ela morreu. Esconderam da senhora este tempo todo!

Vó Raimunda tinha o olhar distante e o semblante suave. Para espanto do bisneto, respondeu com voz tranquila e indiferente:

— Forte coisa, meu filho... Forte coisa...

Eleição

Na primeira eleição depois da queda de Getúlio, PSD e UDN fizeram coligação no município. José Ferreira Paiva, comerciante muito estimado, saiu candidato a prefeito pela UDN, o PSD indicou o fazendeiro Custódio Pires para vice. Juntando o prestígio de um na cidade com a força do outro na zona rural, ganharam fácil.

Na eleição seguinte, não sei se tentados pelo gosto do poder ou estimulados pelos correligionários, os dois enfrentaram um ao outro para a Prefeitura.

O ânimo dos cabos eleitorais não impedia que a campanha transcorresse em ambiente da maior civilidade, sem qualquer arranhão no ótimo relacionamento entre os principais candidatos. Além de velhos amigos e vizinhos, estavam agora mais chegados pelo casamento de Alberto, filho de Custódio Pires, com Beatriz, caçula de Zé Paiva.

No dia da eleição, cada um montou seu curral, de onde o eleitor saía direto para votar no grupo escolar. Os de menos traquejo e os indecisos eram acompanhados até a seção eleitoral. Era preciso evitar que a marmita, contendo as cédulas com a chapa completa, fosse trocada no caminho.

Nas casas dos candidatos um batalhão de cozinheiras preparava comida e quitanda o dia inteiro para o povão da roça. O pessoal chegava, sentava na sala ou ficava conversando no alpendre. Lá dentro, as mulheres iam lavando os pratos, renovando a comida nos tachos e mandando entrar mais gente. Para cada um que saía, vindo de dentro da casa, entrava outro.

Na cozinha do Custódio acabava de sentar um casal da roça. Alberto, filho do dono da casa, tinha levado os dois pra dentro e ficou ali do lado fazendo sala. Já comiam uma pratada de macarrão com frango quando entrou o candidato. O marido foi dizendo:

— Tamo firme com o senhor, coronel Custódio!

— Já votaram?

— Acabamo de chegar na cidade. Vamo votá agorinha.

— Mais dois voto no papo — contabilizou Custódio Pires.

Um pouco mais tarde, o movimento diminuindo, Alberto resolveu dar uma chegada na casa do sogro, conversar um pouco com Beatriz, ver como andavam as coisas do lado de lá.

Na cozinha viu o mesmo casal que tinha almoçado em sua casa. Prato cheio na mão, o marido dizia para o candidato da UDN:

— Votamo com o senhor, sô Zé.

Assustados ao verem chegar, de repente, o filho do candidato adversário, o marido emendou na hora, virando para Alberto: “Lá em casa, sabe, sô Zé, tudo é dividido, tuuudo mesmo.”

Sogra e genro olharam para a mulher. Do jeito que o marido falou, ela parecia incluída na divisão. A pobre coitada encabulou, ficou roxa de vergonha, entalou com

um pedaço de frango. O marido bateu aflito nas costas dela, trouxeram um copo d'água.

Passado o engasgo, ciscaram a comida sem vontade, agradeceram a sobremesa, deram pressa de ir embora. — “Parece que vai chover, a gente mora longe...”, disse o homem, pegando o chapéu de palha debaixo da cadeira.

Lá fora, no céu limpo, um sol de rebentar mamona.

O fim da vida

O cavaleiro amarrou a besta no esteio, foi limpando o barro da botina na grade de ferro junto da porta, enquanto gritava:

— Ô de casa!

Da cozinha, uma voz de mulher respondeu:

— Ô de fora!

O chinelo veio arrastando lá de dentro, até que apareceu dona Bijuca, secretária do padre e zeladora da igreja. Passava o tempo entre a sacristia e a casa paroquial, em cuja porta estava agora.

— Bom dia, sô Ananias.

— Dia, dona.

— Vindo da Goiabeira?

— Cheguei agorinha, direto pra cá.

— Madrugou, hein?

— É. Precisão, dona Bijuca. Cadê o padre?

— Foi pro Macuco, de lá ia passar no Ouro Fino. Depois na capela das Três Barras.

— Coitado do patrão. O que há de ser dele, meu Deus do céu?

— Que que tem o coronel Sabino, gente?

— Tá muito mal, escapa não, eu acho. Vim buscar o

padre pra atender o coronel em confissão. Só fala nisso. A senhora carecia ver o sofrimento dele. Agora, o que que eu faço, dona Bijuca? Chegar sem o padre? Vai ser uma tristeza.

— Não tem outro jeito. Padre Dimas só vem por estes três, quatro dias.

O empregado voltou pra Goiabeira de mão abanando, sete léguas pensando na decepção do velho.

A família mandou mais uns quatro ou cinco recados e nada. Uma hora o padre estava viajando, outra, tinha chegado de longe, precisava descansar, cada vez uma desculpa diferente.

Na cidade, todos acompanhavam a agonia do coronel Sabino Rodrigues. Os correligionários — Pintassilgos — já lamentavam a perda de um dos últimos verdadeiros chefes políticos da região, homem cuja palavra selava a sorte de muita gente. Durante anos e anos ninguém dava um passo importante sem os conselhos ou bênçãos do coronel Sabino.

Já os adversários — os Sabiás — apontavam seu caráter prepotente, as muitas injustiças praticadas, levando longe demais o poder dado por aquela gente ignorante ao ultrapassado coronel.

Os menos apaixonados diziam que, apesar de autoritário, tinha trazido muitos benefícios para o lugar. Citavam como exemplo a Escola Normal, o Banco do Brasil, o telefone e a luz elétrica, quando raras cidades podiam contar com estes progressos.

O povo miúdo dava lá seus palpites. Nica Batista odiava gente rica. Falava que o coronel Sabino era muito soberbo, por isso andava penando tanto. Candinha Teodoro, a principal doida da cidade e antiga moradora da Goiabeira, divulgava pela rua, em altos gritos, seu

parecer: — “O homem tá é pagando os pecado. Eu vou ensinar uma verdade: aqui a gente faz, aqui mesmo a gente paga! Esse maldito coronel tá é pagando a maldade dele com os empregado, o tanto de moça da fazenda que ele fez mal.”

Candinha falando aquelas coisas pelo meio da rua, muita gente dava um risinho, até gostava; outros diziam: — “Coitada da Candinha, cada vez mais fraca da cabeça”; alguns pensavam em pedir providência ao cabo do destacamento, aquilo era uma injustiça contra o coronel, tão caridoso com os pobres, tão religioso, acompanhava procissão de opa, carregando a tocha maior de todas, mandava leitão pro vigário comer assado.

Doutor Zacarias via tudo com outros olhos. Indiferente às paixões políticas, atendia com igual atenção a ricos e pobres. Cobrava de quem podia, receitava de graça para quem não podia. A estes, ainda enchia de amostra grátis.

Numa tarde de sexta-feira chegou ao consultório o Juca Rezende, vizinho do coronel. Doutor Zacarias perguntou por ele.

— Tá nas últimas, doutor. Dura muito mais não. Deve de descansar de uma hora pra outra, coitado...

— Ainda fala?

— Com muita dificuldade, a cansa quase não deixa.

Mas dá conta de tudo em roda dele. O corpo é que tá um bagaço só. Antes era aquele inchume, parecia uma pipa. Agora, faz uma semana mais ou menos, começou a dessorar. O povo fala que é o fim, né doutor?

— É — respondeu o médico com tristeza.

Ele e o coronel sempre se trataram com muito

respeito, desde o tempo em que o médico, recém-formado, começou a atender o pessoal da Goiabeira. Com o passar dos anos, viraram bons amigos, a estima de um pelo outro aumentando a cada dia.

Naquela tarde, quando entrou em casa depois de atender o último cliente, disse à mulher:

— Amanhã cedo eu vou na Goiabeira.

— O coronel piorou?

— Não tem mais onde piorar.

— Mandaram te chamar?

— Mandaram não. Quero é estar com ele ainda vivo. Não dura muito. Vou só como amigo. Visita pessoal.

O sol nem tinha apontado direito, doutor Zacarias estava saindo da cidade. O fordeco sacolejava com valentia, desviando dos buracos mais fundos da estradinha de terra.

Com uma hora e pouco estava nos Viegas, pequeno povoado onde o povo da roça vinha buscar o recurso de toda hora. Parou na porta do Gabriel Machado, seu compadre e farmacêutico prático do lugar. Só então notou um grande redemoinho levantando folhas e pedaços de papel por cima dos telhados. O céu escureceu de repente.

Gabriel chegou à porta, atraído pelo barulho do automóvel:

— Viajando com um dia feio deste? Vai atender o coronel?

— Atender não. Visitar. E preciso de um favor seu.

— É só pedir.

— Um cavalo pra chegar até lá.

— Tem dúvida não. Mas tenciona ir, mesmo com esse tempo fechando assim?

— Quando resolvo uma coisa, não gosto de voltar

atrás. Acho que o homem não dura muito mais não.

Um menino saiu pra pegar o cavalo, o médico e o farmacêutico ficaram conversando. O tempo fechava cada vez mais. Da cozinha chegava um cheiro gostoso. Daí a pouco a dona da casa veio até a sala. Enxugando as mãos no avental, o que era também um jeito de esconder seu encabulamento, dirigiu-se aos dois homens:

— Vamos entrar, gente. Convém o compadre comer alguma coisa, quebrar o torto antes de sair. Daqui até lá passa de três léguas, não pega mais almoço.

Falou ao médico, como pedindo desculpa:

— Repara não, compadre. Comidinha à toa, feita às pressas...

Era cedo, mas o doutor entrou na comida com uma boca que deixou sua comadre orgulhosa. Repetiu uma boa pratada e ainda tomou leite com angu. Respaldou com uma xícara de café, bateu na barriga satisfeito:

— Agora estou pronto para mexer areia, como diz o povo.

— Acho que o compadre vai mesmo é amassar barro — respondeu o dono da casa olhando pela janela.

Tudo escuro, como se anoitecesse de manhã. Gabriel Machado ainda pôs dúvida na viagem, quem sabe não esperava primeiro o tempo decidir. A comadre chegou até o terreiro da cozinha, olhou o céu e aconselhou:

— Melhor o compadre esperar esta pancada que vem vindo aí. Depois, quem sabe serena, aí o senhor vai...

Mas o médico estava mesmo resolvido. Despediu, agradeceu o almoço e o empréstimo do animal, já arreado na porta. Montou e seguiu viagem.

Meia légua adiante, o céu parecia um breu. O vento retorcia as árvores. Começou a pingar grosso. Doutor Zacarias parou o cavalo, desabotoou a capoteira, tirou a

capa e vestiu. Era uma capa Ideal cinza escuro que, ao contrário das mais modernas, não deixava varar nem um pingo d'água.

Foi a conta de botar a capa e começou o dilúvio. O vento tocava a chuva, formando como se fosse um lençol.

O arvoredo balançava, deitava e levantava, cada hora para um lado. A enxurrada formava riachos por todo canto. O cavalo ia quase a passo, lutando contra a força do vento e assustado com os raios que clareavam o céu inteiro. Trovões de tremer a terra. O castanho começou a empacar. Doutor Zacarias deu um soco na rédea e apertou as esporas.

Mais adiante o temporal amainou um pouco. Seguiu sem grande novidade até quase na entrada da Goiabeira. De repente um raio enorme caiu num velho jacarandá. A faísca saltou na cerca de arame ao lado da estrada. O estrondo, em seguida, era de arrepiar os cabelos. Com aquela zoeira, mais o fogaréu correndo pelo arame farpado, o cavalo bufou e saiu disparado, corcoveando como se tivesse visto o diabo. Doutor Zacarias, antigo cavaleiro, aguentou como pôde. Firmou a rédea, apoiou os pés nos estribos, evitou cair. O animal, ainda assustado, só parou numa porteira quase um quilômetro mais adiante.

Finalmente chegou ao curral. Amarrou o cavalo na coberta e entrou. Na casa, tirou a capa, trocou a botina molhada e vestiu um capote escuro para evitar constipação. Foi para o quarto de dentro, onde o velho coronel Sabino penava há mais de um mês. Quase cego, surdo feito um lagarto, arfava e gemia sem parar. A carcaça em petição de miséria, só a cabeça ainda funcionava um pouco. E a ideia de confessar. Era só no

que pensava.

Quando viu um vulto perto do catre e divulgou o escuro do capote, fez um movimento de sentar. Agitado, exclamou, tomando fôlego a cada palavra, algumas saindo só o sopro: — “Ah, meu Deus! Como o Senhor é bom ... comigo. Trazer este ... santo homem ... no meio da tempestade ... Eu sabia ... Minha fé ... Ai, meu Deus ...”

Dona Izabel, a quase viúva, com as duas filhas mais a antiga empregada, todo mundo ali junto da cama, ninguém teve coragem de desfazer o engano. Muito menos doutor Zacarias. Também não adiantava. Nem deu tempo.

O coronel fez uma pausa, acenou para os de casa e pediu, baixinho: — “Me deixem só. Com o padre...”. Elas saíram. Doutor Zacarias, sem saber o que falar, ficou calado. Puxou uma cadeira, sentou ao lado do doente.

Este, mal o pessoal saiu, começou a rezar o “Senhor meu Jesus Cristo” que, na aflição, ia saindo todo saltado, aos borbotões. Logo passou a confessar. Principiou pelos pecados que achava mais graves, como se precisasse ficar livre deles depressa. Falava, vinha a canseira, parava. Recostava na cama, uma pilha de travesseiros na cabeceira. Um descanso, recomeçava.

Doutor Zacarias escutando em silêncio. Só de falar o velho ia animando. Aliviava, o ar vinha vindo. Quando a confissão terminou, coronel Sabino deitou de novo. Primeiro, quieto, parecia dormir. Depois, os olhos foram marejando, começou a soluçar. O amigo Zacarias lembrou seus tempos de parteiro, a criança nasce-não-nasce.

— Melhor, coronel?

— Ah, padre. Feliz demais. Deus...

— Deus?

— ... escutou meu pedido. Eu não mereço. Agora...

— Mais tranquilo?

— ... posso morrer em paz...

Sabino Rodrigues chorava choro solto. O corpo sacudindo, enchente de lágrimas brotando do fundo de mesquinhos sonhos, pequenas misérias, de tão grande alegria. O médico ficou por ali mais um pouco, vontade de abençoar o velho coronel, dizer ao amigo que seus pecados estavam perdoados. Faltou coragem. Também não foi preciso, logo viu pelo sono sossegado do doente.

Foi para a cozinha, tomou um café bem quente, nenhum comentário, pergunta nenhuma. Só um gesto. O coronel estava bem.

Mais tarde o velho chamou a mulher e as filhas. A família em volta, o médico do lado. Queria falar alguma coisa. Sereno, balbuciou: — “Chegou minha hora.” Apertou a mão de dona Izabel, suspirou leve, descansou.

Zacarias ficou para o enterro, nos Viegas, conforme vontade do falecido. Terminada a cerimônia, devolveu o cavalo, bebeu um café acompanhado, agradeceu e tomou o fordinho de volta.

Depois da janta, como de costume, o médico deu um pulo até a praça pra tomar a fresca. No botequim, onde ia comprar cigarro, viu uma roda de gente comentando a morte do coronel. Zeferino Benquerer tinha acompanhado o enterro, era o centro das atenções. Nos Viegas falaram da confissão, o pessoal do botequim queria saber. Cada um dava seu palpite, ia encompridando a história, formando o enredo do caso. Sem ser visto, doutor Zacarias ficou de fora escutando os comentários:

— “Vi falar que mandou matar um crioulo que tinha trabalhado na política pro coronel Lifonso, adversário dele?”, perguntou um. — “Diz-que tomou as terras duma viúva que não queria vender pra ele na bacia das alma”, emendou outro. — “E a confissão, Zeferino? O doutor abençoou o velho, como coisa que fosse padre?” — “É. Diz-que deu extrema-unção e tudo!”

Gonzaguinha, professor de latim no ginásio e antigo seminarista, deu seu abalizado parecer sobre a atitude do doutor. Naquelas circunstâncias era permitido abençoar o moribundo e perdoar seus pecados. Acrescentou que pela liturgia católica, num caso assim, qualquer leigo pode administrar a confissão *in extremis*. Para valorizar a erudita contribuição, escandiu a expressão: *in-ecz-tre-mis*.

Um palpiteiro, escorado no parecer do professor, botou sua colher de pau: — “Ou será que nosso doutor fez o serviço pela metade, deixou o pobre do coronel no meio do caminho?”. Chico Ferreira, antigo sacristão, resolveu intervir: — “Pois eu acho, com todo o respeito ao professor, que o doutor abusou do coronel e ainda vai ter de acertar conta pelo grave pecado cometido. Onde já se viu um médico sair por aí passando por padre? Ainda mais um herege que nem Igreja frequenta?”

Doutor Zacarias, enfiado daquela conversa, enojado daquele povinho que mais parecia urubu na carniça, entrou de repente no botequim e acabou com o papo: — “Se fiz bem ou se fiz mal, só Deus sabe. Se cometi pecado, podem juntar os meus com os do coronel e jogar tudo nas minhas costas, eu carrego com muito prazer. O resto é conversa fiada de gente sem ocupação.”

De repente, como entrou, saiu. A roda foi espalhando, todo mundo com o rabo entre as pernas.

Segredo

Chiquita Rafaela, viúva do falecido Rafael Matoso, apanhava lenha de um lado do esbarrancado. Do outro estava a Cão do Dico. Rafaela gritou de cá:

— Comadre Cão!

— Oi!

— Vou te contar um segredo!

— Contar o quê?

— Um se-gre-do!

— Ahn.

— Mas tem uma coisa.

— O quê?

— Não vai contar pra ninguém não, viu?

— Viu. Qualé o segredo?

— É sobre a Preta.

— Que que tem a Preta?

— Tá andando com o Zeca!

— É mesmo?

— É de vera.

— Comé que ocê sabe?

— Pegar' os dois junto.

— Adonde?

— Na moita de bambu da sinhá do Pedro.

— Que dia?

— Ant'onte! Mas é segredo, viu?

— Viu!

Os gritos ecoavam pelo enorme esbarrancado no fundo do arraial. Daí a pouco, todo mundo dava notícia de um casal apanhado na moita de bambu. O caso era quase o mesmo, os suspeitos é que variavam.

Travessia

Moça bonita que nem Teresa vai ser difícil encontrar. Eu, pelo menos, nunca vi igual e, acredito, morro sem ver. A aparência? Alta, morena, olhos claros querendo esverdear. Cheia de corpo, sem ser gorda. E tinha aquele jeito dela, onde chegava era uma alegria. Se ia a baile, não dava pras encomendas. E não fazia pouco de ninguém, dançava com todo mundo, tinha conversa pra todos.

Quando chegou na idade de casar, vinha gente de longe. Boiadeiro forte, fazendeiro rico, comerciante da cidade, até político apareceu. Mas como diz o ditado, o que tem de ser da onça o lobo não come. Teresa acabou firmando namoro com Alcides, um fazendeiro vizinho. Vinha a ser primo dela em segundo grau, sabe como eram as coisas antigamente — isso já tem mais de cinquenta anos — rapaz aparentado, muita convivência, todo mundo fazendo gosto. Acabaram casando com menos de um ano entre namoro e noivado.

Os homens babavam de inveja do Alcides e ele quase morria de ciúme. Aí, logo depois do casamento, sucedeu o que eu ia te contando. Como era uso naquele tempo, saíram os dois do Chapadão pra conhecer o pessoal dele

em Buriti.

Pegaram a jardineira de manhãzinha, lotada de gente, balaio, galinha, tudo quanto era coisa que um cristão pode imaginar. Chovia sem parar, chuva de invernada, manhosa, olho d'água brota em alto de campo, qualquer poçozinho vira lagoa, corguinho à toa enche de entornar pelas beiradas.

Galeia daqui, escorrega dali, botando corrente pra sair do barro, chegaram na banda de cá do Paranaíba — o povo, falam que é herança de índio, chamava de Mananaíba. O rio parecia um bicho brabo. Corcoveava, estremecia, urrava saindo fora do barranco. Naquele dia a baldeação teve de ser diferente. No comum, o povo apeava e passava tudo — jardineira e passageiros — de balsa pro outro lado. Daquela vez não tinha modo dela encostar. O jeito foi atravessar um pedaço n'água até onde a balsa conseguia chegar, subindo nela pra tomar a jardineira que já esperava na outra margem.

Assim foi. O Claudomiro conhecia melhor o rio, foi na frente, tentando. Os outros iam prestando atenção no caminho que ele tinha feito no meio do aguaceiro. Aos poucos foram passando com balaio, galinha, saco, mala de papelão, tudo quanto era tipo de traste. Quando tinha mulher ou criança atravessando, os do lado de cá iam guiando até a metade do caminho, pedindo calma, dizendo pra ir mais pra cá ou pra lá. Do meio pra frente, quem já estava na balsa tomava a guia e ajudava a chegar.

Aí veio a hora do Alcides mais da Teresa. Todo mundo, sabendo o ciúme dele, achou que os dois iam juntos, de mão dada. Mas ele decidiu de outra forma. Ia na frente, da balsa guiava a travessia dela.

Arrancou a botina, arregaçou a calça, pegou a mala e

foi entrando no rio. Conforme a água subia, ia suspendendo a calça com a mão. Foi indo, até chegar na balsa, aí gritou:

— “Vem, Teresa!”

Ela pegou a sandália e com a outra mão foi sungando a saia, que naquele tempo dava quase no tornozelo, não era como hoje em dia não. Teresa entrando rio adentro, a água cada vez mais funda, ela levantando a saia, um pouquinho de cada vez. A bem da verdade, a água tampava quase o tempo todo. Mas de vez em quando, com o movimento do rio, dava uma baixada. Aí aparecia, muito de relance, um pedaço da perna. Gente dos dois lados, Teresa no meio, não sei do que tinha mais medo: do rio cheio, dos olhos dos homens — parece coisa que ela sentia — ou do ciúme do Alcides. Mesmo assim foi indo. Da vez seguinte, quando a correnteza deu um vazio, dava pra ver o joelho e, para quem caminhava mais perto, a nascente da coxa.

Na balsa, Alcides bufava de contrariedade. Não conformava em pensar no corpo de Teresa exposto, aquela corja quase babava cobiçando sua mulher. Agora mesmo, a saia já estava meio palmo acima do joelho. Naquela marcha, como é que as coisas iam ficar?

Olhou pro rio, viu a mulher parada, sem saber o que fazer. A sandália na mão esquerda, a direita segurando a saia, agora já um palmo pra cima do joelho. Na balsa e no barranco os homens olhando, esperando. O sangue de Alcides fervia. Ele calculou: de lá até aqui o rio afunda mais. Com voz trêmula ela falou, pedindo socorro: — “Alcides?!”

Ele gritou, firme: — “Ô Teresa! Deixa molhar...”

Vida de cachorro

— Comé, Darci, e os queijos?

Refogando a couve, ela vira o rosto, o corpo ainda voltado para o fogão:

— Não dá nem pras encomenda.

— Cansada demais?

— Parecida vende, eu só cuido do acerto.

— Muito cano?

— Ninguém não me dá cano não, cê é bobo! Não sai uma faísca sem os cobre na frente. E há de ser grana viva, tem muito nego safado dando cheque frio por aí. Mas queijo não é nada.

— Não é nada, como?

— Tem a roupa, cinco trouxa por semana, e agora, o feijão também.

— Feijão?

— Não tá sabendo das horta qu'eu peguei de meia? Esses fundo de casa por aí tudo.

(Sai um “tuuudo” espichado e, num gesto largo, vai mostrando com a colher de ferro besuntada de gordura.)

— Não sabia não.

— Ora, sô, umas dez, fora a nossa! Tudo por minha conta. Na meia. Se vale a pena? Vão vê, no fim, se vale.

Falando baixinho:

— Ocê conhece a situação. Com a doença do sô Zezé — coitado, aquele tempão — a gente gastou o que tinha e o que não tinha. Agora, só eu mais sá Maria. Ela não presta pra nada, com essa idade. Tem uns cobre — coisa pouca — rendendo jurinho à toa. Acabei tendo de tomar a frente. Vim menina pra companhia deles, fiquei sendo a dona e agora virei o homem da casa.

— O feijão, pegou bem?

— Pegar, pegou, choveu no tempo certo. Mas agora deu pra dá uns bichinho, parecendo piolho, tou com medo de ir tudo pro brejo. O pessoal da cooperativa diz que tem um preparado pra matar os pulgão, eles sabe o nome certo da praga. Vou passar lá uma hora dessas e comprar.

— Então a vida anda apertada, hein?

— Apertada? A gente tem é que trabalhar feito burro pra levar essa vidinha de cachorro.

E continua quase cochichando:

— Falar nisso, ocê soube do qu'eu aprontei? Não? Mas é segredo, viu? Vou te contar porque ocê vai embora e não tem nem tempo de falar com ninguém. O sucedido é que, com essa labuta toda, os queijo, a lida, a horta, roupa, feijão, eu ia pra cama feito um bagaço. Quando tava querendo pegar uma madorna — com a doença do sô Zezé qualquer barulhinho me assusta até hoje — um cachorro latia lá na praça e eu acordava. Daí a pouco, eu já cochilo-não-cochilo, um outro respondia aqui perto. Aí virava uma latomia dos diabo, cachorro latindo no bairro das Palmeira, no Cruzeiro, nessas ponta de rua todas. Depois a farra passou aqui pro lado: a cachorrinha da dona Marieta ficou viciada, a cachorrinha saltava o muro, os pequenininho passando

por baixo do portão, aquela zoeira. Uma noite, eu levantei de camisola, já de madrugada, a Parecida perguntando o que que era, falei que tinha esquecido o cômodo dos queijo aberto. Peguei um porrete, saí dando cacetada, espantando bicho pra toda banda. Eles andava um pouco, olhava pra trás, quando é fé tava tudo voltando de novo. Tinha hora qu'eu escutava barulho de gente, achei bobagem ficar na rua feito lobisome. Podia passar um conhecido, o povo ia dizer qu'eu tinha ficado doida (bem que tava quase, mesmo). Tinha também a friagem, perigo de pegar uma gripe braba ou coisa pior. No outro dia, não tive dúvida: fui no Ziquinho, que é de casa, comprei estriquinino.

— Estriquinino?!

— É. Inventei uma desculpa, falei que era pra matar rato.

— E aí?

— Aí, já de noite, o pessoal na cama, eu fui aviar a receita: peguei um cavaquinho de pau, ia partindo os biscoito e botando uma pitada em cada pedaço. Tinha um resto de biscoito misturado, daquele bem grosso, broa de fubá, pão de queijo e até uma sobra de muxiba. Botei tudo num caco de cuia. Vesti um capote, aqueles cavu antigo, por cima da camisola e fiquei esperando na cama. Um vira-lata começou no largo, aquele latidinho sem-vergonha. Respondeu um latidão grosso, acho que o fila do Chico Lopes. No bairro das Palmeira responderam dois de uma vez, cachorrinho passa-fome. Aí o pastor — diz-que é pastor alemão legítimo — aqui do vizinho entrou na dança, aquele despropósito de urro. Quando é fé a zoeira vinha juntando pra cá, pra casa da dona Marieta, onde tinha a tal cachorra viciada. Era hora.

— De sair?

— É. Peguei a cuia e saí pé por pé. A lua ia pra cheia, um céu muito estrelado. Minha sombra no chão parecia alma penada. Dava pra ver direitinho a cachorrada juntando, encorpando o bolo e engrossando a latomia.

— Eles fugiram?

— Que nada! Fui chegando e os bicho nem ligaram. Continuava aquela trança pra lá e pra cá, não sei donde é que aparecia tanto cachorro. Parecia um congresso. Aí comecei a distribuir merenda. Joguei o primeiro pedaço, biscoito misturado, um olhou com pouco caso, os outros nem ligaram. Joguei uma pelanca, de isca. Pularam três em cima. Ganhou um perdigueiro malhado, grandão, que engoliu duma vez. Daí a pouco já tava andando meio torto. Um menorzinho abocanhou o biscoito e quase não saiu do lugar, começou a estrebuchar ali mesmo. E assim foi indo. Não ficou nenhum sem ser servido. Um pretinho de rabo quebrado, que passava sempre aqui na porta, acabou de engolir o naco dele, ficou meio de banda, arrastando. Me olhava tão triste que até hoje me dá arrepio, olha aí. Mas o que qu'eu podia fazer? Toda hora lembro dos olhinho dele. O que sobrou, andei distribuindo numa horta fechada, acabei dando também pro dito pastor-alemão aqui do lado. De repente era um silêncio só. A lua e as estrela, aquela claridade. Uns morreram aqui por perto mesmo. Outros apareceram por aí tudo.

— E depois?

— No outro dia tinha notícia de cachorro morto em tudo que era canto. Na rua Direita, na rua do Quebra Anzol, no Alto do Cruzeiro, até nas Areia e nos Borge apareceu.

— O que que disseram?

— Que só podia ter sido obra da Prefeitura, aquela mortandade, né mesmo? Até que o povo tem razão. O Reinaldinho, ali adiante, quando chegou na porta de manhã, falou pro pai dele: — “Olha, pai: a cachorrada morreu de tanto latir.”

— Acharam muito ruim?

— Teve gente que ficou danada, outras acharam até bom. Sô Horácio, por exemplo, ficou uma fera. Onde já se viu matar assim, dentro da horta, um pastor-alemão legítimo?

— E você?

— Eu virei pra ele com a cara mais santa do mundo e falei que nem tinha sabido de nada. Com essa labuta toda qu’eu vivo nela — a lida, os queijo, a roupa pra lavar e agora essa praga no feijão — bato na cama, durmo feito pedra. E pra rematar, ainda perguntei: — “O senhor acha qu’eu vou lá saber se de madrugada cachorro anda latindo ou miando?”

Promessa

O 21 de abril ia cair numa segunda-feira, Isaura avisou Daniel para levar a roupa suja e o que precisasse de conserto. Ela sabia como era estudante morando fora de casa: vai descuidando, relaxando, de repente tem meia furada, botão arrancado, costura solta etc.

Quando chegou em Sete Lagoas, na sexta-feira de noite, Daniel trazia a mala entupida. A mãe foi logo pondo mãos à obra e no domingo estava tudo pronto.

Na segunda de tardinha, já na rodoviária, Daniel não encontrava a mala. Afobado, ligou pra casa. A mãe garantiu que ele tinha saído de casa com ela. Por via das dúvidas pediu pra chamar de novo dentro de cinco minutos. Enquanto procurava, sem fé, a mala perdida, ia pensando: “Essa mocidade de hoje não sei onde é que anda com a cabeça. Onde já se viu uma coisa dessas?”

Na rodoviária, procura daqui, procura dali, nada de aparecer a bendita mala. O ônibus quase saindo, Daniel liga outra vez.

- Maria? Cadê a mãe?
- Tá lá dentro. Procurando...
- Não achou não?
- Achou não.

— Ai meu Deus do Céu! Chama ela aí pra mim. Depressa!

— Mãe! Daniel tá chamando. Anda, mãe! Ele tá com pressa?

— Daniel? Que maçada, hein, meu filho?

— Achou não, mãe?

— Eu te falei. Você saiu daqui com ela...

— Na rodoviária também não encontrei. Todo mundo já cansou de procurar.

— Mas tem que estar aí. Você já viu mala voar? Olha direito.

— Não dá tempo, mãe. O ônibus já tá de motor ligado.

— Então fica pra ir no próximo. Assim dá jeito de procurar melhor.

— Já tentei. Não tem lugar nos outros. Tudo lotado.

— Troca a passagem com alguém, então.

— Não dá, mãe. Tão só me esperando. O que que eu faço?

— O jeito é ir, depois a gente vê como fica.

— E se não achar?

— O que que eu posso fazer? Virar mala? Mas acha sim, meu filho, tenha fé em Deus. Pode ir sossegado.

— Então bença, mãe.

— Nossa Senhora que te acompanhe, meu filho. Vai com Deus e... olha! Vê se põe essa cabeça de vento no lugar.

— Tá, mãe. Tchau.

— Tchau.

Isaura desliga o telefone com a decisão tomada. “Vou fazer uma promessa.” Muito devota, não tinha mais conta o tanto de situações que resolveu recorrendo às almas, às “santas almas do purgatório” como costumava

dizer. Procurou alguém que em vida tivesse sofrido bastante e, pensando no feriado, lembrou de Tiradentes. “É ele mesmo”, decidiu. “Além de sofrer, foi muito poderoso em sua época.” Então resolveu que mandaria celebrar missa por intenção da alma dele se a mala fosse encontrada.

Não tinham passado nem quinze minutos, ligaram da rodoviária. Naquela noite mesmo Daniel recebia no seu quarto de pensão as roupas limpas e consertadas, mais os doces, queijos e ovos que a mãe tinha arrumado.

Uns tempos depois, indo a Sete Lagoas, pergunto a Isaura:

— Como é, já cumpriu a promessa?

— Ainda não. Esses meninos...

— O que que tem os meninos?

— Já cansei de falar com eles, ficam com vergonha de tratar a missa.

— Diz-que é ruim deixar de cumprir promessa, não é?

— Quebrar promessa, eu? Não quebro de forma nenhuma. Prometi, vou cumprir!

— E se os meninos continuarem com vergonha do padre?

— Eu vou lá e resolvo.

— Mas ele celebra?

— Celebra, uai!

— Pra Tiradentes?

— E pra quem mais haveria de ser?

Percebendo minha dúvida, ela diz com a cara mais lambida deste mundo:

— É só fazer como da outra vez. Chego lá, encomendo a missa por alma de Joaquim José. Agora me conta: ele pode deixar de celebrar?

Elogio

O lugar tinha nascido da lavoura de café, do trabalho de pioneiros vindos de toda parte. Com poucos anos estava emancipado e Euclides Fonseca, um dos primeiros a chegar na região, se elegeu prefeito. Quando morreu, anos depois, a Câmara aprovou por unanimidade a construção de uma estátua em sua memória.

Para a festa de inauguração vieram comitivas de várias cidades vizinhas, deputados da região, representante do governador, muita gente chegada de caminhão e a cavalo.

Banda de música, descerramento da estátua, vivas e foguetório. Palmas da multidão, orgulhosa de ver no bronze o jeito resoluto de Euclides Fonseca.

Muito discurso, cada um mais bonito e emocionado, o povo aplaudindo. Depois das autoridades, de um aluno da escola local e do representante das classes produtoras, veio, como não podia deixar de ser, a palavra livre.

Germínio Horta, vereador à Câmara Municipal, pede a palavra: “Meus senhores e minhas senhoras. Ilustres autoridades e visitantes. Povo desta progressista cidade. A homenagem que a gente hoje pres-ta ao nosso

fundador, sô Oclides, é a coisa mais certa que podia haver. Não sei se o pessoal sabe, e se não sabe é preciso ficar sabendo. Sô Oclides foi um homem colosso. Por exemplo: foi o primeiro homem a dar a luz nessas redondezas.” Sem notar o riso dos presentes, foi em frente: — “E tem mais: sô Oclides foi o primeiro a comer veado por aqui, quando esse lugar era puro mato.” Neste momento, resolveu estender a homenagem à constrangida viúva do fundador, já vermelha de vergonha aos pés do monumento. — “Eu queria dizer uma palavra pra distinta viúva de sô Oclides, que honra a gente com sua presença. Uma palavra simples, porém sincera. Me desculpe a falsa modéstia, d. Rosinha, mas a senhora sabe que eu sou homem lido e corrido. Já andei por este Brasil quase todo, antes de chegar aqui. Lidei com muita gente importante. Conheci muito homem público e convivi com mulher pública que não tem conta. Conheci muita mulher pública boa mas — desculpe o elogio na presença — mulher pública boa que nem a senhora, d. Rosinha, eu posso garantir que não existe neste país.”

Lucros e perdas

Ludovico Bicalho, que o povo tratava por Liduvico, repartiu as terras e mudou pro arraial. Lá podia realizar o sonho de dona Sinhá: permitir que ela apreciasse o movimento.

No começo tudo era novidade. Serviço pouco, sobrava tempo pra receber visita, saber dos acontecimentos, comentar a vida dos outros. Dona Sinhá era boa de prosa, especulava muito, logo dava mais notícia das coisas do que os moradores antigos do lugar.

Ludovico, mais fechado, preferia ficar pelo quintal, remexendo a horta de couve, botando estaca nos tomates, vigiando por conta de praga e passarinho. A maior parte do tempo passava no alpendre vendo o povo subir e descer a rua, respondia aos cumprimentos de todos, de vez em quando um parava, dava um dedo de prosa. Às vezes passava na barbearia, depois descia até o bar, esperava a jardineira, sempre podia chegar alguém diferente.

Mas o que os dois apreciavam mesmo era o conforto: água encanada na pia da cozinha, não precisava lavar vasilha lá fora, e luz elétrica. Do rádio, não perdiam os programas caipiras e o repórter. O lugar não tinha padre

fixo, agora podiam assistir à Santa Missa pela rádio Aparecida. Valia a mesma coisa, o bispo tinha garantido. Estavam no centro do mundo. Só duas coisas ainda faltavam. Dona Sinhá vivia pedindo pra botar instalação e chuveiro dentro de casa, Ludovico sonhava com uma televisão. A mulher não ia mais precisar sair pra ver novela na casa dos outros, de noite costumava esfriar muito.

Conforme o povo usa dizer, o que é bom dura pouco. Ludovico, não demorou muito, apresentou uma dor de cabeça danada de forte, não havia meio de passar. De vez em quando tonteava. Era pressão alta, perigo de trombose, disse o médico que andou examinando o povo na véspera da eleição. Receitou uma remediama, cortou sal e gordura, tinha de fazer regime rigoroso. O velho foi ficando desacorçoado, perdendo a graça. Por fim, fazia pena a tristeza dele. A mulher acabou descobrindo que a preocupação maior era com o dinheiro. Tanto remédio, despesa de médico, quase todo mês, os cobres eram só a conta do trivial, não podiam ficar gastando assim sem parar.

Um dia, quando foi pegar o urinol debaixo da cama, dona Sinhá viu a urina do marido toda rajada de sangue. — “Faz tempo que tá assim. Não falei antes pra não incomodar”, disse Ludovico. “Além da queda, coice”, pensou a mulher. No domingo, reuniu os filhos, carecia uma providência mais séria. Levar na cidade, quem sabe operar. — “A gente repartiu tudo que tinha, guardou algum dinheirinho, não dá pra coisa mais avultada.”

Os filhos pediram tempo pra resolver, pensar no caso. No domingo seguinte vieram com a resposta: — “Leva o pai pra cidade, opera, seja o que Deus quiser.”

Umas semanas e alguns contos de réis depois

Ludovico estava de volta. Além das despesas de médico, remédio e hospital, foi preciso fazer um crescente na casa, instalar privada e banheiro para maior conforto do chefe da família.

Dona Sinhá não descuidava dos remédios, passando o tempo todo ao lado do marido. Mesmo assim Ludovico foi definhando. Cada vez mais fraco, não conseguia recuperar. — “Esta operação foi uma temeridade!”, disse uma comadre deles, entendida em doenças e hospitais. — “Esses médico hoje em dia só quer ganhar dinheiro, vai pegando e sentando a faca”, completou ela.

Mês e pouco depois, a família em torno do caixão, um dos filhos olhou o defunto e falou com tristeza:

— Coitado do papai. Nem aproveitou da operação.

O irmão, ao lado, completou num suspiro:

— E nem da privada nova.

Alma penada

Waldemar era o que o povo costumava chamar, meio debicando, marido de professora. Tocava um retiro perto do povoado, meia dúzia de vacas sem raça. Perguntavam, caçoando, se era cruzamento de cachorro com cabrito. As vacas mal paravam em pé, leitinho à toa, mas davam ao dono ares de sitiante. A vargem, entregava pra plantar de meia. Sempre alguém pegava. Uma pequena roça de milho, duas quartas de feijão, um porco engordando no fundo da horta, pra que mais?

O dinheiro de dona Odete rendia. Separado o necessário pra sal e querosene, de vez em quando uma poção na farmácia, alguma roupa nova em dias de mais cortesia, sobrava quase tudo.

Waldemar saía pro retiro com o dia clareando. Tirava o leite num átimo, ciscava dum lado pro outro, oito e meia, nove horas, já vinha voltando ao povoado, latinha na mão.

O resto do dia, mandriava. Depois que botou água dentro de casa tinha o desprante de chegar do retiro, e, todo santo dia, tomar um banho de corpo inteiro. Botava o paletó de pijama e sentava na porta. Ali ficava horas entretido, apreciando o movimento. De vez em quando

levantava, mexia com o pass'ô preto, trocava a água do canário-belga, ia na cozinha beber café, vinha pitar cá fora, refestelado outra vez na cadeira.

Depois do almoço, uma caminhada pra fazer o quilo. Passava na farmácia, onde tinha sempre alguém empurrando o tempo. Na volta do dia, assinava o ponto na venda. Logo iam chegando os parceiros do carteadado, formavam a roda. Sentados no fundo do botequim moíam a tarde na orelha da sota, como costumavam dizer. Bisca, escopa, douradinha e truco. Os três primeiros, jogavam mais calados, pensando. O truco era aquela zoeira. Quem passasse por perto imaginava que tinha gente pegando à unha.

Um gritava: — “Truco!” Os dois parceiros do outro lado se olhavam, parecia que não ia acontecer nada. De repente um berrava:

— “Toma seis, ladrão de milho.” No meio do alarido, um deles produzia um terrível uivo: — “Saracura, bicho feio, tem cabelo no joelho!”, ao que o outro respondia, se contorcendo com as cartas nas duas mãos:

— “Vem! Vem, que eu quero ver, cambada de fedaputa!”

Depois de tanta excitação, o jeito era pedir outra rodada de pinga para acalmar os nervos, não importava quem puxasse os tentos. Mais valia a algazarra e, no fim, todo mundo saía ganhando.

De serviço, Waldemar corria como diabo da cruz. Era freguês certo do carteadado e da cachaça. Mas tinha outra qualidade: dava a vida por um rabo de saia. Volta e meia arreava a égua baia, saía pra uma precisão qualquer. Uma hora ia levar milho pra moer, nada como um fubazinho de moinho d'água; outra vez, tinha que tomar opinião sobre um negócio de gado (que nunca

dava certo); outra ainda, ia visitar um amigo doente em fazenda da redondeza.

Lugar pequeno, todo mundo dá notícia de tudo. Não havia quem não soubesse — e comentasse — cada passo, cada volta, do Waldemar. Dona Odete sabia alguma coisa, sempre aparecia bisbilhoteira pra contar. É claro que só por amizade, na melhor das intenções. Terminavam a reportagem com ar consolador: — “Tenho tanta pena da senhora, comadre... Aguentar o compadre com essas fraquezas lá dele não deve de ser fácil não. O que salva é o conforto da religião, nem todo mundo tem a sua sorte. Se a senhora não for pro céu, comadre, ninguém mais vai. Ninguém mesmo.”

Dona Odete ouvia aquilo, agradecia. De vez em quando imaginava a quantidade de casos que ela devia não saber. Nem queria. Tinha lá seu modo meio fatalista de viver e costumava ensinar aos alunos que ninguém consegue mudar a força do destino. Às amigas mais chegadas usava repetir sempre: — “A vida é assim mesmo. Cada um com sua cruz.” E citava um rosário de exemplos do povo do lugar, casos conhecidos de todo mundo. Uma coisa era certa: não tinha raiva do Waldemar, até gostava muito do marido. Era simples: ele tinha suas fraquezas, ela carregava sua cruz, iam vivendo como Deus fosse servido.

De vez em quando convidavam Waldemar pra falar na Sessão Cívica da escola. Ele começava sempre assim: — “Eu fumo. Eu bebo. Eu jogo. Eu tenho outros vícios que não fica bem declarar em público...” Aí entrava com o conselho, mais moral do que cívico, avalizado por seus atos, aliás conhecidos de sobra: — “Porém, crianças, não façais como eu.”

Ele podia ter mamparreado por muito tempo se não

fosse seu fraco por rabos de saia. Teve a infeliz ideia de engrajar com Marieta, moça bonita e leviana. Só que ninguém tinha ainda botado a mão na cumbuca. Waldemar tentou, o boato correu, a família dela ficou sabendo. Era gente de cabelo na venta, de repente o negócio encrespou. Foi aquele zum-zum. Waldemar jururu em casa, de pijama o tempo todo, nem na janela chegava mais.

Passou um par de dias, não acontecia nada. Waldemar animou a dar uma sentadinha na porta outra vez, daí a pouco vem passando um irmão da tal moça. Pensou: “É pr’agora.” Teve um calafrio mas aguentou firme. O rapaz veio vindo, veio passando. Perto dele, diminuiu o passo, quase parou. Waldemar teve vontade de correr mas achou vergonhoso. Se chegasse a sua hora, tinha de morrer feito homem.

O moço olhou, fez que ia sorrir, cumprimentou e seguiu. Com pouco toda gente sabia do sucedido. Não demorou muito, Waldemar já ia a caminho do retiro, dia clareando. Depois, cadeira de novo na porta, a voltinha pra fazer o quilo, a conversa fiada na venda, o truco berrado.

Uma tarde, dona Odete estava ensinando provérbios. Cada menino falava um, ia escrever no quadro. No fim da lista, a professora colocou mais dois que ninguém tinha lembrado: “Casamento e mortalha no céu se talha” e “O que Deus traça, o homem não tem o direito de mudar.” O primeiro, tinha sido aprendido com a avó dela, provérbio muito antigo. Quiseram saber o que era mortalha, ela explicou. O segundo, ela modificou um pouco porque no original, ouvido de uma antiga empregada, dizia assim: — “O que Deus risca, o homem não tem ordem de cortar.” Achava que aquilo parecia

coisa de alfaiate e resolveu mudar duas palavras pra ficar mais digno de ser ensinado na escola.

Enquanto dona Odete dava sua aula de provérbios, Juca Preto subia a rua a cavalo. Parou na porta da venda. Juca tinha muito crime nas costas, vivia pegando empreitada. Mas sempre dizia que não aceitava serviço no povoado, ali morava sua gente. Por isso ninguém maldou quando ele foi entrando na venda e cumprimentando cada um, cheio de papiata, fazendo bizarria com todo mundo.

Pediu uma pinga, virou duma vez. A segunda, ia bebendo tudo, lembrou da parte das almas. Jogou um pouco no chão. A terceira já foi pedida na sala de jogo. Por seguro, todo mundo aceitou. A quarta, foi colocada só no copo de Waldemar, que quis agradecer. Juca Preto nem deu tempo: — “Que que é isso, sô Waldemar? Tá querendo me desfeitear?” Mal engoliu, Juca já vinha com outra, anunciando: — “Mais uma cachacinha aqui pro meu amigo, o maior conferencista e fazendeiro do povoado, um exemplo de marido e pai de família.” Aí Waldemar entesou, disse que agradecia, que não ia beber mais, aquilo era um despropósito. Juca Preto avançou em cima de Waldemar. Encantado, virou bicho. Do miolo do medo brotou sua maior coragem: puxou uma faca e saiu atrás do valentão. Juca Preto anda de fasto, finge que vai sair. Waldemar, rabiscando com a faca, acerta não acerta, o povo não entendendo nada. Juca Preto agarrado na parede, quase cercado, pega a tranca da porta e... zás! Foi uma só, bem no meio da cabeça. Waldemar caído numa poça de sangue, Juca Preto sobe a rua de galope no rumo do Brejo Alegre.

Durante muitos dias, não tinha outro comentário no povoado. Passou a missa de sétimo dia, veio a de mês, o

povo ainda falava no caso. Falava e tremia de medo. Crianças e mulheres principalmente. Tinha aquela crença que quem morre matado fica com a alma penando, não há meio de encontrar repouso. De fora da casa de Waldemar, uma tira de pano preto. Lá dentro dona Odete, luto fechado, exaltando as qualidades e perdendo as fraquezas do falecido.

De noite, o povo tinha o costume de rezar o terço. Dona Zizinha, colega da viúva no grupo, depois de todas as orações pelas almas do purgatório, acrescentava agora uma Ave-Maria e um Padre-Nosso “pela alma de Waldemar, para que não nos faça medo nem pavor.” Era a conta. Apagadas as lamparinas, cada um remoía a seu jeito as lembranças do morto, pelava de medo da alma dele. De todos, quem mais tinha medo era a própria dona Zizinha. Vivia assustada, qualquer rumor, ficava de cabelo em pé.

Uma tarde, quase anoitecendo, ela fechou as galinhas, recolheu umas vasilhas perto da bica, foi à casinha, naquele tempo não existiam essas modernidades de privada dentro de casa. Nem trancou a porta pra evitar que, no escuro, o lugar ficasse mais soturno. Fez lá sua necessidade bem depressa, logo estava cá fora, saiu ajeitando as roupas. Entre a casinha e o terreiro havia um trilho no meio da plantação de café. Cercada de medo, era como se atravessasse sozinha uma floresta assombrada. Dona Zizinha foi ficando assustada, imaginando, lembrando. O Waldemar. Sem querer, começou a andar num passo miudinho, o trilho não acabava, o terreiro não aparecia. Via sombras. Tremia. Agora, além de andar quase em disparada, gritava pedindo ajuda, pedindo socorro.

— Acode, gente. Pelo amor de Deus! Acode!

O filho mais velho chamou os outros, foram ao encontro dela:

— Que que foi, mãe? Tá sentindo mal?

— Sei não. Ai! Que coisa mais esquisita, gente...

Como se fosse ter um ataque, mal conseguiu explicar:

— Por um minuto que a alma do Waldemar não aparecia pra mim.

Avelino

Vicente Mendes tinha um Chevrolet Gigante que sacolejava pelas estradas de terra levando farinha de trigo, macarrão, querosene, buscando galinhas e ovos. Naquele tempo não havia ônibus — nem as jardineiras, que vieram depois. O caminhão do Vicente servia também pra quando a gente queria visitar os parentes em São João d'El Rey (era assim que sobrescritávamos os envelopes), com pernoite na pensão do Luís Caputo, em São Tiago. O jeito menos confortável de ir a São João era a cavalo, viagem de 12 léguas, saindo de madrugada e chegando com noite fechada.

Terça-feira de tardinha o caminhão passava pelo arraial, vindo de Passa Tempo. Parada curta, a conta de embarcar os canudos de taquara cheios de galinha e os balaio de ovos, fazer umas poucas entregas, pegar um raro passageiro e seguir viagem.

Vicente tinha em cada lugar um representante que saía pelas fazendas e pequenos povoados fora da rota do caminhão.

Em morro do Ferro, a concessão da linha de ovos era do Avelino Pedrosa. Andava num cavalo queimado, meio pequirá e trotão, com um balaio de cada lado. Na

ida seguia em trote seco, os balaíos ganhando novas camadas nos pontos de parada.

Quinta-feira era dia do engenho, quase divisa do pé do morro. Saía cedo, distância muita para o pequirá. Tanto morro, a viagem não rendia.

Na volta do dia parava na serra, já descendo para o povoado. Era pontual. Minha avó ficava esperando bater a porteira e — só por amor à rotina — mandava a empregada olhar se era o Avelino. Da janela da despensa ela podia ver o pequirá chegando junto ao esteio debaixo do jambeiro. Minha avó ia recebê-lo com um cumprimento seco e mandava-o sentar no banco do alpendre. Trocava umas poucas palavras de minguada cortesia e sumia casa adentro.

Avelino na sombra do alpendre, o pequirá debaixo do pé de jambo. Descansavam.

Minha avó voltava com uma cuia de ovos e a bandeja com banana, queijo fresco, ainda chorando, pão de queijo, biscoito de polvilho e café. Avelino se servia. Comia devagar, fazendo render a pausa da viagem.

Era quase um silêncio. Só os ruídos naturais daquela hora: uma juriti cantando na moita de bambu, na boca do mato; uma trocal mais longe; o berro de vaca no pasto em frente. A brisa nos eucaliptos abaixo do curral. Avelino no banco, minha avó na cadeira.

De raro em raro ela limpava a garganta, fazia um vago comentário sobre o tempo ou perguntava por algum morador do engenho. Ele respondia, monossilábico. O vento, a vaca, a juriti, uma cigarra. Silêncio. Avelino esperava um pouco, para não sair feito cachorro magro, que come e vai embora. Cortesia com a dona da casa e um jeito de aproveitar mais a brisa do alpendre.

Depois ia lá fora com a cuia de ovos, colocava um a um no balaio entre camadas de capim. Voltava, pagava, ficava mais um tempo. Só então pegava o chapéu de palha e, antes de se despedir, dizia à minha avó, que limpava a garganta pra afastar um antigo pigarro: — “É... Dona Zulmira. No mais, a prosa tá boa mas eu preciso ir mexendo areia...”

Sensibilidade política

Pedro Gomes resolveu sair candidato a prefeito. Na fiúza de que só bebe água limpa quem vai na frente, bolou um esquema infalível de contatos imediatos com o eleitorado. Pediu ao sobrinho Francisco, funcionário da Prefeitura, que informasse em primeira mão qualquer falecimento na cidade. Era ele quem recebia os pedidos para abertura de covas no cemitério municipal.

Dois dias depois Francisco mandou dizer que o velho Chico Ferreira tinha acabado de se suicidar. Pra refrescar a memória do tio, lembrava: a viúva era dona Quininha.

Meia hora depois chegava Pedro Gomes, acompanhado de um assessor, futuro secretário da Prefeitura. Muito compungido, deu um apertado abraço em dona Quininha. Dizer que ela não cabia em si de contente é um exagero, considerada a ocasião. Mas os presentes registraram a enorme comoção da velha diante de tanta e tão pronta solidariedade, pois nem mesmo o pessoal da família tinha sabido direito do triste acontecimento.

Afrouxado o abraço, Pedro Gomes perguntou solícito, a mão no ombro da viúva:

— Que coisa, hein, dona Quininha? Como é que foi?

— Bebeu soda, coitado...

— Besteira, gente. Tiro no ouvido é muito mais rápido!

Na semana seguinte, avisado outra vez pelo sobrinho, Pedro Gomes chegava feito um raio à casa de Aparecida Freitas, onde dona Maricota, sua velha mãe, tinha jurado terminar os dias. Fazia menos de uma hora que a promessa acabava de ser cumprida.

A família ia-se reunindo no quarto, a defunta ainda em cima do catre, o caixão nem tinha chegado. Pedro Gomes vai entrando de mansinho, cumprimenta um, abraça outro. O ar de tristeza cada vez mais aperfeiçoado, olha a morta na cama, balança a cabeça no mais profundo desamparo. Depois do intervalo conveniente, pergunta à dona da casa:

— Que houve com dona Maricota, Aparecida? Ainda outro dia passei por aqui e ela estava na janela, tão alegrinha.

— Ah, sô Pedro. Idade.

— Quantos anos?

— Oitenta e nove. Completou semana passada.

— Também já era hora, né, Aparecida?

Não é preciso dizer que esta foi a segunda e última visita a defuntos frescos. Diante da reação geral a tamanha sutileza, Pedro Gomes acabou tendo de sepultar, muito a contragosto, seu infalível plano de contatos com o eleitorado. Na mesma cova, sete palmos de fundura, enterrou também o sonho de um dia ser prefeito.

Só que, desta vez, o sobrinho não avisou ninguém.

Herança

É como diz o ditado: a gente pensa no diabo e ele aparece. Hoje cedo lembrei d'ocê, das velharia que vive caçando, esses caso do tempo antigo.

Eu tava falando na minha herança. Já te contei que fui pra casa da madrinha pra desmamar. Por lá fiquei até virar moça.

Naquele tempo o povo tinha mania de viver todo mundo junto. A casa antiga do meu avô era um quadrado alto. A família aumentando, ele puxando uns crescente em volta do quadrado. Depois, cada filho que casava fazia outro puxado, já tão baixo que a gente tinha que entrar agachado. Parecia casinha de carneiro.

Eu falava era da herança. Madrinha herdou uma casa com horta de couve e quintal de tudo quanto era qualidade de fruta, mais um pastinho de capim-gordura que dava pra Lagoa Grande. Não sei que tamanho certo tinha tudo, no princípio.

Madrinha era casada com um tal de Ponciano, vulgo Pôncio, tio dela e já homem feito. Casou pra fazer gosto do pai, que tinha aquela inibição de não deixar riqueza sair da família. A diferença de idade deles dois havia de ser de uns quarenta ano, ela com doze, ele com mais de

cinquenta. Naquele tempo usava isso e as moça, se o pai mandava, elas não tugia nem mugia, era tudo muito rigoroso.

Mulher, por exemplo, não aprendia a ler nem escrever. Madrinha era muito sorrateira. Espiava a aula do mestre-escola pros menino, ia pro fundo da horta e escrevia com espinho de laranjeira numa folha de banana, depois picava miudinho pra não deixar sinal. Sinal devia de ficar, mas acho que meu avô não queria era dar o braço a torcer.

Foi assim que ela aprendeu a escrever, uma letra muito grande, uns bilhete saltado, mas serviu até pra receitar, quando ficou mais velha. Era tudo tão atrasado que ela acabou virando uma espécie de médica da roça.

Conforme eu ia te contando, a casa, a criação, o pasto de gordura e a lagoa no fundo, era tudo dela. O Pôncio lá, velho barbudo, morenã-caboclo, um cabelo comprido que já usava desde aquele tempo, os olho avermelhado. Olho limpo, o Pôncio. Foi embondando madrinha, ele era o tio, aquele respeito todo, foi metendo a mão nas coisa. Um dia um capado gordo, outro dia uma nesga de terra pra acertar divisa com vizinho, cada hora uma coisinha. Naquele compasso, limpava tudo.

Lá perto morava um tal Lineu Bicalho, que vem a ser parente desses Bicalho daí. Era lido e corrido, conhecia a vida. Um dia falou comigo: — “Olha, menina, se ocês quiser, conversa com sua madrinha, ela te faz uma doação do que ainda resta antes que as duas fique de tanga.”

Daí uns dia ele teve de ir no Sobradinho, o dono do cartório era parente. Conversaro e, na volta, explicou o que tinha de fazer e o preço: ficava tudo em cento e dez

mil-réis. Eu tinha quarenta e cinco de economia, mandei um recado pro meu cunhado que morava em Santa Maria, pedindo emprestado os sessenta e cinco milréis que faltava. O portador voltou com os cobre. Aí eu mais madrinha fomo com sô Lineu pro Sobradinho, já tava tudo conversado, num átimo resolvemo tudo. O Pôncio? Ora, bufou que nem cabrito, ameaçou, esbravejou mas já não tinha remédio.

Uns tempo depois eu casei, o José rebocou a casa, encomendou tabatinga pros lado do arraial, pintou tudo de cor-de-rosa. Consertou as cerca, podou o arvoredor, tirou erva-de-passarinho. Eu formei um jardimzinho, vivia pedindo muda, o resto o povo já vinha oferecendo, até beija-flor juntava. Em ordem de pobre, a gente vivia bem. Casa reformada, plantação que na roça sempre tem de ter no caso de doença: camomila, funcho, essas coisa.

Mas, o pantano, ocê sabe. A lagoa, aquela imundice de brejo e charco, era o paraíso da maleita. O José era do Morro Alto, outras banda, acho que o corpo não tinha defesa, acabou pegando a febre. Ela vinha em hora certa. O pobre tremia de bater queixo, virou um bagaço. A poder de quinino, aquele amargume, com o tempo foi arribando. Mas remédio pra maleita é afastar do mosquito, fugir do brejo e da umidade.

Madrinha já tinha morrido, era o que podia prender nós. A Nica, minha mais velha, era pequena, eu ficava lembrando do febrão, imaginava os filho que ainda havia de ter e desacorçoava só de pensar em criar família naquele lugar.

A gente põe amor nas coisa, tem hora que fica difícil resolver. Mas tomamo coragem e vendemo a casa e o terreno por seis conto e quinhentos. Compramo outros quatro alquer e uma casinha no Morro Alto, ali pra

baixo do Cruzeiro, por quatro conto. Os dois e quinhentos que sobrou? Comemo até firmar o pé, gastamo uma parte nas benfeitoria — curral, chiqueiro, galinheiro — que lá só existia mesmo era uma casinha muito à toa.

No Morro Alto tive e criei família. Sempre foi uma vidinha de pobre. Dinheiro pouco mas a gente quase não gastava. Comprar mesmo era sal e querosene. Algum remédio, só quando chá, emplasto ou benzeção não resolvia. Não precisa fazer essa cara de riso não, ocê não entende dessas coisa, não tem prática da vida. Reza e benzeção é coisa séria e tem sua serventia em caso de cobrero, vento vira-do, bicheira de boi... Ainda mais naqueles cafundó onde não chega a modernice cara da cidade. Não falo de mandraca, que isso Deus não agrada, é coisa do diabo.

No Morro Alto fomo vivendo nossa vidinha. Quando a família cresceu, tinha mais quem ajudasse. O José, com os menino, plantava de meia, uma vez na Boa Vista, outra no Mato Verde, aquilo ainda era um sarandi brabo. Cada hora num lugar. As menina trabalhava no tear, a gente engordava um capado, criava galinha, ia vivendo como Deus era servido.

A herança? Vou chegar nela. Quando José morreu, eu já era um caco, os menino tinha casado, sobrava só eu mais a Ascendina, resolvemo vender o sítio. Deu sessenta e três cruzeiro pra cada um dos oito filho, eu fiquei com uns quinhentos e pouquinho.

Aí pensei: se esses quinhentos cruzeiro é a metade do que deu pra sustentar uma família de dez, eu posso viver do juro, deixo o principal de herança. Botei o dinheiro cada vez com um e ia recebendo o juro. Uma hora era dois por cento, outra era dois e meio, até três por cento

chegou render.

Quando a Ascendina casou e resolveu fazer uma cafua, dei cem cruzeiro pra ela, que ultimamente vinha me ajudando mais, me fazendo companhia. Peguei os quatrocento, entreguei pro Bento, que ia botar uma venda, e falei: “— Olha, meu filho, pega esse dinheiro, emprega ele, faz como os outro tava fazendo: me dá o juro todo mês e vai conservando o capital, é a herança que eu vou deixar. É pr’ocês mesmo.”

Ontem o Bento apareceu aqui com os quatrocentos cruzeiro na mão. Disse que não queria mais aquilo, não ficava bem, podiam candongar que tava me explorando, aprumando à custa da herança dos irmão. Tanto insistiu qu’eu não tive remédio e aceitei os cobre.

Ali com o dinheiro na mão, me deu um repente:

— “Olha, gente! Tou mesmo no fim, não tou valendo mais nada. Sempre disse que esse dinheiro ia ser a herança que eu havia de deixar. Pois vou começar a repartir é agora mesmo. Dá cinquenta exatinho pra cada um.” Peguei uma pelega de cinquenta e mandei o Bento levar a parte dele na hora. Ele renegou, escorregou, disse que de jeito nenhum, mas eu não aceitei discussão. Teve de pegar. Maria do Rosário tinha acabado de chegar, lasquei os cinquenta nela. Por sorte, os outros aparecero pra me ver, cada um saiu com sua parte, depois da mesma lenga-lenga, que não aceitava, onde é que já se viu, mas eu não fiz por menos.

Agora falta entregar a parte da Nica e do Luís. Um tá em Estrela do Sul, outro em Anicuns, no cafundó de Goiás. Esses tão melhor, é capaz de não aceitar mesmo, mas eu sei comé qu’eu vou fazer. Um presentinho ninguém não pode recusar, né mesmo? Assim eles recebe a herança sem saber, depois eu conto a história.

Minha herança deu em água de barrela. Virou pouco mais de meio salário, que é a aposentadoria dos velhos. Quantos salários ocê acha, numa comparação, que ia ter de juntar pra comprar outra vez os quatro alquer do Morro Alto? Mais de cem?

Também, pra falar a verdade, eu tou é pouco ligando de não ter dinheiro. Se eles não quiser ouvir o povo dizer que a mãe deles passa fome, me dê de comer. Quando eu morrer, se não quiser ver urubu juntando por riba da casa, que me enterre. Que m'importa me lá...

Aula de religião

A professora entrou na sala do primeiro ano e disse:

— Hoje vamos aprender a “Salve-Rainha”. Primeiro eu rezo sozinha, vocês prestam atenção. Depois vou falando e vocês repetem comigo. Entenderam?

— Entendemos.

— Então muita atenção agora. Nada de conversa, viu Claret? Faça o favor de não ficar cochichando com o Pedro, Deusdete!

A professora vai recitando meio disparado, automaticamente, como fazia toda vez que rezava: — “Salve Rainha mãe de misericórdia/ vida doçura e esperança nossa salve/ a vós bradamos os degredados filhos de Eva/ a vós suspiramos gemendo e chorando neste vale de lágrimas/ eia pois advogada nossa vosso olhar misericordioso a nós volvei/ e depois deste desterro mostrai-nos a Jesus o bendito fruto do vosso ventre...”

Terminada a oração, recorda as instruções: — “Agora eu falo cada parte, bem devagarinho, e vocês vão repetindo comigo. Vamos começar: — “Salve Rainha. Mãe de misericórdia. Vida, doçura. E esperança nossa...”

Nunca tinha rezado assim, tão devagar. Normalmente

começava com “Salve Rainha” ia direto, logo terminava sem dar fé do que dizia. Muitas vezes pensava em outras coisas enquanto recitava, de cor, a oração. Por isto era tão difícil falar cada pedaço, ainda mais tendo de esperar os meninos repetirem. A sequência do pensamento ficava interrompida, não conseguia ir em frente. Muito nervosa, aproveitou que Claret cochichava com Marquinhos para dar uma salvadora lição de moral: — “Assim não dá, gente! Claret, por favor! É preciso mais respeito com nossa Mãe do Céu.”

Depois daquele pito nos assustados alunos, sentiu-se encorajada a tentar de novo.

— Vamos começar outra vez. Mas, por favor, não quero ninguém perturbando. Combinado? Então vamos lá. Vocês já sabem como é: eu falo, devagarinho, vocês repetem cada pedaço.

Apesar da atenção dos alunos, que recitavam em coro cada trecho, ela não conseguiu, na segunda tentativa, ir além de “...vida, doçura e esperança nossa, salve.” Fez uma pausa, não via como continuar. Ansiosa, foi dizendo frase por frase, mentalmente. Achou mais fácil do que imaginava. Ficou tranquila. Só precisava de uma justificativa perante a turma. E esta veio na pessoa do Marquinhos que, aproveitando o intervalo nas atividades religiosas, trocava figurinha com Paulo Rogério na carteira da frente.

Dada a espinafração em regra, a professora animou-se a recomençar a oração. Antes, repetiu tudo para ela mesma. Desta vez não ia haver engano.

Começou de novo a “Salve-Rainha”. Foi rezando cada parte, os meninos repetindo em coro. Conseguiu chegar até “...mostrai-nos a Jesus, o bendito fruto do vosso ventre.” Mas aí, empacou outra vez. Não tinha meio de

lembrar a frase seguinte.

Os meninos, percebendo o aperto dela, mantinham-se no mais completo silêncio. Ninguém se mexia. Até Pedro, Deusdete, Marquinhos e Claret pareciam estátuas. Agora não havia nem a desculpa de conversa ou distração. A professora ficou mais nervosa ainda. Não conseguindo lembrar o resto da oração e já sem coragem para novo esforço, olhou para a turma, que continuava muda e espantada. Encarou-os de frente. Completamente sem controle, a voz esganiçada, gritou: — “Com essa bagunça não dá, gente! Vamos aprender a ‘Salve-Rainha’ na próxima aula. Estão dispensados por hoje.”

Pegou suas coisas depressa e saiu da sala, de cabeça baixa. Os mais atentos perceberam, aflitos, que ela chorava.

Prescrição

Virgulino tinha uma venda na beira da estrada. Negócio pequeno. O povo era pobre, compra maior fazia no arraial, domingo de missa. Mesmo assim, a venda mais uma rocinha ia dando pra criar os filhos.

Nas horas de folga Virgulino foi formando um pasto, começou a criar bezerro. Derrubou a capoeira e plantou dois alqueires de café. No terceiro ano dava uma carga bem boa, já compensava as despesas. Ainda mais que não gastava pagar mão de obra. Era só juntar os filhos maiores, em pouco tempo colhia tudo.

Uma noite, quando lavava os pés pra deitar, Virgulino preveniu: — “Amanhã quero todo mundo pra fora cedo. Vamo principiari a colheita do café.” Ninguém disse nada, mas ele acrescentou: — “Pra não acharem que tou sacrificando a família, vou ver se alguém mais pode dar uma ajuda.”

No outro dia Virgulino falou com dona Constança, sua mulher:

- Olha, Tancinha, hoje a Lazica vai dormir aqui.
- Mas pra quê?
- Vai ajudar na panha do café.
- Carece dormir? Mora tão perto, menos de meia

légua...

— É melhor. De manhã já sai direto, o serviço rende mais.

Que Virgulino não era boa bisca ela sabia há muito tempo. Pois não tinha até montado casa no arraial, uma ocasião, pra uma rapariga? Ultimamente andavam falando das safadezas dele com a Lazica. Não entendia que graça o marido podia achar naquela crioula descanelada, anca fina, dente estragado. Parece que ele tinha um fraco por mulher preta. Só faltava esta agora, botar a negra dentro de casa. Era o cúmulo do descaramento. Mas cadê coragem de reclamar? Não podia nem mover uma palha, lá vinha aquela trovoada, pancadaria, um escândalo. Aguentava tudo, medo do marido sair de casa, faltar o sustento das crianças. Por causa delas penava calada.

Alta noite, todo mundo dormindo, Constança fingindo dormir também, Virgulino levantou e saiu, pé-por-pé. Do quarto ao lado, a mulher escutou os cochichos. Ele querendo, Lazica negando, Virgulino insistindo, ela recusando, medo do povo da casa escutar. O tendepá já ia longe, uma agonia que não acabava mais. Antes dos filhos acordarem com aquela safadeza, Constança resolveu a questão. Limpou a garganta, falou pro lado de lá: — “Deixa, Lazica! É receita médica. Se não for com preta o desgraçado morre!”

Visita pastoral

Durante a missa solene que celebrou antes de regressar a seu Palácio Episcopal em Cascalho Branco, d. Estêvão Medeiros anunciou a novidade: — “Meus amados irmãos. É provável que, se Deus assim o permitir, esta seja a minha última visita como vosso bispo diocesano.” Observou o olhar de orfandade e a cara de abandono dos fiéis, prolongou a pausa por alguns instantes. Depois de um sorriso meio paternal, completou: — “Não vos entristeçais, porém, que a hora é de alegria. De júbilo, até.” Outra pausa. Dona Dorinha Pereira, zeladora da matriz e secretária do pároco, não aguentava a emoção. Sentada no primeiro banco, remexeu, alisou a fita vermelha do Apostalado da Oração, limpou a garganta e esbugalhou os olhos, normalmente bastante arregalados. Só então d. Estêvão deu a boa-nova: — “De acordo com recente comunicação da alta hierarquia da Igreja, que só neste momento tenho a oportunidade de vos anunciar, Vargem Grande se desmembrará de Cascalho Branco, constituindo a sede de nova diocese, que compreenderá mais de cinquenta paróquias.”

O Bispo ia completar, justificando a medida, aliás muito sábia. Não teve oportunidade de fazê-lo porque

seus fiéis, de repente, pareciam enlouquecidos. Tinha gente trepada nos bancos, puxando vivas a são Vicente de Paula, ao mártir são Sebastião, a Nossa Senhora de Fátima, ao Sagrado Coração de Jesus, até as Almas do Purgatório ganharam vivas. Lá de trás puxaram um viva a d. Estêvão, que agradeceu com largo aceno de mão. Aí o povo começou a bater palmas; não parava mais. A sessão de vivas se completou com a lembrança de todos os patriarcas e benfeitores da cidade, vivos e mortos, o que durou mais uns quinze minutos.

Então começou a parte de hinos e cantos, no maior desencontro possível. Um tirava o “Queremos Deus” de um lado, outro começava o “Tantum Ergo”, num latim meio estropiado, as mulheres se dividiam entre “Louvando a Maria” e “Com minha Mãe estarei”. Era uma balbúrdia sem tamanho. No meio de tudo, gritinhos e chiliques, gente desmaiando, mulher chorando, criança que acordava assustada, começando a chorar também.

Se d. Estêvão não assumisse novamente a condução dos trabalhos, ia ser um deus nos acuda. Ele bateu no microfone várias vezes, os padres que concelebravam colocaram o indicador direito nos lábios pedindo silêncio, daí a pouco a ordem voltava a reinar na Igreja.

Dona Dorinha Pereira é que não deu fé mais de nada. Quem a visse de olhos parados, quase saltando das órbitas, o ar beatífico que levou muitos dias a acabar, juraria que ela estava face a face com o Criador, agradecendo-lhe a bênção maravilhosa. Algum tempo depois ela confidenciou a amigas íntimas que, naquele momento, imaginou-se promovida a secretária do novo bispo (“Ai que responsabilidade, meu Deus. Será que eu dou conta?”), pensando como ele seria, se iam dar certo, onde arranjariam uma casa condigna para servir de

palácio episcopal, essas coisas.

Durante os meses seguintes, ninguém em Vargem Grande se ocupou de mais nada que não fosse esperar a chegada do novo pastor. Os partidos locais superaram antigas divergências para votar, por unanimidade e em regime de urgência, todas as providências solicitadas pelo prefeito. Velhas rixas domésticas terminaram de uma hora para outra, maridos dados a aventuras noturnas de repente não saíam mais de casa, era como se uma onda de conciliação e de civismo tivesse baixado na alma de todos.

Finalmente chegou o grande dia, que, aliás, acabou virando três. Festança nunca vista em toda a região: tríduo preparatório solene, missa cantada, bênção do Santíssimo, fogueiras, mastros, espetáculos pirotécnicos, a praça da matriz coalhada de gente de tudo quanto era lugar. Barraquinhas vendendo pastel, sanduíche e churrasquinho, jogos, bailes, um foguetório de tremer o chão. Fora as bandas, vindas de todas as cidades da nova diocese. O dia era pequeno para caber tanto dobrado, mesmo a alvorada começando de madrugada. Isto sem falar na carnaria, cerveja e cachaça.

A nada poderia faltar Zizi do Palmital, sempre presente aos grandes acontecimentos. Com a experiência adquirida na instalação da nova diocese, achou que sua ajuda era indispensável na preparação da primeira visita pastoral, programada para Vereda Nova.

Três dias antes da chegada de d. Cipriano Gomes da Fonseca (assim se chamava o novo prelado), Zizi já estava na cidade. Trançava de cá pra lá, dava palpites, informava a cada grupo do trabalho do outro, elogiava daqui, criticava dali. Na véspera o serviço apertou, sempre as pessoas calculam mal, fica muita coisa de

última hora.

Na entrada da cidade estavam levantando arcos de bambu, enfeitados com argolas de papel de seda e bandeirinhas. Latas e mais latas de grude, não havia papel e barbante que chegasse. Outra turma no largo da Matriz, furava buracos onde iam plantar coqueirinhos e bananeiras.

Precisavam de muita água para as mudas não sentirem, amanhecendo murchas. Aí sugeriram preparar tudo, deixando para colocar as mudas de tardinha. Iam sofrer menos, apanhavam força com o sereno da noite.

Zizi, que se considerava cidadão honorário de Vereda Nova, torcia para tudo sair da melhor maneira possível. Com medo do pessoal afobar ou desanimar, caprichando menos nos preparativos, resolveu ter uma participação mais decisiva nos acontecimentos. Começou a correr as diversas frentes de trabalho, animando o povo. Aos que pelejavam para acertar um arco de bambu, que não havia jeito de pararem pé, dizia: — “Vamos, minha gente. Não afoba não, a coisa acerta. Amarra aquela ponta direito que o arco equilibra!” Aos meninos da escola, dispensados para fazer corrente de papel de seda, aconselhava: — “Cuidado na hora de cortar. As argolas tão ficando desiguais, a corrente, assim, vai ficar feia.” Antes de visitar outra turma, exortava: — “Capricha, pessoal. Vamos mostrar ao nosso pastor o carinho de seus fiéis.”

Quando chegou no largo, o pessoal afobado, as mudas não tinham vindo ainda, os voluntários cansados de furar buraco naquele chão duro, alguém murmurou, de mau humor: — “Esse Zizi tá enchendo com essa falação. Faz uma zoeira tão grande que acaba esquentando a cabeça da gente.”

Ele não percebeu a cara do pessoal e começou a latomia: — “Como vão as coisas por aqui? Do lado de lá tá ficando uma beleza! Só vendo o arco que levantaram agorinha no mata-burro da entrada. E a corrente, nunca vi tão certinha, tanta cor bonita junta...”

Deu uma olhada e perguntou: — “O que aconteceu com as mudas? Será que vão trazer a tempo?” Notando, só agora, a fria reação dos presentes, consertou: — “Isso acontece. No fim sempre dá certo. Não pode é desanimar. Que cara é essa, gente? Coragem! Vamos preparar uma recepção pro nosso bispo nunca mais esquecer!”

O padre, a quem tinham pedido uma providência, virou pro Zizi, com uma enxadinha na mão, e pediu:

— O tempo está ficando curto, precisamos da colaboração de todos. Quem sabe você fazia um grande favor, meu filho?

Olhando desconfiado para a enxadinha, Zizi não teve como fugir da autoridade do sacerdote:

— O senhor é quem manda, seu Vigário! Em que posso ajudar?

— Dá uma limpada na frente da igreja, capina aquelas vassouras... É uma caridade que você faz. Vamos mostrar ao senhor bispo todo o nosso capricho.

Muito sem jeito, Zizi começou a capinar. O cabo era meio torto, cheio de nó. A enxada, um pequeno cacumbu, completamente cega. Para piorar, Zizi não tinha nenhum treino naquele tipo de serviço. Suas artes eram outras, bem mais leves. Mas como recuar, com o padre fiscalizando, todo mundo de olho nele?

A enxadinha batia com força no chão duro, mascava na raiz da vassoura, repicava, vinha um tranco ruim no braço, o nó do cabo batia na palma lisa da mão, Zizi

fazia uma careta. Meia hora depois não tinha conseguido capinar quase nada. Olhou o vassourão que faltava e achou que, naquela toada, nem numa semana ia dar conta do recado.

Dava três, quatro golpes, parava, cuspia na mão vermelha e ardida, olhava pra cima. Nem uma nuvem para tapar aquele solão dos diabos. Começou a suar. Sem outro remédio, teve de fazer a coisa que mais detestava: acabou tirando o paletó. Pelejou mais um pouco, o suor começou a escorrer pelo rosto. Deu outra parada. Limpou com a manga ensebada da camisa. Cuspiu de novo nas mãos, como via os roceiros fazendo. O ardume era demais. Três bolhas d'água principiavam: uma perto do polegar e duas na palma da mão direita, que puxava a enxada. Trocou a posição das mãos, procurando algum alívio.

Daí a pouco a camisa estava pregada no corpo. A mão esquerda, que era a melhorzinha, já apresentava as primeiras bolhas. Se ao menos tivesse calos... Mas isto era impossível para um homem com a sua profissão.

Sentiu um molhado quente na mão. A bolha tinha arrebetado, estava na carne viva. Deu mais uns golpes, sem muita fé. A enxada, o miserável cacumbu, repicava no chão, a mão ardia, aquela dor nos braços, o suor escorrendo, Zizi arrependeu de ter nascido. Depois, teve raiva da maldita hora que resolveu animar o pessoal. Se não fosse aquela ideia besta, podia estar refestelado na sombra, apreciando o movimento sem compromisso nenhum.

Olhou o vassoural em pé, desafiando sua enxadinha, examinou o estado das mãos e viu que, mesmo se morresse segurando aquela ferramenta, nunca ia dar conta da tarefa. E ainda tinha o pessoal por perto

gozando o seu fracasso.

Bem que sua mãe vivia falando: — “Em festa de nhambu, jacu não entra.” Foi meter-se a rabequista, enfiar o nariz onde não era de sua conta, bem feito! E ele sentiu-se o próprio jacu em festa de nhambu. Nem da cidade era, estava pouco ligando se a recepção desse certo ou fosse um completo fiasco. O povo de Vereda Nova que se afomentasse. O Bispo que se danasse.

Morto de raiva e de dor, fez uma careta pro povo que não tirava o olho dele, mandou longe a enxadinha e gritou pra todo mundo ouvir:

— Êta bispo fedaputa!

Morrer em paz

Juca Ferreira tinha começado pobre, vindo de baixo como se dizia. Irmandade grande, unidos feito unha e carne, amanheciam de enxada na mão. Plantavam roças maiores do que podiam cuidar com o recurso dos próprios braços. Na capina, mato demais, só coroavam as covas, a conta de salvar o milho de morrer sufocado.

Era tempo de fartura, o milho bamburrava. Na colheita, separavam o do gasto, vendiam o resto de meia. Compraram uma partida de porcos. Recriaram uns, engordaram outros, apuraram mais dinheiro. Nesse sistema — madrugando no trabalho, repartindo as despesas e segurando o lucro — foram progredindo. Começaram a comprar terreno de vizinhos, puseram um retiro, negociavam com bezerro, as mulheres faziam queijo, todo mundo ajudava.

Sem romper com a sociedade, cada um começou a mexer com uma coisa diferente. Onofre virou vendedor de burro, vivia viajando, juntando animal, depois saía de novo, levando pra longe. Silviano formava cargueiros de toucinho e rapadura, voltava com sal e farinha de trigo, de vez em quando algum tecido. Teodoro cuidava dos porcos e do gado. Os outros, mais novos, ajudavam cada

hora numa tarefa de maior precisão.

Mesmo depois de casados, continuaram unidos, sempre um pedindo conselho dos outros, emprestando dinheiro, negociando juntos. Juntos continuaram a progredir. Tinham fazendas em quatro municípios. Ficaram ricos, ao menos para os padrões da época. Muitos achavam aquilo um exemplo bonito de ser seguido, era difícil ver uma família tão unida, vencendo por esforço próprio. Outros torciam o nariz, dizendo que eles deviam ter logrado muita gente, não era possível aquela riqueza toda ser honesta.

Juca Ferreira, logo que casou, foi morar na Boa Vista. Invernada de primeira, terra descansada, aguada boa, lugar sadio. Lá nasceram seus oito primeiros filhos. Quando ia inteirar os nove, dona Esmeralda teve uma complicação, faltou recurso na hora, acabou morrendo. Ano e pouco depois, Juca tornou a casar. Com Esméria, irmã da primeira mulher, teve sete filhos.

Criada a família, os do primeiro casamento viviam bem folgados e tinham até aumentado a herança recebida da mãe. Seguiram a moda do pai. Trabalhavam muito, poupavam mais ainda. Os da segunda família, especialmente os mais novos, passavam bem apertados. Os filhos ajudavam menos, o tempo todo atrás de baile e futebol, catando festa em tudo quanto era cruzeiro, capela e povoado. Cada um tinha seu radinho, até radiola de pilha tinham comprado.

Mariano Rodrigues, casado com uma das moças mais novas de Juca Ferreira, vira e mexe discutia com os filhos, não sabia onde iam parar com aquela boa vida, sempre atrás de malandragem e vadiação. Citava como exemplo os sobrinhos mais velhos de sua mulher, homens feitos e sérios, tocando bem os negócios, não

sabiam o que era mandriar. No calor da discussão um dos rapazes respondeu que os primos não faziam vantagem, já tinham nascido ricos com a herança da avó. E eles, só com aquele sitiozinho, mais o direito de plantar à meia nas terras do avô, mal podendo colocar meia dúzia de bezerros na soca do milho ou no pastinho de campo? Na exaltação, acabou falando o que todos pensavam mas ninguém tinha coragem de dizer: — “Se ao menos esse velho batesse as botas...”

A conversa alastrou feito fogo em palha seca. De repente ninguém pensava noutra coisa, com pouco todos estavam repartindo a herança do velho. Juca Ferreira, tirante uns reumatismos e macacoas da idade, até que gozava de boa saúde aos quase noventa anos. Só andava era num desgosto danado ultimamente. O movimento dos parentes tinha chegado aos seus ouvidos, ele não se conformava com aquilo. Mariano, indo visitá-lo, encontrou-o muito queixoso:

— Esse mundo é um buraco, meu filho. A gente peleja a vida inteira, trabalha feito um jumento e não tem sossego nem pra morrer.

— O que foi, padrinho Juca? — perguntou o genro, fazendo de desentendido.

— Não venha me dizer que não sabe?

— Sei não, padrinho. Juro que não sei.

— É só o burro de carga aqui ter um resfriadozinho à toa e já começam a brigar.

— Que é isso, padrinho, tem ninguém brigando não!

— Precisa fingir não, Mariano. Ocê mesmo é o principal interessado nessa história da água do moinho. Me contaram tudo!

Pego de surpresa, Mariano respondeu solícito:

— Se for só por causa disso, padrinho Juca, o senhor

pode morrer sossegado que eu resolvo o negócio da água.

O bentinho do arreeiro

Raro era o dia em que, na fazenda, não aparecia alguém de fora. O boiadeiro, de bota chiadeira e chapéu de aba larga, tinha a espora nas pedras do curral. João Batista vinha em dias certos. Separava um pouquinho de creme para analisar, despejava o resto na lata, trocava novidades, bebia café na porta mesmo e ia embora. Avelino chegava no começo da tarde, uma vez por semana, num pequirá sonolento de tanto transportar ovos. Parava para um café com biscoito e requeijão, dava um dedo de prosa no alpendre, depois aninhava sua carga no balaio, entre camadas de capim.

Havia também os que só apareciam de vez em quando. Jorge, por exemplo, o mascate turco que trazia de tudo em seus baús. Um dia, abrindo a porteira, perguntou:

— Bode entra?

O fazendeiro respondeu, fazendo troça:

— Jorge entra, o bode fica de fora.

O arreeiro vinha de Prados, duas a três vezes por ano. A troco de pouso e pasto, deixava um acolchoado, um relho, qualquer agrado para a dona da casa e as moças solteiras. Tinha ainda o paneleiro, o vendedor de tacho,

o comprador de porcos...

Além dos que passavam em dias certos e dos que chegavam de longe para pousar, havia os pedidores de esmola e os que iam apanhar fruta ou levar milho pra moer. Aparecia também gente que andava pelo mundo, sem eira nem beira, pedindo pouso e comida. Assim era “Quente-Fervendo”, um doido manso com sua misteriosa trouxa às costas. Dormia na cobertura e misturava creolina na comida, sempre quente-fervendo.

Todos estes tipos, contando casos, falando dos outros ou não falando nada, mudavam a paisagem humana da fazenda. Quando vinham de longe, fazendo giro mais largo, iam chegando e desarreando os cavalos, logo soltos no melhor pasto. Nem se falava em pedir pousada. Entravam, daí a pouco saía uma janta de primeira. De noite, pegavam prosa animada, vendo a lua no alpendre ou quentando fogo na cozinha. A conversa espichava serão afora; os olhos do pessoal da casa brilhavam com os casos do meio mundo por onde o viajante andava: chuva brava de enchente e trovoadas, veranico torrando roça, política fervendo na cidade tal, moça fugindo pra casar, proeza de valentão, lendas de assombração, histórias de encantamento... Essas noites eram uma festa. Muito tempo depois continuavam lembrando as conversas, discutindo se tal caso era assim ou assado.

Uma tarde, quase anoitecendo, veio chegando Juquinha arreeiro. Honório fechava os bezerros. Pela cara amarrada do dono da fazenda Juquinha viu que alguma coisa estava errada. Foi logo querendo saber:

— Ainda que mal pergunte, o que houve aqui, seu Honório?

— É a Mariinha. Tá muito mal, um parto encruado, faz um tempão. Capaz de não ter recurso não.

— Falar verdade, tinha pensado em pousar aqui hoje. Visto esse problema, toco pra diante.

— Pra lhe ser franco, tá difícil mesmo. Com essa confusão, ninguém tem cabeça pra nada aqui não.

Depois de um momento de dúvida, o viajante falou:

— A gente compreende, preocupa não. Mas, independente do pouso e se o senhor permitir, queria experimentar uma reza pra dona Mariinha.

Apeou, pediu lápis e papel, escreveu umas linhas nele, dobrou bem dobrado. Pegou um retalho de pano, costurou com o papel dentro, fez duas pequenas alças, amarrou um barbante, mandou botar o bentinho no pescoço da mulher. Não demorou muito, escutaram choro forte de criança. Todo mundo espantou com os poderes do arreeiro, a força de sua oração.

Juquinha acabou ficando, a janta foi um banquete. De noite, conversaram sobre doenças, rezas, benzeduras e simpatias. No dia seguinte, só conseguiu sair depois do almoço. Levava o agradecimento de todos e o convite para batizar a criança quando passasse da outra vez.

Ele chegou de véspera, sábado de tarde. Logo trouxeram o menino, deram para segurar. Acostumado a lidar com arreios e burros, pegou a criança, tentou um carinho na maior falta de jeito, não podia desfeitear os compadres. Deu graças a Deus quando dona Mariinha, percebendo a aflição dele, tomou o menino de volta.

Conversando de noite, o arreeiro perguntou pelo bentinho. Contaram que já tinha andado por muitas casas e, abaixo de Deus, era o que resolvia uma porção de partos encravados. Ele escutou os casos, ouviu elogios à sua poderosa oração, mas disse que precisava do bentinho. Depois de certo tempo, explicou, podia dar problema, não convinha ficar usando assim, a torto e a

direito.

Meses depois, quando Juquinha voltou à fazenda, comadre Mariinha lhe entregou o bentinho. Devolvia com pesar mas tinha medo de alguma trapalhada, ficou cismada com aquela história de problema, de azar. Era uma pena, tanto menino nascido graças à milagrosa oração.

Antes de viajar, na manhã seguinte, o arreeiro precisava fazer uma coisa muito importante. Pegou o bentinho, todo ensebado e já descosturando, tirou de dentro o pedaço de papel. Foi desdobrando com cuidado para não partir a folha envelhecida. Antes de acender o isqueiro, leu pela última vez a quadrinha, quase apagada no meio de tanta dobra:

“Tendo comida pra mim
E pasto pro alazão
Estou pouco importando
Se a mulher parir ou não.”

Cigano

De repente, a cidade inteira já sabia: tinha chegado o novo contador do Banco do Brasil. E mais: chamava Solano Cardoso, solteiro e bom de bola. Com dribles curtos, ginga de corpo e chutes certos, garantiu a posição de titular no ataque do Esportivo, naquele tempo uma das melhores equipes da região. O time acabou classificado para o Campeonato Estadual, com um gol de desempate feito por Solano no minuto final da emocionante partida contra o Florianense.

A fama conquistada no gramado logo se espalhou pelo *footing* da praça Sete (de Setembro, naturalmente) e pelos salões de baile do clube Centenário. Passados os flertes da fase de reconhecimento, virou par constante de Rosana, filha de seu Aristides Gouveia, tradicional fazendeiro, duas vezes ex-prefeito e presidente do diretório do partido do governo.

Mesmo namorando firme, Solano dava suas fugidinhas, Rosana vivia tendo notícia das aventuras dele. Uma hora em Campo Bonito, outra em Floriano ou Conquista, cidades vizinhas, menos de cinquenta quilômetros. Ele sempre indo com desculpa de tratar jogo, visitar cliente do banco. As vezes na capital, três

horas de ôni-bus, pra acertar problemas da contabilidade deixados pelo outro contador.

A família fazia vista grossa, a moça fingia não acreditar nas notícias que chegavam. Afinal, nem todo dia aparece um bom partido daquele, bonitão, simpático e com emprego garantido no Banco do Brasil. Solano foi ganhando intimidade na casa, quando viram já chamava o velho Aristides de seu Tide. Dona Luísa tomava ares de futura sogra, agradando o moço, de repente só o tratava de “meu filho”. De nada valeram os conselhos do marido, sempre repetindo: — “Devagar com o andor, mulher; que o santo é de barro.”

O noivado era inevitável. No dia do pedido, logo aceito, Solano sentiu-se no dever de, naquele momento solene e na presença dos parentes e amigos da família, fazer a seguinte ressalva: — “Olha, seu Tide. Minhas coisas eu trago sempre bem claras. Gosto muito da Rosana, pretendo sinceramente casar com ela. Mas não quero enganar ninguém.”

Diante do espanto dos presentes, completou: — “É o seguinte: sou um homem sem paradeiro, meio andejo. Hoje estou aqui, amanhã por exemplo posso estar em Conquista, depois de amanhã em Floriano.”

Ainda assim Aristides Gouveia manteve o consentimento dado e Rosana, emocionada, não se assustou com o aviso. Mas Solano, não passou muito tempo, sumiu. Não sei se foi pra Conquista ou Floriano. Exalou.

A noiva esperou um pouco, cansou logo. Acabou casando com José Maria Gouveia, seu primo segundo, que toca um bar na praça Sete e só muito de raro em raro acha jeito de alguma viagensinha. E quando isso acontece, é sempre pra voltar no mesmo dia.

Lição de arte

No sertão do Carinhanha, quase divisa com a Bahia, um menino vivia com um pedaço de pau e canivete na mão. Uns tempos depois o povo do lugar se espantava com sua arte. Era de ver a perfeição de onça, tatu, jacaré, saracura, todo tipo de animal nas mais diferentes posições e tamanhos.

Assombro maior é que ele mal desenhava o nome. Aquelas artes, tinha aprendido sozinho, sem ao menos um prático pra ensinar.

Sô Nominato, do correio, homem dado a leituras e filosofias, não entendia aquilo. Um dia quis conhecer o método ou a técnica usada pelo pequeno artista. Este se espantou com a questão. Não sabia patavina de métodos e técnicas, coisas muito complicadas pra cabeça dele. Ia só pegando e fazendo o que dava na ideia, era muito mais simples.

Sô Nominato encabulou. Mandou até encomendar pelo reembolso uns livros especializados, leu muito sobre o assunto, vivia falando daquilo o tempo todo. O menino, sem saber pra que lado ficava o rabo do “a”, continuava trabalhando lá do jeito dele, cada dia fazendo uma coisa mais bonita. Mas com uma

dificuldade agora. Cortar a peça, não tinha nada não. A questão era aturar o homem do correio com seu palavreado novo, tirado de livro, tanta pergunta, especulando sobre os tais métodos e as malditas técnicas. O menino foi ficando espantado e meio com medo porque nunca havia pensado naquele tipo de coisa e o velho andava uma fera.

Um dia sô Nominato, vendo uma garça que só faltava sair voando de tão perfeita, encantou o autor:

— Então, já tem resposta pra minha pergunta?

— Não senhor. Acho que não.

— Mas isso é uma grossa besteira. Você acha, por acaso, que existe alguma coisa no mundo sem explicação? Tudo na vida tem explicação. Tem ou não tem?

— Sei não, sô Nominato. Não entendo disso não.

— Então vamos combinar o seguinte: conta como é que você faz. O menino, mesmo não entendendo direito porque podia ser tão importante ter de explicar as coisas, fez um enorme esforço para encontrar a resposta. Ficou calado, olhou a garça de madeira na mão, concentrou o pensamento e disse, mostrando com gestos:

— É bem fácil. Pego o pedaço de pau e fico vendo o bicho que eu quero.

— E aí? — perguntou o velho, aflito.

— Aí eu tiro o resto com o canivete.

Washington

— É a primeira vez que o doutor vem por aqui?

— Praticamente é. Estive antes, só de passagem.

— Fica muito tempo?

— Até amanhã.

— Tem um homem aqui, doutor, que o senhor carece conhecer.

— Quem é ele?

— Gente de primeira. Homem de muito valor.

— É mesmo?

— É, sim senhor.

— E ele é daqui?

— É nascido perto, na Bocaina, um povoadozinho. Já ouviu falar?

— Não.

— Pois é. Nasceu na roça. Foi candeeiro, quer dizer, guia de carro de boi. Depois trabalhou na enxada, mão grossa de calo, plantando sua rocinha lá dele, de meia. Pai pobre, família grande, honesta e trabalhadeira, labutando todo mundo junto.

— Isso é bonito.

— E raro hoje em dia.

— Ele mora na cidade agora?

— Moço feito, veio fazer o ginásio, depois de terminar o terceiro ano na escola lá da roça. Foi engraxate, trabalhou em botequim, foi porteiro de cinema. Sempre esforçado, sempre estimado.

— E terminou o ginásio?

— Terminou, já mais velho. Era pobre, tinha de ajudar a família. Mas não queria parar no ginásio. Aí fez o tal de madureza e começou a estudar pra devogado.

— Que beleza! E advoga aqui?

— Não, doutor. Ele hoje é o nosso juiz. O senhor precisa tirar um tempinho pra conhecer ele. É peça fina.

— Combinado. Vamos lá hoje. Você só não me falou o nome dele.

— É Varsinti, vulgo Osto, que é como todo mundo aqui conhece ele.

Kennedy

Quando o presidente John Kennedy foi assassinado, em novembro de 1962, a tragédia de Dallas atingiu o mundo inteiro imediatamente. Pela televisão, pelas telefotos das edições extra dos jornais ou pelas sucessivas reportagens extraordinárias do rádio.

Nas cidades maiores as pessoas, envolvidas pela magia dos Kennedy e pela repetida visão do brutal assassinato, sofreram um impacto maior. No interior, principalmente na roça, a notícia chegava apenas a alguns pontos onde havia rádio. Cada um entendia a seu modo e passava adiante a novidade como podia.

Juca Firmino, por exemplo, escutou na fazenda Boa Esperança que o presidente John Kennedy tinha sido assassinado e que a polícia estava perseguindo o suspeito. De passagem pela casa do tio Sebastião, meia légua adiante, informou em primeira mão: — “Olha, sô Sabastião. Mataram um tal de Tião Quêmis e a polícia já tá atrás do criminoso. Ele fugiu, não sei se pras banda de Goiás ou de Mato Grosso. Esse finzinho da notícia eu não entendi direito.”

Despedida

Frei Paulo era o Provincial da Ordem, tinha ocupado um cargo importante no governo, depois enfarou daquilo. Reuniu os padres e comunicou sua decisão: queria ir para o interior, viver do trabalho do seu corpo, conviver com o povo da roça. Não pensava em política nem ia romper com a Igreja. Era só a forte vontade de uma experiência nova, de aprender e ser útil noutro campo.

Comprou uma chácara, começou formando horta. Trabalhava de sol a sol como qualquer roceiro. Os moradores do lugar ficaram arredios no princípio. Depois foram chegando, meio ressabiados. Um, mais atirado, perguntou:

— Me desculpe lhe falar assim, mas o senhor é padre mesmo?

— Claro que sou, meu filho.

— Praticante?

— Praticante! Qual é a dúvida?

— É que ninguém nunca viu o senhor celebrando, batizando, fazendo essas coisas que padre faz. Só aí nessa horta, desde o sol apontando até esconder, que nem a gente mesmo.

— Mal acabei de chegar. Vou arrumar a horta,

ganhar algum dinheiro. Depois, com um pouco de tempo, faço uma capela, ajeito tudo.

— Posso lhe dar um conselho, padre? Esse trabalho não é pro senhor não. Vai se acabar, tá se vendo que é homem da cidade. Dá conta de serviço pesado assim não. Isso é coisa pra gente que já tá calejada.

— Se vocês dão conta, eu também dou. Devagar vou treinando, engrossando as mãos, o corpo acostuma.

A horta viçou logo, frei Paulo arranjou um sócio com uma kombi para vender as verduras.

O povo começou a chegar mais, ia ganhando confiança. Convidava pras novenas, cada hora na casa de um. O padre só puxava a reza na falta do sô Chico, o velho rezador do lugar.

Com o dinheiro da horta foi construindo uma casa simples e ampla, onde passou a celebrar, batizar, “fazendo essas coisas que padre faz”.

Tinha pena da doença do povo. Começou o que ele mesmo chamava “o exercício ilegal da medicina”. Ouvia as queixas, ia de vez em quando à capital, se instruía com médicos amigos sobre os casos mais complicados. Conseguia amostra grátis, foi formando uma farmaciazinha.

Receitava fortificante, dava vermífugo, fazia partos. Os casos de internamento, resolvia com a irmã da Santa Casa, sempre pronta a ajudar. Uma vez a dona que ia levando de noite começou a passar mal, o menino ameaçava nascer no caminho. Viram movimento numa casa. Era festa de casamento. Foi entrando e falando com aquele jeito dele: — “Dá licença, minha gente. Tem aqui um brasileiro doido pra chegar e tem que ser agora mesmo. Preciso de ajuda.”

De todo o pessoal, quem mais se afeiçoou ao padre

foi o Zico mais a Tiana. Eram já bem velhos, tinham vivido sempre por ali, vidinha simples mas remediada. A filha deles, Maria, era surda-muda, assim meio abobada.

Um dia o padre deu falta de Tiana, nem na janela aparecia mais. Vendo que Zico andava tristonho, indagou:

— Cadê a Tiana, Zico?

— Anda por casa mesmo, sô Padre.

— Ela sumiu?!

— Meio aperrengada.

— De cama?

— Quase de contínuo.

— Por que você não me contou? Vou fazer uma visita.

— É bom não. De sofrimento já basta eu mais a pobre da Tiana.

Meia hora depois, sentado na beira da cama da doente, o padre mandou abrir a janela, precisava correr ar. Quando o cômodo clareou, pôde ver Tiana, um farrapo, com um pano amarrado na cabeça. Para espanto de Zico, frei Paulo foi metendo a mão e tirando o pano, aquele modo despachado dele. Era uma chaga só. O cabelo tinha caído, uma chusma de bichos comendo a carne. Quando o padre foi saindo pra buscar recurso na sua botica, Zico acompanhou até a porta. Falou com um jeito machucado: — “Doença braba, sô Padre...” Tomando coragem, completou: — “Doença ruim, senhor não acha?” O padre não respondeu, mas Zico viu nele uma coisa que não entendeu na hora. Mais tarde, pensando naquilo, achou que era dó e amizade. Depois, toda vez que lembrava do padre olhando pra ele na soleira da porta, sentia um calor bom por dentro. Era uma espécie de alegria no meio da saudade.

De volta, com água oxigenada e algodão, frei Paulo deu uma limpeza em regra na cabeça de Tiana. Mandou coar café, ofereceu um cigarro, conversaram um par de horas. Ela ficou bem mais animadinha.

Daí pra frente, fazia os curativos religiosamente. Aproveitava para uma conversa vadia, palavras de conforto. Era a única pessoa de fora que tinha ordem de ver a Tiana.

Muitas vezes, alta madrugada, foi chamado pelo velho, aflito: — “Pelo amor de Deus, sô Padre. A pobre tá finando, pede pro se-nhor fazer a caridade de dar uma chegada, correndo, lá em casa. Carece demais a coitada, tá nas últimas.” O padre entrava no quarto com aquele jeitão dele, ia logo batendo palma, alegrando o ambiente: — “Que que é isso, Tiana? Anima! Vamos beber um café, pitar um pito, dar um dedo de prosa! Senta, Tiana, vamos conversar”. Daí a pouco ela ia ficando airosa, os olhinhos brilhando, parecia esquecer o sofrimento. Depois pedia desculpa, parava de falar. Encostava no travesseiro, dormia.

O padre teve que dar uma chegada na cidade, Tiana morreu. Na volta soube da notícia, foi correndo ver o Zico mais a Maria.

— Que coisa, hein Zico?

— Pois é, sô Padre. Guentou esperar o senhor não. Tanto que ela queria... Não calcula como pejejou...

— Pois é. Penou muito?

— Penar ela penou mas foi antes. Na hora não penou nada, louvado seja Deus. O senhor precisava ver.

— Como é que foi?

— Uma beleza de despedida. Só mesmo a pobre da Tiana. Carecia ver as coisa que ela falou. Tanto conselho... recomendação...

— Conta, homem! Quero saber.

— Ela me chamou na beira da cama. Tava calma, sossegada. Foi falando, aquele fiapo de voz: — Escuta, meu velho. Não guento mais não. Minha hora chegou. Tou despedindo. Queria te pedir umas coisa.

— Deixa disso, minha velha. Só Deus sabe a hora da gente.

— A minha chegou. Presta atenção, meu velho.

— Fica calma, tou escutando.

— Primeiro. A chakra. Vende não. Povo da cidade paga bem. Aceita não. A chakra é o resultado do nosso trabalho. Acaba seu tempo aqui, é aqui que a gente sempre viveu.

— Tá bem. Continua.

— A Maria...

— Que que tem a Maria?

— Cuida dela. Deixa ninguém judiar não. Só tem ocê no mundo.

— Preocupa não, minha velha. Cuido direitinho.

— A horta. Joga água, tira praga. Dá saúde sem gastar dinheiro. Maria pode ajudar.

— Pode sim. Maria ajuda muito.

— As galinha, mesma coisa. Descuida delas não. Vê se não tão botando no mato. Bicho come, bebe ovo, acaba tudo.

— Tem razão. Não vou descuidar.

— O jardim. Pede a Maria pra tomar conta. A casa fica com ar alegre. O girassol vai dar flor. Tira semente pro papagaio...

— Assim ela foi, sô Padre. Falando das coisa mais pequena, no comum a gente até pensa que não vale nada. Falou dos canarinho, pra trocar água, dar couve, pôr pra fora de manhã, recolher de noite. Da cancela

que precisava consertar. Duma pintura na casa de vez em quando, diz que era pra alegrar. Essas coisinha toda, tim-tim por tim-tim.

Eu segurando o choro, ela naquela natureza boa dela, como se fosse uma conversa à toa, trivial. Hoje eu choro só de lembrar.

— É natural, Zico. É assim mesmo. E aí?

— Aí, sô Padre, eu senti que as força dela tava acabando, fui ficando agoniado, perguntei: — “Tiana, minha velha. Ocê tá falando de tanta coisa, a horta, o jardim, as galinha, os passarinho... E eu, minha velha?

— E ela?

— Olhou pra mim dum jeito tão bonito, mas tão bonito que eu nunca tinha visto igual, e só disse assim: — “Ocê, meu velho? Ocê fica com Deus”. Alisou minha mão, deu um sorriso e encostou a cabeça no travesseiro. Parecia coisa que tava dormindo.

O terço

Antigamente, na roça, era costume rezar o terço em família antes de deitar. O pessoal reunia no quarto de oratória, cada um se ajeitava perto da cama, junto à arca, escorado numa cadeira ou em qualquer móvel que pudesse oferecer apoio ao corpo, cansado da lida diária. Um puxava o terço, os demais iam acompanhando. No começo, as vozes saíam fortes, entoadas. Pareciam cheias de fé. Depois, o coro ia ficando monótono, o sono chegando. Ligeiros cochilos entre a “Ave-Maria” e a “Santa Maria”, uma voz faltava ou ficava para trás. Então quase todos se distraíam, alguns começavam a rir discretamente, o terço desandava. Aí o puxador intercalava uma repreensão: “— Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco... Para de rir, Maria. Acorda, papai, está no quarto mistério, agora mesmo acaba... Bendita sois vós entre as mulheres...” No final, tendo já rezado pelas almas do purgatório, especialmente dos parentes e amigos recém-falecidos, terminavam com o Credo, que muitos chamavam “Crem-Deus-Padre”.

Depois do terço, quem não tinha ainda lavado os pés pegava a bacia d'água, o coité com sabão preto e bucha, mais a toalha de pano de saco, lavava, jogava a água

fora e entregava ao seguinte.

Então, vinha o café reforçado, com biscoito de todo tipo, pão de queijo, broa de fubá, queijo e leite. Jantavam cedo, era preciso forrar bem o estômago, a barriga podia roncar altas horas da noite.

Quando tinha visita, o serão esticava até mais tarde. Se estavam só os de casa, cada um pegava a lamparina e ia deitar, que o dia seguinte começava de madrugada.

Tio Joaquim e tia Clarinha moravam nos Moraes. Terminada a obrigação, já na boca da noite, tio Joaquim viu apontando a lua cheia no céu limpo. Era sábado, fazia calor, nada os prendia em casa. Foi lá dentro e propôs: “Clarinha, a gente podia aproveitar e visitar o Assis mais a Vica. Com menos de duas horas tamos lá, a tempo de ainda pegar o serão. Amanhã de tarde a gente volta”.

Meia hora depois os dois cavaleiros estavam na estrada. Passava pouco de oito e meia quando entraram no curral da fazenda. O fila araquá latiu grosso ao pressentir a chegada dos visitantes. Casa fechada, ninguém veio abrir. O cachorro latia, a porta continuava fechada. Gritaram:

— Ô Assis! Ô Vica!

Nada. Gritaram de novo. Esperaram um pouco. Barulho de gente tirando a tranca da porta, Vicente Baiano aparece com a lamparina na mão. Tio Joaquim pergunta:

— Já tavam dormindo, Vicente?

— Não, sô Joaquim. Nós tava no meio do Crem-Deus-Padre.

Lereia de preta velha

Ah, meu filho, a velha aqui já viu tanta coisa! Pelejou demais, labutou um colosso. Uma campanha, essa vida. Mas não fui sempre catadeira de papel não. Tive meu bom tempo, pois sim! Tive até no estrangeiro. Trabalhei na casa de gente importante, de prefeito e de parente do governo. Morei na casa do dono de São Paulo, um tal sô Shimite, sócio do Matarazzo. Gozava de toda consideração. Era só Zefa pra cá, Zefa pra lá. Tinha até garrafa de vinho no quarto só pra mim. Onde é que já se viu empregada, ainda mais preta, beber vinho nessa nossa capital? Pobre hoje em dia bebe vinho algum? Quá-o-quê. Bebe nada, meu filho.

Um dia, na hora da limpeza, achei uma História Sagrada grandona e grossona assim. Peguei o livro e danei a ler. Uma beleza que só vendo. Aí o patrão descobriu e quem é que disse que eu tive tempo de esconder? Me pegou no sufragante mas não ralhou comigo não. Achou foi graça do meu susto e acabou me dando o livro de presente. Aí eu li tudo, no sossego, de consciência limpa. Li desde o principinho. Desde a criação do mundo.

No paraíso terrestre morava Deus Nosso Senhor,

Nossa Senhora, Adão e Eva e aquela bicharada toda. E tinha também um tal de Messias, um menino regulando seus onze ano, muito bonzinho. Vivia passeando dum lado pro outro, fazendo amizade com todo mundo, gente e bicho. Era muito bonzinho mesmo. Eu vou até mandar celebrar uma missa pra ele um dia desse. Todos combinava muito, amizade verdadeira. Os bicho, mansinho, falava com o povo de lá. Tinha essas coisa de sofrimento e amolação não, ocê pensa?

Mas um dia Adão e Eva fizer'um pecado. Não lembro mais que pecado foi. Só sei que depois vier'os filho: Caim e Abel. Por conta disso Deus Nosso Senhor ficou muito aborrecido e tocou todo mundo do paraíso. Na hora de tocar o povo com uma espada de fogo, um anjo falou com eles na porta: — “Agora vão ter de comer o pão com o suor do rosto. E as dona daqui pra frente vão sofrer muito, principalmente pra ter menino.”

Foi dito e feito. Desde aquele dia tudo desandou. A maldade mais a inveja chegou no mundo e depois virou isso que ocê anda vendo aí.

Por cima das dificuldade do Adão e da Eva tinha as briga dos dois filho deles. Abel era muito bom e Deus Nosso Senhor aceitava com gosto os presente que ele oferecia. Também era só fruta escolhida, carneiro de primeira, gordo assim... Tudo do bom e do melhor. Por isso a fumaça da fogueira dele subia direto pro céu. A do Caim não. Ficava na terra mesmo porque as coisa que ele dava era ruim e dada de má vontade. Só carneiro pesteadado e fruta podre. Quando viu que só a fumaça do Abel subia, a dele não, jurou o irmão de morte. Uma vez, não sei pra onde é que o Adão mais a Eva andava, os dois ficaro sozinho. Aí o Caim aproveitou, pegou um facão e sentou uma facãozada na cabeça do Abel. Foi

uma só. É onde que eu falo: a inveja, essa é pouquinho mais nova do que o mundo.

Se eu ainda tenho o livro? Ficou guardado um tempão. Meu pessoal viu, queria que muita gente olhasse. Tinha tanta história bonita que eu nem não dou conta de contar tudo. Um dia, eu trabalhava fora, quando cheguei em casa, cadê? Tinham vendido pra comprar feijão.

Pressão baixa

—Bom dia, doutor.

— Bom dia. Vamos sentar. Fique à vontade.

— Brigado.

— Como é que vão as coisas?

— Mais ou menos.

— O que que o senhor sente?

— Problema de pressão.

— Alta?

— Não, doutor. Baixa.

— Tem certeza que é baixa?

— Tenho sim senhor.

— Vamos ver os sintomas. Desânimo?

— Não senhor.

— Preguiça?

— Não senhor.

— Muito sono?

— De normal pra pouco.

— Zoeira na cabeça?

— Também não.

— O senhor não parece ter pressão baixa, mas vamos tirar a dúvida.

Antes que o médico pegasse o aparelho, o cliente,

decidido e meio aflito, foi logo dizendo:

— Carece não, doutor. Eu tenho certeza.

— O jeito de ter certeza é medir — disse o médico já impaciente.

— Desculpe, doutor, mas não dá pra medir.

— Afinal, quem é o médico? Primeiro o senhor garante que tem pressão baixa mas não apresenta nenhum sintoma. Depois, diz que não precisa medir. Agora, que não tem jeito. O que há?

— Acho que o senhor não entendeu direito.

— Não entendi mesmo não — respondeu o médico, irritado.

— Quem sabe eu é que não consigo explicar? — indagou o cliente com humildade.

— Por que o senhor não tenta?

— É difícil... Não sei se o doutor vai compreender...

— Compreender o quê?

— O negócio da minha pressão. É baixa mesmo. Eu tenho certeza.

— E por que tanta certeza?

— O senhor não vai se ofender?

— Claro que não, meu amigo. Fique à vontade. Pode falar!

— É o seguinte. Me desculpe lhe falar assim. Questão da minha barriga. Novidade que apareceu faz um mês.

— O que que barriga tem a ver com pressão?

— Tem não? E o ar que fica lá dentro?

— Ar?

— Ar, doutor. Me perdoe, mas vou falar direto, na bucha. Eu sempre, a vida toda, dava cada peido, era aquele estrondo. De repente fui sentindo que a força tava diminuindo... Agora só sai aquele traquezinho à toa. Ultimamente cisme, resolvi consultar. Um

compadre meu morreu de pressão baixa. Ando com um medão danado da minha acabar o restinho que ainda tem. Entendeu agora, doutor?

Dilema

Chapada Grande era lugarejo de nada: pracinha com capela, meia dúzia de casas e uma venda. Depois, as cafuas salteadas morro abaixo, pra lá do córrego já era pasto e roça. O povo vivia da lavoura, quase sempre à meia, da criação de gado e de tirar leite.

A maior festa do lugar era a de são Sebastião, que chamavam mártir são Sebastião, geralmente abreviado Mar Sonsabastião. Era o protetor do gado contra peste, erva, bicheira. Daí sua popularidade, numa região onde a vida de tanta gente dependia da saúde da criação.

Zico do Lino, nascido e criado por ali, trabalhava ultimamente como vaqueiro na fazenda de Aniceto Ferreira. A festa de são Sebastião era coisa sagrada, ele não perdia por nada deste mundo. Cada ano tinha uma novidade, o festeiro esmerando em apresentar as coisas de um jeito novo, mais animado.

Diziam que a festa andava decadente. Os mais velhos contavam, no tempo antigo era muito melhor. Também hoje em dia, com tanta dificuldade, não sabiam onde o povo ainda tirava dinheiro pra diversão, se até pra comer andava tão pesado... O velho Aniceto Ferreira costumava sentenciar: — “A gente tá vivendo

uma época que quem come não luxa, quem luxa não come.”

Lembrando de todas as festas de são Sebastião, e já pensando na próxima, Zico mudou pra fazenda Boa Esperança, que um filho do patrão tinha comprado. Era longe, dois dias de viagem a cavalo. Logo depois levou a mãe viúva e os irmãos solteiros. O movimento ia aumentando, gastava mais gente pra tocar a lida.

Lugar bonito, descampado, sede e curral novos, o filho do antigo patrão começando a virar fazendeiro forte. Zico gostava de lá, era o capataz de todos os vaqueiros, empregado de maior confiança. Mas não tirava a Chapada Grande da cabeça, ainda mais que dali a pouco era a festa de são Sebastião.

De vez em quando vinha gente de lá, dava notícia dos parentes e conhecidos, contava sobre os preparativos: “Diz-que o Bebeto Ventura, festeiro deste ano, vai deixar todo mundo de queixo caído, acabar com essa história que a festa ficou decadente. O padre vem de véspera, encerrando o tríduo preparatório, atendendo confissão e, no vinte de janeiro, celebra missa cantada, faz batizado, de tarde a procissão, encerramento com Bênção do Santíssimo.”

Outro portador contava da quantidade de foguetes — de rabo, de lágrima, de três tiros — que tinham encomendado. Fora o foguete de roda, que na cidade grande chamavam espetáculo pirotécnico, em volta do mastro de são Sebastião. Falavam também num leilão de gado nunca visto na região, tourada, era capaz de ir até o Zé Capitão com sua turma de rodeio.

O que faltava pra virar a cabeça do Zico chegou quinze dias antes da festa: uma carta de Doralice. Dizia que ultimamente o tempo não passava, só pensando no

dia de se encontrarem de novo, nem dormindo conseguia esquecer dele. Estava cada vez mais firme, esperando que ele também estivesse firme só pra ela, olhar pra outras nem em pensamento. Pedia desculpas pelos erros e borrões — tinha escrito a carta com pouco tempo — e terminava do jeito que Zico tanto gostava, com uma quadrinha:

“Atirei um limão verde
Na porta da sacristia
Deu no ouro, deu na prata
Deu no moço que eu queria.”

De dezessete para dezoito, quase não dormiu. Passou a noite pensando em Doralice, fazia tanto tempo que não encontrava com ela. Um recado de vez em quando, um bilhete de raro em raro. O coração disparava só de lembrar da carta, que já sabia de cor.

O pensamento saltava de Doralice para a obrigação. Sô Fernando, o patrão, parece que adivinhava o sentimento do capataz. Ele próprio não tinha casado fazia pouco?

No dia da chegada da carta, quando foram dar sal pro gado, tinha perguntado com aquele ar brincalhão: — “Então, Zico, parece que viu passarinho verde... É convite da Dora pra festa na Chapada?”

Quando Zico falou na marcação das novilhas, o patrão foi logo atalhando, aquilo não era dúvida, marcação de novilha tem quase todo dia, festa de são Sebastião é só uma vez por ano. E arrematou, no estilo frasista do velho Aniceto: — “E a Doralice? Fica bobo na praça que o tamanduá te abraça.”

Como era viagem de dois dias, tinha que sair de madrugada. Queria estar na Chapada na véspera da festa, não podia perder nada.

O dia nem tinha amanhecido, Zico deixava para trás a divisa da fazenda Boa Esperança. Na boca da noite entrava no curral da fazenda Laranjeira, de propriedade de Chico Ferreira, primo do patrão. Por lá jantou, pousou, e, madrugadinha do dia seguinte, pegava de novo a estrada.

O sol já ia baixo quando Zico entrou na Chapada Grande. Tudo demudado, parecia outro lugar. Arco de bambu nas porteiras de chegada, bandeiras, uma fogueira enorme no largo coalhado de barraquinha de tudo quanto era tipo de jogo, comida e bugiganga. Mais ainda: o campo de futebol era agora arena de tourada.

Pouco mais tarde, já de banho tomado, barba feita e roupa trocada, ele saiu finalmente pra ver Doralice. Só voltaria altas horas, depois do baile. O outro dia era inteiro dela. Pensava em combinar, a próxima viagem ia ser para o noivado e marcação do casamento.

Mal pisou na rua, escutou um tropel de cavalo em disparada. Era Gervásio, empregado da fazenda Boa Esperança. Surgindo assim tão de repente, mais parecia assombração. Zico nem teve tempo de pensar, foi logo bambeando as pernas, um arrocho no peito, um pressentimento ruim.

— Que que tu anda fazendo nesse lugar, homem de Deus? Deu correição por lá? — tentou gracejar.

— Vim a mando da velha. Trago boa notícia não.

— Alguma dúvida com a mãe?

— Ela tá boa, quer dizer, de saúde. Foi seu irmão. O Ladico.

— O Ladico não pode ser. Até ficou no meu lugar!?

— Ele mesmo.

— Aconteceu o que com ele? — Chifrada de boi.

— Ele tá machucado? Tá mal?

— Ladico morreu, Zico — falou Gervásio, custando.

Zico sentiu um estupor esquisito, vontade de sumir, exalar. Começou a suar frio, zonzou. Ficou um tempo calado, meio passado. A cara do Ladico, os dentes só rindo, foi quem mais animou ele pra viagem tão doida: — “Pode ir sossegado, mano, eu tomo seu lugar, a gente marca a novilhada.” Aquilo não podia ser. Ladico morto, enterrado, debaixo de sete palmos? Se não tivesse cismado de viajar, Ladico tava vivo essa hora.

Depois foi acalmando, pediu detalhes: como é que aconteceu, que hora, durou muito, sofreu demais? Gervásio respondendo: tinha sido o Campeão; o chifre pegou na barriga — aqui assim lá nele — coitado do Ladico; furou uma tripa grossa, viu dizer que era o bucho, nem teve coragem de olhar; podia ser beirando as duas horas, durou só até as quatro e pouquinho. Não deve de ter sentido nada não, desacordou na hora. Ainda não tinha dado cinco horas, Gervásio já ganhava a estrada, viajou direto, sem dormir, pra dar o recado.

A mãe, Ladico morto. Doralice. Dois dias de viagem, nem ver Doralice tinha visto ainda. O trato do noivado, ideia dele, ela nem sonhava. “Eu continuo cada vez mais firme. Vem firme só pra mim...” “... Deu no ouro, deu na prata, deu no moço que eu queria.”

Doralice: igual não existia. Esperar um ano mais, não aguentava.

Gervásio ali, a cabeça rodando, parece que a ideia começou a clarear. Perguntou:

— Ladico morreu ontem às quatro. Quer dizer que já devem de ter enterrado?

— Faz pouco tempo, calculo.

— O que que a mãe mandou falar mesmo? Pra eu ir hoje?

— Mandou te avisar. Vim de galope, já te contei.

— Que situação, hein Gervásio? Tou partido no meio: minha mãe dum lado, Doralice do outro. Ladico, coitado. Deus o tenha.

— É, Zico.

— Essa festa, Gervásio, não é farra não. Hoje, no baile, precisava tratar assunto sério com a Dora. Sério mesmo. No caso, dançar não vai mais ter graça nenhuma, mas tou achando difícil não ir.

— Zico, a vida é tua, não é minha. Eu só vim dar o recado, já dei. Só preciso da resposta. Volto de madrugada. O que que eu falo com a velha?

— Ocê compreende, né Gervásio? Não dá mesmo pra voltar hoje. Deus me perdoe, mas minha volta não vai desenterrar o pobre do Ladico. Tenho que ficar. Explica pra mãe, com jeito, sem machucar. O baile é importante demais.

E rematou:

— Diz que eu fico pro baile. Mas fala que eu danço chorando.

O mascate

O cachorro late. A porteira bate. Da janela, Vicência vê o forasteiro já amarrando o cavalo no esteio. Logo estão frente a frente na soleira da porta.

— Bom dia, dona Vicência.

— Bom dia.

— Pelo jeito, a senhora não tá me conhecendo?

— Tou mesmo não. Me desculpe.

— Não lembra de mim?

— Quer dizer, lembrar até que eu lembro. Não tou é muito certa.

— Daniel.

— Ah, o Daniel Mascate?!

— Ele mesmo.

— Mas tem tantos anos... O senhor sumiu.

— É de vera. Faz muito tempo.

— Por onde é que anda?

— Por aí mesmo. Cada hora pruma banda.

— E o senhor, ainda mascateia?

— Masco, sim senhora.

Andança

Depois de muitos anos, fui visitar tia Chiquita. Ela continuava na antiga casa da cidade, agora com uma filha viúva. Apesar de quase paralítica e bastante idosa, estava lúcida e gostava ainda de conversar.

Da cama, onde se encontrava recostada, seus olhos se concentraram em mim, logo que cheguei ao quarto.

— Entra, meu filho.

Depois de um momento de dúvida, olhou-me melhor e arriscou:

— Ocê é neto do Zezé, não é?

— Sou, sim senhora.

— Filho do qualé?

— Da Julieta.

— Da Julieta? E como é que tá ela? Não aparece, faz tempo. Eu costumo encontrar é o Sílvio, ele sempre vem me ver. Também é solteiro, tem mais folga. Será que ele não casa mais não?

— Acho que não. Desanimou, parece.

— Essas moça não sabe o que tão perdeno.

— E a senhora, como vai indo?

— Eu? Como Deus é servido.

— A cabeça tá boa, não é?

— A cabeça tá. O corpo é que não vale mais nada. Só saio daqui pela mão dos outro. Fiz tratamento, passei fora um tempão, não adiantou quase nada. Diz o médico que secou o óleo da espinha, fiquei dura das cadeira.

— E dormir, a senhora dorme bem?

— Durmo. Durmo bem e sonho muito. Toda noite eu sonho.

— Com quê?

— Com lugar onde morei, pessoal que conheci. Outro dia mesmo eu fui nos Moraes.

— Onde o tio Pedrinho nasceu?

— É. Conhece lá, não conhece? Pois é. Foi lá que a gente começou a vida, aquela peleja.

— De lá vocês foram pra onde?

— De lá fomo pra perto do Calafate, onde hoje mora o Anselmo meu filho.

— E de noite a senhora costuma ir lá também?

— Vou muito. Quase sempre eu vou.

— E como é que são as coisas?

— Igualzinho quando a gente vivia lá. A casa, o curral, a horta, tudo como antigamente, não é como agora não.

— E na Boa Vista?

— Na Chapada, ocê quer dizer. Boa Vista é pra outra banda. Lá o nome certo mesmo é Chapada.

— E a senhora tem ido lá?

— Vou muito. Essa noite mesmo eu fui.

— E o que que a senhora fez?

— O mesmo de sempre: coei café de manhã, soltei as galinha, aguei a horta de couve, fiz queijo...

— Bom aquele queijo, não é mesmo?

— Muito bom. Gordo. Só uso leite de vaca de bezerro velho, tem mais manteiga.

— Ainda faz muito?

— Sempre que vou lá eu faço.

— Desta última vez estavam moendo cana?

— Muita, só vendo. Aquelas tacha enorme, melado do pingo e ponto, rapadura.

— Tinha açúcar secando?

— Aquele colosso de jirau, assim de açúcar moreno, umas pedra clarinha, clarinha, quase branca. Até derrete na boca. Fica cheio de abelha oropa, um enxame.

— Que mais a senhora fez?

— Fui pra cozinha. Depois do almoço areei panela, fiquei passando barrela nas panela de ferro. Tava lá uma cuiazinha com o pincel de palha desfiada, a mesma coisa de sempre.

— E aí?

— Aí, fiquei olhando o fogão, passei a mão nele, tinha uns buraco perto do forninho. Então pensei: esse fogão carece de um bom conserto, vou pedir pro Pedrinho pra chamar o Altino aqui em casa. Ele é vagaroso mas de toda confiança. E fiquei assim um tempão.

— Passando a mão no fogão?

— É. Alisando o fogão perto da porta do forninho. Nessa hora eu acordei. Tava passando a mão nesse travesseiro, assim... Sabe? Tem hora que eu fico pensando: se o corpo já não vale mais nada, como é que a cabeça ainda consegue levar a gente pra cada lugar tão longe, pra um tempo tão antigo?

Para mau entendedor...

Quando o negócio da horta firmou, garantindo seu sustento, frei Paulo resolveu construir um lugar onde pudesse atender confissões, casamentos, missas e batizados. O povo esperava dele um trabalho de “padre praticante”, não dava mais para adiar. Precisava também hospedar, com algum conforto, os amigos de fora que costumavam aparecer. Oscar, mestre de obras do povoado, tocou a construção. Com pouco a casa foi tomando forma, ia ficar como o padre queria: grande, simples, muitos quartos e uma varanda na frente. No salão, arrumava a capela.

O lugar era quente, por isso usavam forro de bambu em vez de laje. Material não faltava, difícil era achar quem trançasse. Indicaram Lulu, que vivia de fazer peneira, forro, jacá e jequi. Ele custou a vir tratar o serviço. Andava muito apertado, encomenda demais, tinha de fazer tudo sozinho. Sempre dizia à mulher que não sabia como havia de ser depois que ele morresse, não ia deixar ninguém treinado no ofício.

O padre mandava recado em cima de recado, um dia, finalmente, Lulu apareceu. Olhou a casa, tirou medida, calculou, calculou e deu o preço. Mal conseguiu

disfarçar o susto quando o freguês aceitou a proposta, sem regateio. Ficou meio sem graça e prometeu, por conta dele: — “Conforme for, no fim a gente estuda um agrado pro senhor...”

Frei Paulo não importava com preço, mas fazia questão de duas coisas: a qualidade do serviço e o prazo de entrega. Lulu perguntou se um mês estava bom, o padre achou pouco. Deu dois, assim o oficial podia trabalhar sem aperto, tirar o bambu na lua certa, evitava de dar caruncho. Lulu achou melhor, a minguante ainda demorava duas semanas, ia ter mesmo que esperar.

No dia combinado, chegou a primeira remessa de bambu. Lulu tirava a parte despontada, media todas do mesmo tamanho e rachava no meio com uma foice afiada. Depois pegava um macete, batia os nós em cima de um toco, abria tiras bem planas. Quando reunia material suficiente é que começava a trançar. Principiava do centro do forro, usando só o lado verde da taquara, de modo a formar um quadrado. Então vinha com outras do lado contrário, trançava assim um tempão, o verde do centro realçando no meio de tanto branco. Entremeando cada lado do bambu, continuava até fechar o forro.

O trabalho era demorado, isso frei Paulo já sabia. Mas, logo na primeira semana, viu que o serviço não acabava tão cedo. Lulu, volta e meia, abria o bernal e puxava de lá uma garrafa de pinga. Na hora do almoço, aceitava uma cachacinha do padre “pra variar”. De gole em gole ia ficando lerdo, não era raro ferrar no sono em cima da esteira.

Frei Paulo aconselhava, alertava para o perigo do álcool: os nervos bambeavam, não demorava muito vinha uma tremura nas mãos, aí ele perdia a destreza,

com pouco não ia mais conseguir trançar taquara. Perguntava se ele não sentia um amargume na boca, era sinal que o fígado já não estava aguentando.

Mas os conselhos entravam por um ouvido e saiam pelo outro. Lulu bebia cada vez mais. Dizia que era um infeliz, tudo tinha dado errado na vida, só bebendo podia esquecer, essa conversa de bêbado. Quando os forros ficaram prontos, dois meses depois do prazo, tinham chegado ao fim o estoque de cachaça do padre e a esperança de que seus conselhos valessem alguma coisa.

No lugarejo vivia também Maria Rita. Já encharcada de cachaça, agora bebia álcool puro. Ultimamente, mal conseguia andar direito. Cambaleava, caía, ficava escornada pelos cantos, quase todo dia tinham de levá-la até a cafua onde morava. Depois começou a inchar, o fígado parecia uma pipa, nada mais parava no estômago. Não demorou muito, morreu.

O velório de Maria Rita coincidiu com um forró de casamento. O padre foi a um, rezou junto com as poucas pessoas presentes, deu uma passada no baile. Tinham insistido muito, ficava ruim não ir. Entrar na casa foi um custo, estava dura de gente. Depois dos cumprimentos foi para o terreiro, lá estava mais folgado. Logo deu com Lulu, bêbado como um gambá. Resolveu aconselhar mais uma vez, quem sabe ele emendava.

— Então, Lulu, bebendo seu golinho?

— É o jeito, né padre? A gente não pode desfeitear os dono da festa.

— E quando não tem festa?

— O que que tem?

— Domingo passado, por exemplo, te levaram carregado, eu soube...

— Perdi o controle, passei da medida. Acontece, né mesmo?

— Você não acha que precisa tomar mais cuidado?

— Tomar cuidado com que?

Vendo que assim não adiantava, o padre foi mais direto:

— Olha, Lulu. Todo mundo anda preocupado. Você é um homem bom, todos aqui te apreciam muito. Ninguém por estas bandas trabalha tão bem com taquara. Na sua falta — Deus nos livre e guarde — quem vai fazer as coisas quando a gente precisar?

Lulu, de repente, ficou pensativo. O padre se animou:

— Uma cachacinha na hora do almoço é até bom. Eu também tomo, você mesmo me acompanhou lá em casa. Abre o apetite, de-sentope as veias, o sangue corre melhor. Mas tudo neste mundo, quando passa da medida, prejudica. Parando de beber, você ainda pode viver muitos anos, desfrutar das pessoas amigas e deixar que elas desfrutem de você. Agora, bebendo desse jeito... Aí, ninguém sabe.

Aquela dúvida deixou o homem cismado. Largou o copo, ficou em silêncio. Frei Paulo resolveu usar o argumento decisivo:

— Você não viu o que aconteceu com a Maria Rita?

— O que que teve com ela?

— Então não ficou sabendo?

— Não senhor.

— Morreu hoje. Acabo de chegar do velório.

— Coitada da Maria Rita. Ninguém não me falou não.

Ainda meio aéreo, o homem perguntou:

— E de que incômodo foi mesmo que ela morreu?

A paciência do padre estava esgotada:

— Adivinha, se for capaz! Pois não foi de tanto beber que a infeliz acabou morrendo? É exatamente isto que eu estou tentando te explicar o tempo todo, homem de Deus!

Lulu parecia paralisado. Ficou pensando, pensando, como se tentasse decifrar alguma coisa. Quando conseguiu abrir a boca, ainda espantado, foi para perguntar:

— Mas ela engasgou, sô Padre?

Notícias

Chiquita Rafaela gostava muito de escrever para os filhos que moravam fora. Mas, sendo analfabeta, dependia de favor dos outros. E não deixava por menos: tinha de ser uma das professoras do grupo. Ela ia ditando e fiscalizando — talvez pela prontidão da pena escorregando no papel, quem sabe pelo jeito e expressão da escriba:

— Põe aí, minha filha: Querido e sodoso filho Oclide. Escrevo esta pra mandar minhas notícia e ao mesmo tempo saber da sua. Por aqui tudo bem graças a Deus, só o que me maltrata é a sodade docê. Eu, de saúde, ando meio aperrengada. Acompanhei Nossa Senhora com as murroia de fora. Paguei a promessa que tinha feito pro Tõezinho da cumadre Juventina. É Tõezinho, minha filha. O povo chama ele de Tiãozinho mas tá errado. Comé que tava mesmo? Ah, já sei. Então continua: conforme eu tava contano, ando perrengue. Outro dia mesmo repetiu. Eu vinha subindo perto da sinhá, dei. Na porta dos Virgulino, dei.

— Deu o que, sá Chiquita?

— Escreve, menina. Isso não é da sua conta. Continua: na virada do beco, dei de novo. Vamo, põe aí

o que eu ditei. Quando chegou perto da Aurélia, aí, meu filho, foi aquela tristeza: fui dano, dano, dano, miudinho, miudinho...

— Afinal, sá Chiquita, o que foi que a senhora deu?

— Acerso, menina.

— Acesso?

— E o que mais houvera de sê?

As voltas que a vida dá

Quando Quinzinho da Bebela enviuvou, a família estava criada. Os filhos homens, cada um tocando seu negócio, as filhas, todas casadas. Menos Luci, a caçula. Formada professora, tinha feito um curso de especialização na capital. Seu pai pegou na casaca do doutor Candinho, ex-prefeito da cidade e deputado estadual, logo saía a nomeação da moça para diretora.

Bebela sempre tinha gozado de boa saúde. Só ultimamente vinha reclamando de palpitação, zoeira na cabeça, qualquer esforço ficava numa canseira de fazer dó. O médico tinha receitado uns remédios, recomendou repouso, mandou cortar sal e gordura. Mas falou que não precisava preocupar, podia viver muito ainda. A morte dela pegou todo mundo desprevenido.

A todos que o visitavam, Quinzinho contava: — “Foi um susto danado, ninguém esperava uma coisa dessas. Ela estava fazendo uso diário de comprimido. Com o regime — costumava reclamar da falta de tempero, sempre foi muito boa de boca — tinha apanhado uma toada regular, vinha vindo numa ordem. De manhã, vi que apresentava uma ronqueira esquisita. Conversei com ela, nem respondeu mais, coitada. Abriu os olhos, deu

um suspiro e finou. É como o povo costuma falar: quando acordou, estava morta.” E concluía: — “Eu, se morresse como ela, ia ser um homem feliz.”

Até a missa de sétimo dia — na verdade foram duas, uma na fazenda e outra na cidade — a casa andou cheia. Luci deixou a escola com a vice-diretora. As férias de fim de ano entravam daí a pouco, podia fazer companhia ao pai até as aulas começarem de novo.

Na missa de mês, o povo já tinha sumido, cada qual mais atarefado. Luci enfrentava a lida como podia, às vezes mal achava tempo de ficar com o pai. Ele deu ideia de chamar Carmita, mulher do Manuel Vaqueiro, pra ajudar no serviço diário. Foi uma ideia abençoada. Carmita era esperta, punha as empregadas pra frente, tudo andava a tempo e a hora. Luci ficava por conta do velho, ele andava até mais animado.

A dúvida é que as férias iam passando, como havia de ser quando Luci tivesse de voltar? Sair da fazenda, o pai nem pensava. Bem que podia mudar pra cidade, tinham uma casa boa lá. As filhas casadas, os filhos também, todos chamaram o pai pra morar com eles mas Quinzinho da Bebela era sistemático, da fazenda disse que só saía pro cemitério.

Aí lembraram da Carmita, tão ajeitada, já fazendo as vezes de dona da casa, apanhando treino em lidar com o patrão. Ele aprovou a ideia, Carmita falou que era muita responsabilidade, não sabia se dava conta. Se não desse certo, viam outra solução. Outra solução não houve, nem foi preciso. Manuel Vaqueiro não pôs dúvida, como podia negar aquela ajuda? Mudaram de mala e cuia pra dentro da sede da fazenda. Eles não tinham filhos, o quarto da sala era mais do que suficiente.

Passada a missa de mês da Bebela, chegou o louvado

pra medir as terras. O velho reuniu a família, anunciou que ia aproveitar e fazer, em vida, a doação da sua parte. Resolvia tudo de uma vez, evitava mais complicação. Só pôs uma ressalva: queria o usufruto da sede, de uns poucos alqueires em volta, e deixava fora da partilha o retiro.

O retiro era a gema de suas terras. Tinha uns vinte alqueires, tudo cultura, água de primeira, até luz podia pôr, se quisesse. A casa ficava num lugar alto, o ar era bom, a vista uma beleza. Lá Quinzinho começou a vida. Por isto, com certeza, tinha reservado aquele pedaço.

Terminado o inventário, o movimento maior passou para o retiro, onde criavam gado solteiro. O lugar era próprio. Bezerra desmamava, às vezes ia pra lá meio sentido, com pouco fazia gosto ver: pelo liso, livre de berne e carrapato, encorpava, desenvolvia. Quando as primeiras novilhas deram cria, resolveram deixar lá mesmo, recomençar a tiragem de leite, como no tempo que Quinzinho era novo. Pedro Miranda foi com a família, ficou tomando conta. Retocaram a casa, arrumaram o curral, fizeram outro barracão, o antigo tinha caído.

Na fazenda, o velho quase não saía de dentro de casa. Vivia triste, desacorçoado. Vez por outra vinha um filho, passava lá um dia ou dois, voltava correndo. Luci é que aparecia mais. Agora estava de carro, ficava mais fácil. Mas no dia a dia era Carmita quem bancava a dona da casa. Além da lida normal, tinha de cuidar do patrão. Ele não aceitava nada que não fosse por mãos dela. Luci dava graças a Deus de terem achado a Carmita mas ficava meio preocupada, não sabia direito por quê. Depois pensava que era cisma à toa. Manuel cuidando do movimento e sua mulher tomando conta do velho,

onde podiam arranjar solução melhor?

Um dia Pedro Miranda chegou dizendo que tinha arrumado emprego na cidade, ia ser motorista, ganhando salário. Aproveitava e punha os filhos na escola, queria futuro melhor para os meninos. Quinzinho da Bebelá escutou, calado, parecia longe. Manuel Vaqueiro e Carmita tomaram a frente, pediram prazo. Carecia esperar alguém da família para discutir a situação, descobrir quem pudesse tomar conta do retiro. O próprio Manuel acabou indo, pelo menos até ver outro jeito, as coisas não podiam ficar abandonadas. Na fazenda, deixava só meia dúzia de vacas, a conta de um leitinho, mais uns queijos, pro gasto.

O vaqueiro, que ia só por uns tempos, por lá foi ficando. Cada hora era uma coisa que aparecia, não achava gente de confiança, uma peleja. Dava notícia ao patrão das vacas que tinham parido, quanto estavam dando de leite, falava com entusiasmo, parecia o dono. Diferente era sua conversa com Carmita, quando vinha à fazenda: seca, aos arrancos, nem parecia que tinham passado aquele tempão separados. Ela perguntava o que tinha acontecido, ele não queria falar. No fim, acabou indagando por que a mulher não dormia mais lá fora, tinha colocado cama no quarto do fundo, perto do patrão. Ela explicou que o velho andava meio treteiro, de noite sentia falta de ar, alguém precisava cuidar dele. Manuel espaçava as vindas, por fim quase não aparecia mais.

Quinzinho não aluía uma palha sem Carmita do lado. Tinha arrumado uma tomação de remédio, vira e mexe vinha a mulher com um copo d'água, comprimido na mão. O doente espichava conversa, clamava da vida, falava que não sabia o que ia ser se não fosse a Carmita.

Às vezes chorava, ela arranjava palavras de consolo, ficavam por ali, esquecidos.

A própria família dele começou a dizer que os dois estavam amigados. Manuel, quando soube do boato, nem apareceu para tirar satisfação. Procurou Osório, filho mais velho do fazendeiro, disse que ia sumir para São Paulo, nunca mais botava os pés naquelas bandas.

Quinzinho da Bebela começou a apresentar umas macacoas, veio médico, examinou, tirou pressão, mediu o pulso, escutou no peito e nas costas. Mandou parar com os remédios do farmacêutico, receitou outros. Disse que era coisa da idade, com aquela receita dava para ir tentando. Não deu. O velho apanhou uma fraqueza, nem da cama saía mais. Carmita não tinha ordem de arrear da beira do catre, a resto passava noites em claro, toda hora ele chamava. Com pouco, Quinzinho foi atrás da Bebela.

Depois do enterro, abriram o testamento, feito há menos de seis meses. Tinha quatro determinações: doação de vinte e cinco contos para a Santa Casa de Misericórdia; celebração de trezentas e sessenta e cinco missas seguidas para as almas do purgatório; inscrição do finado na Irmandade da Terra Santa (diziam que quem pertencia à referida irmandade se livraria do fogo do inferno) e, finalmente, a doação do retiro, de porteira fechada, para Carmita. Os três primeiros itens vinham secos, ele sempre tinha falado naquilo, era coisa esperada. Para o último tinha feito uma espécie de justificativa, pedindo a compreensão dos filhos, “pois, embora nunca me tenha faltado a amizade da família, foi esta moça humilde e dedicada quem me assistiu com carinho depois da partida da minha saudosa e inesquecível Izabel, a querida Bebela.”

Houve quem maldasse, muita gente achou um exagero a doação, só confirmava os boatos do patrão com a empregada. Alguns diziam que aquilo era até bonito: o velho, viúvo; ela já andava mesmo separada do marido, ninguém tinha nada com a vida deles.

Carmita passou por cima dos cochichos. Procurou Pedro Miranda, propôs uma sociedade no leite e no gado em troca dele tomar conta do movimento. Fizeram as contas, dava pra manter casa na cidade, os meninos não precisavam largar a escola, ainda era melhor do que viver de salário. Uma semana depois Pedro já estava metendo os peitos no retiro. Carmita nunca teve medo de serviço. Fazia queijo e manteiga, com o soro engordava porco, os dois iam aprumando.

Não demorou muito começou a aparecer gente rabeando a nova fazendeira. Primeiro foi um homem de fora, veio com desculpa de comprar bezerro. Era um senhor de meia-idade, prosa macia, antes de ir embora propôs casar com Carmita. Depois vieram muitos mais. Carmita ficava de pé firme, não queria saber de compromisso com homem nenhum, sua hora já tinha passado. Vivia de trabalhar, parecia um azougue. Recatada, quase não saía de casa, mal e mal assistia à missa da capela quando, de raro em raro, o padre aparecia. Secava a boca do povo, sentia que o respeito por ela aumentava.

Uma tarde, já fazia mais de cinco anos que o velho Quinzinho da Bebela tinha morrido, Carmita catava feijão. Sentada com a peneira no colo, separando pedra e cisco, pensava na vida. Bateram palma no alpendre. Era um mudo procurando serviço. Explicou que sabia cuidar de horta, capinar roça, mexer com criação. Rosa, a empregada, foi quem contou depois, gabando-se da

prática de conversar com essa gente, seu irmão também era mudo. Ela mesma tinha dispensado o forasteiro, que desceu no rumo das Candeias. Por lá foi ficando, era um tipo ajeitado, virou pau pra toda obra. Escrever não escrevia; documento, não carregava. Todo cristão tem que ter um nome. O dele ficou sendo Mudinho.

Um dia Carmita precisou dar uma limpeza no jardim, mandou perguntar à vizinha se não podia ceder o Mudinho. Semblante alegre, olhos muito vivos, fez o serviço ao gosto da dona da casa. Depois, consertou o monjolo e a cerca da horta de couve. De vez em quando aparecia, ficava por ali espiando as coisas, a cara sempre boa. Quando via Carmita, os olhos alumiam, era como se quisesse falar. Carmita olhava, sorria também. Gostava dele. Comentou com Rosa: — “Não sei o que que é, mas este homem é uma pessoa especial.”

Uma ocasião, Mudinho estava consertando as pás do moinho, a patroa fez questão de levar o café do meio-dia. Um vizinho viu os dois na sombra do jatobá. Mais tarde, saíram, meio ressabiados, de dentro do moinho. O pessoal começou a comentar.

Espantado o povo ficou de ver Carmita, depois de recusar tantos bons partidos, amigada com um mudo. Espanto maior foi quando souberam que o Mudinho falava. E que, ultimamente, falava até em vender o retiro.

Pesos e medidas

Seu Hermínio vive na barranca do Paracatu. Solteirão, dizem que meio sistemático, mora sozinho. Faz sua rocinha, sempre de olho nos sinais do tempo. Escuta o pio do nhambu, observa onde o macuco faz ninho, escuta o macaco bugio. Vai tirando suas conclusões, sabe quando vai chover, se o ano é de muita água ou de mais seca. Tem uma tabuinha onde derrama sal. Conforme o jeito que o sal chora, faz sua previsão. O povo da redondeza consulta seu Hermínio antes de preparar o terreno. Dependendo, planta mais cedo ou mais tarde, prepara a terra de arroz na beira do rio ou no alto do campo. Este serviço ele faz para o povo do lugar.

Mas tem outro, pro pessoal da cidade. Quando vem pescador, seu Hermínio toma conta do rancho, cozinha, ajuda a limpar peixe, sai junto mostrando pesqueiro, ensinando segredos do rio. Ele é de pouca prosa mas de grande serventia.

Uma noite, depois de muito bater anzol, voltaram o barco para o porto. Baixaram a poita, amarraram a corda no toco, tiraram a tralha e caminharam para o rancho levando os peixes. Seguiam na maior algazarra,

felizes com o sucesso da pescaria.

Na varanda, enquanto abriam os peixes, iam discutindo sobre quem tinha pescado mais, contando vantagem, exagerando. — “Esse moleque pesa vinte quilos”, dizia um. — “Que que é isso, sô! Não dá nem doze”, contestava outro. — “O meu dourado, olha só o tamanho dele!”, gritava o terceiro. Assim foram noite adentro, disputando cada grama, cada centímetro, sempre exagerando.

Seu Hermínio trabalhava em silêncio, como convém aos mineiros. Ia escutando aquela zoeira, não dizia nada. Um dos pescadores perguntou:

— E o senhor, o que que acha?

O velho, sem levantar os olhos, deu de ombro e respondeu:

— Coisa que pescador não tem dó é palmo e quilo...

O ninho

Depois da janta dona Matilde arrumou a cozinha e desceu para a horta. Fechou o galinheiro, recolheu umas roupas no varal e voltou para dentro de casa. Completou o querosene das lamparinas, atçou o fogo e pôs água no feijão que cozinhava para o dia seguinte. A caminho do alpendre, pegou a caixa de costura e a camisola de pagão que faltava rematar. A criança não demorava a nascer, era preciso aproveitar o resto de claridade. À luz da lamparina os olhos ardiam, a chama balançava com o vento que entrava pelo telhado, forçava demais a vista.

Geraldo Vieira, com os meninos maiores, tratou dos porcos, botou os bezerros pequenos no barracão, recolheu os enxergões que tinham ficado secando na porta da casinha, aproveitou para guardar um cabresto esquecido perto do cocho.

Daí a pouco estavam todos no alpendre. A família mais Joaquim, o agregado. Depois da lida, ele usava ficar por ali remanchando, antes de ir pra casa, logo atrás da grotá. O patrão olha o céu, vê a direção do vento e pergunta:

- E a chuva, Joaquim? Será que vem?
- Tá com jeito não, sô Geraldo. Tá algum?

— Acho que não.

— Daqui a umas duas semanas ainda, quem sabe...

— Capaz. Logo que vier o primeiro sinal, firme, a gente começa a arar.

— No mesmo lugar de sempre ou vai mudar este ano?

— Mais pra cima. Lá já descansou a terra.

Dona Matilde escuta a conversa enquanto vai costurando a camisola. Os pequenos brincam por perto, os maiores ficam olhando os passarinhos que passam cantando. Um caracará pia atrás da casa. — “Ainda bem que fechei as galinhas”, falou dona Matilde, como se conversasse com ela mesma. Um carrapateiro pousa no barracão. De vez em quando uma vaca berra, o bezerro responde no curral. O sol vai escondendo atrás da moita de bambu. Anoitece nos Romeiros.

Olhando o gavião no telhado, Hélio fala:

— Esta noite eu sonhei um sonho engraçado.

— Como é que foi? — pergunta o pai.

— Quer dizer, não é bem engraçado não. É sobre uma casa de joão-de-barro que a gente descobriu ali no jacarandá.

— A gente, quem?

— Eu mais o Timinho.

— O que que tinha dentro?

— Um ninho.

— Vazio?

— Não.

— Tinha ovo?

— Tinha.

— Quantos? — pergunta a mãe.

Hélio fica na dúvida. Não consegue lembrar direito. Todos esperam, interessados. Na maior aflição, ele

pergunta ao irmão mais novo:

— Quantos ovos tinha mesmo, Timinho? Oê lembra?

Chiquito Lourenço

O velho Chico Lourenço era homem de rompante. Falava alto, levava a vida berrando. No grito, criou os dois filhos homens, Chiquito e Luís.

Chiquito era o pai cuspidor e escarrado. Gritador, encrenqueiro, valentãozinho desde menino. Luís, mais pacato, saiu à mãe, dona Aparecida. Os dois, pode-se dizer, nasceram em lombo de burro. Campeando, tocando boi, aprendendo cedo as tretas de uma catira, como chamavam os negócios, as barganhas.

Com medo de criar filho que nem cigano, o velho Chico Lourenço impunha trabalho duro, carecia dar exemplo aos empregados. — “Quem não sabe fazer não aprende a mandar”, costumava dizer. Já mais taludinhos, cada um começou a tocar seu eito de roça, sol a sol, mão grossa de calo como qualquer meeiro.

Mas, se nem os dedos das mãos são iguais, que dizer de duas criaturas, mesmo sendo irmãos de sangue e criados no mesmo regime?

Chiquito, mal fazia a obrigação, montava a cavalo e saía zanzando atrás de uma catira, passando a perna nos outros, tocando sanfona, bebendo cachaça, procurando encrenca, caçando rabo de saia.

Luís casou cedo com moça do lugar, vivia a vida sem pressa nem aventuras. Formou horta, tirava leite, criava filho.

Chiquito tinha quase trinta quando conheceu Mariana num baile de casamento na Forquilha, onde moravam uns parentes dele. Por lá foi ficando, remanchando. Fez mal à moça, como costumavam dizer, tiveram de casar às pressas. Morou uns tempos com o sogro, descombinaram. Foi só a conta de colher o milho e vender, mudou pra casa do velho Chico Lourenço. Fumaça própria só viu subir um par de anos depois, quando o pai repartiu as terras.

De tão parecidos, pai e filho nunca combinaram direito. Cada qual mais topetudo, muitas vezes dona Aparecida ouvia o marido reclamar da natureza forte do filho. Ela escutava com paciência e respondia dum jeito sempre igual: — “Quem herda, não rouba.”

Vinha um brilho nos olhos, o velho se acalmava. Lembrança dele mesmo quando moço. Sorria.

Na casa nova Chiquito botou um retirozinho, leite só pro gasto. As terras, deu de meia. Não tinha sofrimento de ficar todo dia fazendo a mesma coisa. Resolveu ser negociante de gado, combinava melhor com seu gênio azougado, meio bandoleiro.

Passava dias fora de casa, zanzando sem paradeiro. De vez em quando dava uma olhada na mulher e nos filhos, já eram três para quatro. Gastava boa parte do tempo correndo pasto, vendo criação, este o seu interesse maior. Era doido também com a Sertaneja, besta ruana marchadeira. Em cima dela, volta e meia caía no mundo.

Esta vida ciganada, sem eira nem beira, acabou levando Chiquito até o Boqueirão, onde, informaram,

tinha uma partida de garrotes raçados.

Em vez de garrote encontrou Das Dores, logo se enrabicharam.

Daí em diante tudo era desculpa pra viajar pros lados do Boqueirão. Por lá ficava tempos esquecidos, encantado com os dengos da namorada.

Mariana, a mulher legítima, no começo desculpou o desinteresse do marido, decerto era a barriga dela, já tão grande. Depois foi achando Chiquito como quem tinha visto passarinho verde: no pouco que ficava em casa, vivia cantarolando modinhas do tempo de namoro e noivado, toda hora suspirava. Assustar mesmo foi quando ela viu Sertaneja de arreata nova, peitoral e rabicho de sola branca, capoteira com fivela dourada, arreio todo bordado. Até laço novo o marido tinha comprado. Era de ver como saía intimado, bota de sanfona, espora chilena de oito pontas, chapéu de lebre, aba larga. Sertaneja de rédea curta, cabeça alta, orelha em pé, marcha picada.

Mariana sofria por dentro. Quem era ela para abrir a boca? Aquele gênio do marido, Deus me livre!

Não demorou a correr boato sobre os negócios do Chiquito no Boqueirão. Primeiro foi um mascate contando a novidade à boca pequena. Depois passou um boiadeiro. Assuntado pelo velho Chico Lourenço, acabou confirmando num jeito meio vago:

— “É, sô Chico, tão falando...”

O velho há muito tempo andava incomodado com o descaso de Chiquito pela família e pela fazendinha, a mulher quase abandonada, o gado maltratado, mata-pasto tomando conta do gordura formado com tanto esforço. Aproveitou que Chiquito estava por casa, mandou um portador de confiança no Boqueirão.

Ele voltou confirmando tudo. Tinha visto a casa, pintadinha, cortina de chitão na janela, diz-que com mobília de primeira mão. Viu Das Dores conversando na porta da rua: roupa nova, fita no cabelo, até sapato de saltinho usava em dia de semana. Antes de terminar o relato o portador fez uma pausa, remexeu no bolso. Tirou a binga, foi batendo o pedaço de ferro na pedra-figo. Ganhava tempo, media o velho com o rabo do olho. Depois da primeira baforada, as vistas de novo na cara do patrão, recebeu à queima-roupa esta ordem:

— Vamo lá, crioulo! Deixa de treta, desembucha logo.

— Uai sô Chico. O que que o senhor andou maldando?

— Tou maldando nada não, seu safado. Conheço bem é esse seu jeito. Solta a franga! O que que tá me escondendo?

O empregado calado, roído de dúvida. O patrão cutucou:

— E tem uma coisa: deixa essa mania de acender uma vela pra Deus e outra pro Diabo. Só o que eu sei já chega pra dar uma bruta esfrega no pilantra do Chiquito. Acho melhor tu contar o resto de uma vez que é pra eu não ficar pensando besteira maior.

O portador deu mais uma baforada no cigarro de palha, tomou tento, falou meio rouco:

— É uma novidade, sô Chico.

— Ah! Não me venha com mais novidade, depois desse romance todo. Que novidade há de ser, meu Deus do céu?

— Vem vindo neto do lado do Boqueirão, parece. A dona lá tá de barriga bem grande.

— Era só o que faltava, esse vagabundo! Não criei

aquele canalha pra isso. Vai correndo, agorinha, traz ele aqui.

— Deve de andar campeando, sô Chico.

— Vai atrás, mesmo que seja no inferno. Mas não me volte sem ele. Quero acertar isso até na hora da janta.

Dona Aparecida andava pelo jardim fofando a terra, rendeu aquele serviçozinho inventado. Precisava escutar dali a conversa dos dois. Escondida atrás da cerca foi pegando com tudo quanto era santo, com as almas do purgatório. Na afobação misturava as rezas, a cabeça mais depressa do que a boca, o coração batendo no pescoço. Agora uma pontada forte perto da nuca, a cabeça latejava. Só agarrando firme com Deus, quem sabe Ele abrandava o gênio forte dos dois, não sabia qual era mais cabeçudo. Aquilo podia acabar numa tragédia.

Na cidade, quase três léguas, o médico atende a última cliente. Tinha sido um dia cheio, aquele povinho sem recurso, pagando consulta com frango, ovo, arroz. Tratamento mais caro com porco, a maioria não pagando nada e ainda ganhando amostra. Quem aguenta comprar remédio no preço que anda?

Terminada aquela consulta, tomava banho, jantava, ia pegar a fresca na praça, encontrar os amigos. Era a hora que mais apreciava: a conversa vadia, o tempo passando devagar, a rapaziada dando voltas pelo jardim. Assim muito casamento começava, os rapazes num sentido e as moças noutro, o flerte duas vezes em cada volta, ela animava a mandar um recado ou ele tomava a iniciativa do primeiro encontro.

O devaneio foi interrompido pelos gritos de Chico Lourenço na sala ao lado, querendo entrar de qualquer jeito.

O médico despachou a paciente mais depressa e abriu a porta que dava para a sala de espera. Sentado na poltrona, Chiquito tinha uma enorme plasta de sangue na cabeça. A camisa manchada, o rosto muito pálido, parecia que ele ia desmaiar. O pai, andando de um lado para outro, mal esperou o médico abrir a porta. Foi logo gritando:

— Acode meu filho, doutor. Tive medo dele não aguentar a viagem.

Apesar de exausto, o médico foi examinando o inesperado paciente. Olhava, minucioso, o ferimento, ia puxando conversa:

— Que ideia atrapalhada foi essa?

O filho nem abriu a boca, o pai logo respondeu:

— Aquela sirigaita do Boqueirão, o senhor sabe, não é?

— Ouvi dizer que o senhor ficou aborrecido.

— Pois é. Tudo por causa duma sem-vergonha.

— Dói, Chiquito? Fica calmo.

O médico foi limpando a ferida, passando algodão. Olhava o lugar com um olho e a cara do cliente com o outro. De repente ele fez uma careta. O médico pegou a pinça, tirou um pedaço de bala, logo debaixo da pele. Aí disse num jeito brincalhão: — “Êta porcaria de garrucha, hein Chiquito? Pior do que ela só a bala...” Depois, tranquilizando: — “Não é nada não, Chiquito. Só o susto. A bala partiu, um pedaço pegou de raspão, é coisa sem gravidade.”

Terminou o curativo, lavou as mãos, quis saber como é que aquilo tinha acontecido. Chiquito ameaçou falar, Chico Lourenço tomou a palavra:

— Conforme eu ia dizendo, ind’agorinha, o sem juízo do meu filho arrumou essa tal mulher, descobri que já

andava amancebado, até filho já tinha feito nela. Chamei ele pra uma conversa, expliquei: galo que canta fora do terreiro é defunto certo. A gente tem mais prática da vida, sabe como são as coisas. O sujeito começa só de brincadeira, acha que não vai resultar em nada, de repente vira a cabeça, perde o controle. Vi muito fazendeiro forte, muito negociante rico ser comido por uma perna por causa de mulher. Ou então dá em tragédia, como foi o caso do velho Norico Pedreira, não é mesmo, doutor?

— É. O caso do Norico foi muito triste.

— Pois é. Era o que eu queria evitar. Daí eu chamei o Chiquito e tive com ele a tal conversa. Fui enérgico, até meio duro. Tipo de coisa que o pai às vezes tem de fazer. É custoso mas é pro bem do filho.

— E o Chiquito? — perguntou o médico, olhando para o cliente. Pensativo, ele não quis responder. Quem falou foi ainda o pai:

— Coitado dele, parece que tinham feito feitiço. Não havia meio de aceitar meu conselho. Comecei falando com paciência, só querendo ajudar. Mas ele, esse gênio brabo, foi teimando, parecia um jumento empacado. Depois começou a perder até o respeito. E isso eu não podia aceitar.

— Perder o respeito eu não perdi não, pai. Fiquei foi nervoso na hora — falou finalmente o filho.

— Pois que seja. Mas quando eu disse que aquilo me deixava muito contrariado, que se não parasse com aquela história eu era obrigado a retirar minha bênção, não podia mais ter ele como meu filho, imagina o que foi que me respondeu, doutor?

— Não faço ideia, seu Chico.

— Pois o infeliz não teve coragem de me dizer que

podia muito bem viver sem a minha bênção, eu que enfiasse ela onde bem entendesse? Aí, doutor, já não era mais conversa de pai pra filho, tava virando era briga de homem pra homem. Nessa hora, eu vou contar pro senhor, nessa hora meu sangue ferveu. Chamei ele de cachorro, de vagabundo, sem-vergonha, tudo quanto é coisa ruim que me deu na ideia.

— E ele? — perguntou o médico, como se falasse de uma pessoa ausente.

— Virou onça, fez até vespra de medir força comigo. Afastei ele. Se me encostasse a mão eu era obrigado a passar fogo, mesmo sendo meu filho. Quando viu que isto não podia fazer, teve a infelicidade de me mandar à merda, eu com minha bênção e tudo. Aí, doutor... aí eu não aguentei.

— O que foi que o senhor fez?

— Me desculpe lhe falar assim. No repente da raiva, xinguei a própria mãe dele. Depois que passa a gente tem vergonha, se arrepende. A pobre da Aparecida não merecia isto não. Mas na hora, o senhor sabe como é.

— E o tiro, como foi?

— Catei ele já caído numa poça de sangue, perto do cavalo. Conta pro doutor, meu filho. Eu aproveito e fico sabendo.

— Então conta, Chiquito. É ruim ficar guardando esse tipo de coisa. Faz bem falar.

Animado pelo médico ele resolveu:

— Bom, depois que o pai me mandou pra aquele nome ruim que ele já contou eu levantei pra ir embora. Minha cabeça zoava parecendo corupio. Pedia a Deus para o chão abrir debaixo de mim. Assim, ao menos, eu enterrava o meu ódio. E também a vergonha de levar aquele nome sem poder fazer nada. Porque eu tinha um

juramento comigo, coisa da gente com a gente mesmo...

— E qual era esse juramento?

— Que se um dia alguém me mandasse esse nome, eu matava o infeliz no ato. Mas o pai eu não podia. Aí o jeito foi fazer o que eu fiz.

Quando acabou de sarar, Chiquito vendeu uma partida de bezerro e fez sua última viagem ao Boqueirão, cumprindo trato com o pai. Lá, comprou a casa onde Das Dores morava, ainda sobraram alguns contos de réis. Deixou com ela pra criar o menino.

Por uns tempos, pareceu que ia assentar a cabeça. Andou limpando pasto, consertou cerca, pintou a casa. Trazia o gado mais cuidado, até uns pés de fruta andou plantando.

— Chiquito tá caseiro, Parecida. Ficou que nem o Luís — disse o velho, depois da janta.

— Deus conserve — respondeu a mulher, como se rezasse.

O respeito pelo pai e a vergonha pelo acontecido ajudavam a quebrantar o gênio desensofrido. Mas Chico Lourenço, não demorou muito, acabou morrendo. O filho começou outra vez sua ciganagem. Volta e meia, arreava Sertaneja e caía no mundo.

O que salvava era uma sociedade que tinha feito com o irmão pra recriar gado solteiro. Chiquito era bom pra negociar, Luís era mestre em zelar de pasto e criação.

Mas, conforme diz o ditado, pau que nasce torto morre torto. Quando viu que o negócio prosperava, a cobiça tomou conta da cabeça dele. Uma ocasião, tinham vendido uma partida de novilhas, Chiquito quis passar a perna no irmão. Na hora de partir o lucro, alegou uma diferença de última hora, essas mamparras. Luís, sempre macio, desta vez ficou firme. Fez o irmão

ver que não aceitava, aquilo não estava direito. Chiquito perdeu a cabeça, tiveram um bate-boca danado, Luís acabou caindo morto com um tiro. Foi um deus nos acuda.

Na confusão, Chiquito passou correndo em casa, pegou uma muda de roupa e sumiu. Sumido ficou um tempão. Diziam que andava pro sertão, que por lá aprontava poucas e boas. Notícia dele mesmo, verdadeira, o povo só teve muitos anos depois, em Vargem Grande. Envelhecido, estragado, andando de muleta, cotó de uma perna. Doía pouco, a gangrena atacou também a perna sã, teve de cortar.

Morava só, numa casinha alugada, na saída da cidade. Passava o tempo sentado ou se arrastando. Arrumou um moleque para os mandados, vivia encafudado, quase não aparecia do lado de fora. Pra não ficar à toa, vendo o tempo sem passar, arrumou um serviço que não gastava sair da cadeira pra fazer: trançar couro. Um canivete afiado, dedos espertos e fortes, uma enorme raiva da vida resultavam em laços, cabeçadas e cabos de cabrestos, relhos e chicotes que o povo da redondeza vinha comprar.

Os mais novos, os que tinham vindo de fora ou passavam só de passagem sentiam pena daquele homem triste, trabalhando com tanta mestria. Os mais antigos e o povo do lugar achavam que a gente paga o que faz é neste mundo mesmo, não adianta ninguém ter dó. Sina, cada um faz a sua.

O trabalho enchia o tempo, dava algum dinheiro para o sustento, mesmo não sobrando muito. Mas Chiquito acabou descobrindo que o pior aleijume era não ter ninguém de seu por perto, nenhuma pessoa amiga. A mulher vivia agora amigada com um primo, que tinha

ficado ajudando a tocar a fazendinha depois da morte do Luís. “Não vou durar muito, acabam casando”, pensou Chiquito quando soube. E Das Dores, quem sabe não mandava um recado pra ela? Desistiu. Eram águas passadas.

Chiquito só queria uma pessoa amiga pra falar do seu sentimento, do remorso que sentia, do medo de morrer sozinho. Nessas horas, a maioria chama um padre. Ele não tinha nem o consolo da fé.

Um dia apareceu um fazendeiro, seu conterrâneo das Palmeiras. Chiquito começou a perguntar pelos conhecidos, como é que estava a cidade, queria saber das novidades. Da mulher e dos filhos desistiu de pedir notícia. De repente, lembrou do doutor Felisberto, o médico que tinha feito o curativo nele depois do tiro na cabeça. Homem bom, espécie de protetor dos menos favorecidos. Arriscou:

— E o doutor Felisberto, ainda vive?

— Tá lá, vivinho da silva.

— Goza de boa saúde?

— Forte feito coco. Parece que deu no cerne.

— Ainda viaja atendendo doente da roça?

— Mesma coisa.

— Será que o senhor fazia uma caridade? Perguntar se ele não podia vir me ver? É muito importante pra mim.

Chegando nas Palmeiras, o fazendeiro deu o recado. O médico ouviu com atenção, ficou meio admirado. Depois perguntou:

— Mas Chiquito está doente?

— Não, doutor. Tá até trabalhando, ontem mesmo encomendei um laço pra ele. Ficou foi aleijado, o senhor sabe. Quase não sai de casa, acho que sente vergonha de

mostrar os cotozinho.

— Mas deu algum problema novo nas pernas?

— Deu não. Anda é muito triste, num abatimento de fazer dó.

O médico pensativo, o fazendeiro perguntou:

— O que que eu digo pra ele, doutor? O senhor vai lá? Doutor Felisberto, como se voltasse de uma longa viagem, respondeu decidido:

— Fala que não vou não. Se estivesse doente eu ia, era minha obrigação. Assim, só pra visitar, não vou de forma nenhuma. Ele foi muito mau, deu muito desgosto ao velho Chico Lourenço. Depois matou o irmão, que era pacato, trabalhador. Ainda por cima, deixou a família abandonada, fora o que fez com aquela moça do Boqueirão.

— Posso falar isso com ele?

— E pra que você acha que eu lembrei tudo isso?

O fazendeiro saiu, foi embora. Uns tempos depois, estava de volta. O doutor perguntou:

— Como é, foi na Vargem Grande?

— Fui, sim senhor.

— E o Chiquito?

— Do mesmo jeito. Passa o dia sentado na cadeira, trançando couro. Só que agora arranjou uma mania nova: de vez em quando para de trabalhar, fica pensativo, começa a alisar o cotó de perna. Leva um tempão assim, meio aéreo.

— Deu meu recado?

— Dei, doutor.

— E o Chiquito?

— Perguntou, já que o senhor não vai lá mesmo, se podia ao menos mandar pra ele um par de botina nova.

Precaução

Seu Pedro tinha começado pelas árvores. Por isto, quando mudou, recém-casado, para a fazenda de sede nova, o pomar já estava formado. Fruta de todo tipo. Rente à cerca do curral, na divisa da horta, uma fileira de pés de manga de toda qualidade, que iam começar logo a produzir. Semente juntada de muitos lugares, paixão de dona Maria.

Um dia seu Pedro acabou de tirar leite, soltou as vacas, pegou um machado e derrubou todas as mangueiras. Dona Maria, espantada com aquele repente, pediu explicação. Ele disse apenas:

— Tava no barracão e fiquei pensando. A gente, se Deus quiser, há de ter filhos. Menino vem pro barracão, toma leite e depois acha manga madura. Sabe como criança é, acaba comendo manga com leite e — Deus me livre! morre. É melhor prevenir do que remediar.

Dona Maria acabou concordando.

Mudanças

Teodoro, depois que seu partido perdeu as eleições, foi exonerado do cargo de fiscal da Prefeitura no distrito de Água Branca. Um domingo, na saída da missa das dez, perguntaram:

— Como é, Teodoro, já arrumou alguma coisa?

— Por enquanto, nada.

— Algum plano?

— Vou mudar de profissão, é o jeito.

— Mexer com quê?

— Tou pensando em negociar.

— Negociar?

— É. Com aves e ovos de pena.

Paixão de toda a vida

1965

O Capitão Nicolau fazia 75 anos. Casa cheia, gente chegando de todo lado, algazarra e alegria.

O Capitão conversa com o filho mais novo do primeiro casamento. De repente, um silêncio.

— Pensativo, pai. Que que foi?

— Tou lembrando de umas coisas...

— Coisa triste?

— Misturado.

— Não dá pra contar?

— É um sonho.

O velho faz uma pausa, como se empreendesse uma longa viagem no tempo — ou em torno de si mesmo. O filho o traz de volta:

— Foi um sonho importante, não foi?

— Foi. E muito bonito.

— Então conta, pai. Quero saber. Quero mesmo!

— Tá bem. Tinha uma prima. Lá em Paraúna, onde nasci e fui criado. Eu mais essa prima, a gente era muito unido. Depois mudei, a gente nunca mais se viu.

— Isso tem muito tempo?

— Tantos anos, meu filho, nem sei quantos. Uma

eternidade.

— E aí?

— Aí, faz pouco tempo, sonhei com ela. Do jeito que ela era: bonita, alegre... feliz.

— O que aconteceu no sonho?

— Quase nada. Mas foi tão bom: ela chegou, ficou perto de mim, me olhando, olhando. Depois alisou meu cabelo. Até agora eu sinto a mão dela deslizando na minha cabeça. É uma sensação tão boa que você nem imagina.

— Faço ideia!

— Fiquei muito impressionado com aquele sonho. De manhã marquei o dia na folhinha e escrevi para um primo meu pedindo notícias dos parentes, principalmente da prima.

— Ele respondeu?

— Respondeu. Uns continuavam por lá, os mais velhos tinham morrido, muitos mudaram como eu.

— E a prima?

— Tinha morrido.

— Há muito tempo?

— No exato dia do sonho. Ela tinha vindo despedir de mim.

E fez-se, novamente, um grande silêncio.

1980

O Capitão Nicolau está fazendo noventa anos. Casa cheia, lufa-lufa, algazarra e alegria. Ele conversa com o caçula do primeiro casamento.

— Noventa anos, hein pai? Que beleza!

— Pois é, meu filho, nunca pensei de viver tanto. Nem que minha vida tomasse o rumo que tomou.

— Como assim?

— A gente pensa, pensa, e não entende certas coisas.

— O que foi que mudou tanto?

— Lá em Paraúna eu namorava uma prima. Pra falar a verdade, eu era apaixonado por ela e ela por mim. A gente ia casar, tava tudo combinado entre nós dois.

— E o que que houve?

— Meu tio era um fazendeiro forte, minha família sempre foi mais modesta e você sabe como eram as coisas naquele tempo. Casamento era uma forma de aumentar riqueza, os pais é que escolhiam noivo pras filhas. Elas não tugiam nem mugiam, não tinham o topete das moças de hoje em dia.

— Ela desistiu?

— Ela não. Eu é que desisti. Ela queria muito, tinha até dado um jeito. Seu padrinho propôs fazer o casamento na casa dele, disse que aguentava as consequências.

— E o senhor não quis?

— Quis não, meu filho. Achei que ia estragar a prima e, a estragar um dos dois, preferi que fosse eu.

— E ela?

— Depois de muito sofrimento acabou entendendo. Mas antes da decisão definitiva, me fez três pedidos. Primeiro, que eu tocasse concertina no baile de casamento dela. E eu toquei. Segundo, que nunca mais tocasse. Eu vendi a concertina. Terceiro, que nunca mais a gente se visse. Aí eu mudei de lá, para nunca mais voltar.

— Fogo, hein pai?

— É!

— E o que foi que o senhor fez?

— Toquei minha vida. O que mais eu podia fazer?

Corri mundo, fiz uma porção de coisas, casei duas vezes, tive quase vinte filhos. Mas...

— Mas o quê?

Depois de uma profunda pausa, o velho capitão conclui:

— ...Nunca mais amei ninguém.

Como a gente negocia

Negócio? Negócio é negaça, moço! Ladineza. Paciência e esperteza. Melhor negocia quem mais negaceia. Cada um lendo o pensamento do outro, adivinhando os gestos mais pequenos. Os dois sabendo o justo valor da mercadoria, o vendedor aponta vantagens e sobe o preço, o comprador, desvalorizando, põe dúvida, acha defeito. No fim sobra uma diferença, de valor quase nenhum, que ninguém quer tirar. Desculpa só pra render a catira, ver qual é mais esperto, mais manhoso. Já vi gente gastar uma tarde de domingo trocando cinto velho por caco de canivete. O negócio só fechou depois, ficou a tal diferença que não havia meio de resolver.

Seu Daniel, antigo boiadeiro das bandas de Carandaí, era mestre nesses rodeios. Sentado aqui no alpendre, o curral cheio de gado, ele perguntou, olhando lá pra longe:

— Juquita, ocê por um acaso já foi no Carandaí?

— Não, sô Daniel. Fui até Dores, Prados, por ali. Em Carandaí, mesmo, não cheguei a ir não senhor.

— E a capela do Sacramento, ocê nunca viu falar?

— Capela do Sacramento? Onde fica?

— Retirado pouco mais de uma légua do Carandaí.

Bem dentro da fazenda do Nico Borge, assim num alto. Nunca escutou falar dele não?

— Não, sô Daniel, não conheço aqueles lados não.

— E o Tonico Macedo, ocê não conhece também não?

— De onde ele é?

— Mora ali mesmo, agarradinho na capela do Sacramento. — Também não.

— Pois carecia conhecer. Êta home danado num negócio, aquele Tonico!

Contou, então, as espertezas do referido boiadeiro, de como tinha conseguido enganar até uma ciganada que acampou perto da fazenda dele. Percebendo onde pretendia chegar, dei o troco, falando manso, como quem não quer nada:

— Pois é, sô Daniel. Tá certo que tem gente perigosa pra negócio. Mas de mim não precisa ter cisma não. Zelo do meu nome, o senhor é homem de respeito. Além do mais, com sua experiência no ramo, mesmo que eu quisesse, era criancice pensar em lhe passar a perna.

O bom do negócio é isso. E é assim o tempo todo, desde a chegada do comprador. Tem gente que desarreia o cavalo, solta no pastinho. É boiadeiro do tipo lerdo, fica remanchando. Já outro usa dar parte de apressado, diz-que tem mais gado pra ver, amarra o cavalo no esteio, com muito custo bota no barracão pra livrar do sol. É uma esperteza.

A gente nunca pode afobar. Oferece café com quitanda, mostra os porcos, a horta, o moinho, conforme o gosto, do freguês. Sabino, por exemplo, era doido com jardim. Mas não dava o braço a torcer: o empregado é que saía catando muda e semente de tudo quanto era flor. Já o Tiago, o ponto fraco dele era bicho de terreiro.

Passava horas entretido com a barbela do peru, ficava que nem criança, escutando os gritos do pavão, perdia um tempo enorme esperando ele abrir roda. E eu lá, fingindo que apreciava. O Jorge bebia café na cozinha, se era tempo de lima-de-bico, chupava uma, logo voltava pro curral. Danado, o Jorge! Vou te contar um caso dele.

A primeira dificuldade era acertar o lote, a gente querendo empurrar uma rês mais fraca, ele reclamando que assim não dava, só se baixasse muito o preço. Depreciava o gado: descobria vaca de peito perdido, novilha sentida, bezerro com frieira, arrasava. A gente retrucava, apontando a cabeceira, falando do tipo bonito de alguma vaca, oito litros sem espuma, as muitas arrobas do gado de corte, o pelo liso das novilhas.

Aquele dia, na hora de discutir o preço, chamaram pro almoço. A patroa caprichou. Mesa farta, pra evitar ideia de aperto, de mau passadio: carne de muitas qualidades, variedade de verdura, sobremesa de todo tipo. O boiadeiro contava novidades, casos da região dele, era como se fosse uma visita.

Barriga cheia, um cafezinho pra boca de pito, a gente veio jiboiar no alpendre. Conversa remanchada, o gado no curral, começou a beliscar a catira:

— Esse preço, comé? — perguntou Jorge.

— É aquele mesmo, gadão de primeira!

— Danado de salgado. Assim não sai negócio não.

— A gente pode discutir. Mas a sua proposta...

— Que que tem?

— ... não dá nem pra começo de conversa. Enjeitei mais no mês passado.

— Posso até chegar alguma coisa, dependendo do prazo.

— Prazo não é questão. Também, não ando com a corda no pescoço.

— Quanto foi que ocê pediu mesmo? Nem tou lembrando direito. Foi dez?

— Dez? Dez mil só? Aquela cachacinha do almoço te fez mal, hein?

— Quanto foi então?

— Pedi foi doze. Dez tá é aí na sua cabeça pra oferecer.

— Que que é isso, home? Ofereci foi oito.

— Não dá nem pra começo de conversa, já te falei.

— É. Mas pra subir o preço tem de mexer no lote. Tirar o restolho.

— Depende. Conforme o tanto que bulir, o preço é outro.

Depois de muita peleja, a gente acertou o lote e chegou num acordo sobre o prazo do pagamento. Ficou a diferença de preço: caí de doze pra onze, ele chegou a dez, aí ninguém aluiu mais. Quando viu que eu não fazia nem um agradozinho, falou:

— Esse gado tá é danado de salgado, sô.

Respondi, mudando o tempero:

— Salgado coisa nenhuma! Um doce, isso é que ele é...

— Rachamo a diferença, eu chego quinhentos, ocê tira quinhentos? É minha última proposta.

— Não dá pra tirar. Meu preço também é o último. Quando a coisa empacou, convidei o Jorge pra pousar, o sol já ia baixo. Ele alegou pressa, agradeceu. Propôs, outra vez, rachar a diferença, respondi que não dava. Escorei. Foi lá dentro, bebeu mais café, despediu da patroa, agradeceu. Despediu de mim, montou no cavalo, foi saindo. Na hora de trancar a porteira, começou a

enlear, ficou toda vida. De rabo de olho nele, eu fingia distração, tirava umas folhas caídas no cocho. Pensei, cá comigo: esse camarada tá é doido pra ficar com o gado, agora mesmo grita “Lá se avenha” e leva pelo meu preço. Mas o que ele falou foi outra coisa:

— Juquita! Gostei da mercadoria, o preço é que não me serve. Se quiser a dez conto por cabeça, grita antes d’eu dobrar na Estiva, volto pra buscar.

Respondi:

— O mesmo digo eu. Se te interessar, sustento meu preço: onze mil.

— Se ele voltou?

— Vai escutando.

Mal saiu, fiquei matutando: com essa crise de dinheiro, um conto a mais, um conto a menos não ia me quebrar. Era gado entregue e dinheiro garantido. O Jorge não falhava. Acabou de sumir, fui atrás. Naquele morrinho ali adiante, bem onde passa o rego d’água com uma ponte em cima, dei de testa com ele, que vinha voltando.

— O gado é meu a dez, te peguei indo me entregar — falou.

— Não senhor. Meu preço é onze, não tem diferença.

— Mas tava indo me entregar. Então eu ganho a vantagem, é a regra.

— E quem falou em entregar?

— Pois não ia dobrando o morro?

— De jeito nenhum. Engano seu. Quem voltou foi você!

— Então, o que que veio fazer aqui?

— Vim só pra tirar água do moinho. Já que te encontrei voltando, sustento minha palavra: o gado é seu por onze conto a cabeça. E não vai cair no mato!

Até hoje o Jorge fala que ficou com aquele rego d'água atravessado na garganta.

Mas esse jeito de negociar quase não existe mais. Todo mundo agora anda de carro, numa zoeira, uma correria sem arrumação. O povo ganha dinheiro na cidade, vira fazendeiro da noite pro dia, perdeu a graça. Faz pouco mais de um mês, avistei um automóvel apontando no alto. Meio ressabiado, fui ver. Desceu um estranho, novo ainda, espevitadozinho:

— O senhor é o Juquita Ribeiro?

— Seu criado, às suas ordens. Em que posso lhe servir?

— Soube que o senhor tem uma novilhada pra vender.

— Ainda que mal pergunte, o senhor tem fazenda na região?

— Comprei na Forquilha, logo depois da Invernada...

— Sou nascido e criado por aqui, já andei aí tudo. Conheço aquilo como a palma da mão.

— Pois é. Comprei, andei arrumando o pasto, dei uma mexida na sede, no curral, pretendo começar a tirar leite agora no início das águas.

— O senhor quer só novilha?

— Só. De preferência bem chegadinha, pra dar cria logo. Ou pelo menos enxertada, abrindo mojo. Saiu o empréstimo no Banco do Brasil, preciso dar produção logo. Vendi um terreno na cidade, pra não ficar apertado no banco. Com essa inflação o dinheiro perde o valor muito depressa, não posso deixar parado.

— Quantas, mais ou menos, o senhor interessa apanhar?

— Umas cinquenta.

— Vou mandar buscar. Vamos chegar, tomar um

café.

— Obrigado. Tou bem aqui.

Já comecei a desgostar do tipo. Apressadinho, consultou o relógio de pulso e falou: — “Me desculpe mas meu tempo é curto. Se não combinar com o senhor, ainda tenho que andar mais. Até amanhã, sem falta, quero resolver esta questão.”

Gritei o pessoal pra juntar o gado, mandei ir em pelo mesmo. O moço quase morria de pressa. Meia hora depois o curral estrelava de novilha cruzada, mais de cem. O sujeito foi escolhendo depressa, separando, logo formou o lote. Aí perguntou:

— Qual é o preço, sô Juquita?

— É trinta conto a cabeça.

— E a condição de pagamento?

— Trinta conto é no cobre, à vista.

— Quer dizer que cinquenta novilhas a trinta contos dão um milhão e quinhentos. É isso mesmo?

— Isso mesmo.

O tal sujeitinho tirou o talão de cheque, pegou uma canetinha dourada e falou, na maior decisão:

— Eu fico com suas novilhas.

Estranhando aquele repente, tentei conferir:

— A trinta conto e na bucha?

— Isso mesmo. Não foi como o senhor pediu?

— Foi, mas...

Calei. Minha boca secou. Na hora, perdi o governo. Pigarreei. Passei a mão na testa, escorria um suor esquisito. Quando consegui falar, quem assustou foi o comprador. Controlando, a voz saindo devagar, eu disse:

— Moço: o que eu pedi foi isto mesmo. Só tem uma coisa, não sei se o amigo vai me entender. Sou homem de palavra, me contraria demais ter de lhe falar assim.

Mas não existe outro jeito. O seguinte é este: negócio com o senhor não posso fazer.

— Que dizer, me desculpe, quer dizer que vai roer a corda, correr cotia?

— Não quero lhe ofender, nem admito que me ofenda. Dá pra ver logo que o doutor é moço da cidade, sem traquejo pra negócio.

— Mas qual é o problema, se eu aceitei a sua proposta?

— Meu filho: eu custei muito a juntar um lote ajeitado como esse, o tempo todo pensando na hora de vender. Entende?

— Acho que não. Independente do negócio, o senhor podia explicar melhor.

— Vou lhe ensinar, vejo que não sabe mesmo. O bom do negócio não é só dinheiro, que a gente ganha e logo gasta. Nem prazo. Trinta dias a mais, trinta dias a menos, não vai acabar com a vida de ninguém. Já não tenho negócio é por causa de outro motivo, que é mais importante.

— E qual é o motivo?

— O bom do negócio é a relagem. Agora, o senhor ir chegando e fechando na hora, assim não tem graça nenhuma. A gente ainda não relou nada...

Sobre o autor

Olavo Celso Romano é mineiro de Morro do Ferro, distrito do município de Oliveira. Nasceu no ano de 1938 e, em 1955, seguiu para Belo Horizonte. Estudou direito, terminou o curso de mestrado em administração e trabalhou como professor e como Procurador do Estado.

Em 1979, resgatando a paixão pela literatura que o acompanhava desde a infância, iniciou a redação de diversos textos poéticos e casos, que viriam a ser publicados, entre outros, no jornal *Estado de Minas* e nas revistas *IstoÉ* e *Veja*. Seus livros, que exploram de maneira sensível a dimensão da fala e da vida do mineiro, conhecidas desde a infância interiorana do autor, logo caíram no gosto popular e foram adotados por escolas de todo o país.

Pela sua produção, foi homenageado por diversas instituições. Hoje, consagrado como contador de histórias, integra também a Academia Mineira de Letras.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora
Record de Serviços de Imprensa S.A.